

Do velho mestre e amigo
Dr. Roder. Provas, com
as sympathias

1713

Silva

DISCURSOS POLITICOS





DR. SILVA MARQUES

SILVA MARQUES

Discursos Politicos

COM UMA INTRODUÇÃO SOBRE O GOVERNO NILO PEÇANHA

EDITOR — BENJAMIN DE AGUILA
Rua do Carmo, 19 — Sobrado
RIO DE JANEIRO

3

✓ 320.08
M357
D.P.

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Est volume acha-se registrado

sob número

2017

do ano de

1946

A

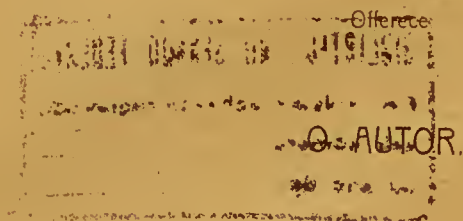
Alexandre Stokler Pinto de Menezes

E

José Ribeiro dos Santos Alves

Companheiros na campanha humanitária
da abolição dos captivos e na propaganda
da Republica,

4



INTRODUÇÃO

I

Este volume comprehende alguns dos discursos politicos que tive occasião de proferir na Assembléa Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

Desprovidos de todo em todo de qualquer merecimento litterario, valem, entretanto, como subsidio para a historia duma epoca de miserias e degradações, a que jamais, até então, descera o povo brasileiro.

Devendo terminar em 1906 o periodo presidencial do conselheiro Rodrigues Alves, trataram os proceres da politica dominante de indicar-lhe o successor.

Accordou a maioria no nome do conselheiro Affonso Penna, homem fraco, mas honesto e patriota. Estes dous ultimos predicados soavam

5

mal aos ouvidos dum grupo de epicuristas, dominados sempre pela ambição do poder é habituados a fazer da Republica o regimen de latrocinios e violencias. Era preciso oppôr-lhe ao menos uma possibilidade na pessoa dum vice-presidente a caracter. Com a morte tambem se conta.

Na presidencia do Estado do Rio havia logrado empoleirar-se, por meio de intrigas e traições, o trapaceiro Nilo Peçanha, mestiço cynico, de beiços grossos e bocca horripilante.

Esse canalhote futil era um compendio de immoralidades, um mixto de cousas torpes, uma coordenação systematica de todas as vilanias, e portanto o individuo (não lhe chamo homem porque seria injuriar gratuitamente aos mais abjectos representantes da especie) predestinado a fazer a fortuna de todos os traficantes, dado que o deus dos ladrões lhe fosse favoravel.

Foi o escolhido. Feito vice-presidente da Republica, perdeu *ipso facto* o cargo de presidente do Estado do Rio, sendo eleito para esse posto o Dr. Alfredo Backer.

Habituaado a lidar com individuos submissos, quiz fazer do seu substituto uma especie de moço de recados, impondo-lhe para os cargos de maior destaque na administração estadual individuos que não tinham outro merecimento senão a solitudine com que desempenhavam o degradante papel de sabujos.

A isso resistiu dignamente o Dr. Alfredo Backer. Nilo rompeu por isso com o amigo da vespera, e pretendeu annullar-lhe a eleição, feita em virtude duma reforma constitucional por elle proprio elaborada e servilmente homologada pela Assembléa Legislativa, tambem obra sua, composta, em grande maioria, do rebutalho da humanidade, recrutado dentro e fóra do Estado.

Verificado o rompimento, a maioria, acreditando que o mais forte na luta era o vice-presidente da Republica, declarou-se solidaria com elle.

A primeira investida contra o presidente do Estado consistiu no processo de responsabilidade por crimes imaginarios, processo que não teve consequencias por não disporem na Assembléa os adversarios do presidente dos dous terços constitucionaes indispensaveis á suspensão do chefe do executivo.

Esse primeiro insuccesso fez com que alguns dos comparsas do vice-presidente da republica voltassem submissos a apoiar o presidente Backer.

Nilo foi bater, então ás portas do Supremo Tribunal, a pretexto duma concessão sobre o canal de Macahé, cuja annullação, por acto judicial, importaria, na opinião do grande cynico, a nullidade do governo do Dr. Alfredo Backer.

Vencido mais uma vez, encaminhou a questão para o senado federal, de que era presidente

por força do cargo, pedindo áquella corporação que declarasse nullo o governo do Estado.

O senado que, por effeito da acção moralisadora do presidente Penna, ainda apparentava ser alguma cousa mais do que uma casa de tolerancia, declarou-se incompetente e mandou archivar o projecto.

Foi o golpe decisivo na ambição do grande falcatrueiro.

Os transfugas (ou mulheres publicas, conforme os qualificou Barboza Lima) que elle havia investido de funcções legislativas no Estado, abandonaram-n'o por completo, passando o Dr. Alfredo Backer a dispôr de grande maioria na Assembléa.

Nilo, abandonado como um cão leproso, assumiu então attitudo de propheta da desgraça. A dentuça postiça dançava-lhe fantasticamente na boca, como se quizesse fugir daquelle antro perigoso, o queixo formidavel se lhe alongava em fórma de trombeta fatidica, annunciando grandes calamidades.

II

Tivemol-as, com effeito, nas suas peores manifestações. *Ita diis placuit.*

Morto Affonso Penna em Junho de 1909,

segundo uns por effeito dum accesso de grippe, segundo outros como consequencia da resurreição do processo dos Borgias, o capadocio era de direito presidente da Republica.

Ainda o presidente agonisava no leito de morte e já o ignobil pelotiqueiro ensaiava as farças e piruetas que pretendia exhibir no scenario da politica nacional.

Diante do cadaver do honrado velho, o incorrigivel palhaço envergou o habito de Tartufo.

Por fóra a compuncção da hypocrisia, por dentro a alegria do ladrão que, após os sobressaltos da escalada, depara enfim o thesouro cubicado.

Vae começar o espectaculo. E' um carnaval macabro, de sangue, roubalheiras e luxuria. A Assembléa do Estado do Rio dá mais um exemplo de degradação moral.

As ignobeis creaturas de Nilo passam a apoiar mais uma vez o creador. Desta vez sem rebuços nem disfarce, antes com solemnidade, por deliberação tomada em reunião publica, presidida por Quintino Bocayuva, o patriarca da fraude e da Republica dos Tratantes.

Sendo porém o numero desses patifes inferior aos dous terços constitucionaes necessários ao processo e consequente suspensão do presidente do Estado, não pôde o sacripante usar dessa medida apparentemente legal: teve de lan-

çar mão dos processos mais degradantes para chegar aos seus fins.

Approximando-se o pleito eleitoral de que devia sair a renovação da Assembléa Legislativa e das camaras municipaes, Nilo fez occupar todas as circumscripções por soldados do exercito.

A pequena minoria, composta de transfugas e aventureiros, a que elle chamava «o seu partido», só conseguiu, com esses recursos, forjar duplicatas grosseiras. Algumas camaras municipaes foram tomadas de assalto. Em Macahé, a força sequestrou o juiz de direito, Dr. Silva Pinto, homem de mais de setenta annos, e obrigou-o, sob pena de morte, a fazer a apuração de eleições falsas, servindo de mesarios vagabundos conhecidos, enquanto os verdadeiros serventuarios eram presos e guardados á vista no quartel.

Nas vesperas da apuração da eleição para deputados, Nilo comprou diversos juizes que deviam compôr as juntas, uns por dinheiro extorquido ás arcas do Thesonro, outros por empregos mais vantajosos. Desses, os que se venderam a dinheiro, ainda são juizes no Estado, os outros occupam actualmente logares de differentes categorias nos ministerios da Viação e da Agricultura.

Por occasião da apuração do pleito no terceiro districto, o Dr. Francisco Chaves de Oliveira Botelho, candidato de Nilo á presidencia do Estado, partiu da capital em trem especial, pago

pelos cofres publicos, com destino á cidade de Cantagallo, levando dinheiro e um livro de cheques para comprar juizes.

Apuradas as falcattruas, voltaram no mesmo trem o comprador e os pobres juizes vendidos, todos alegres, misturados em ruidoso cancan regado a «champanhe»; pelo mesmo preço por que viajavam em trem especial.

Apresentadã, pouco depois, a candidatura do Dr. Edwiges de Queiroz á presidencia do Estado, iniciou este illustre fluminense, de accordo com as praxes democraticas, uma excursão eleitoral a todos os municipios.

As festas, com que era recebido o candidato da quasi unanimidade do eleitorado, irritaram grandemente a vaidade de Nilo que, empenhadó em fazer acreditar que dispunha de prestigio politico no Estado, mandou perturbar as manifestações por soldados federaes. Macahé foi theatro dos mais graves acontecimentos. Dansavam as familias macahéenses no principal hotel da cidade, em regosijo pela visita do Dr. Edwiges, quando ás 10 horas da noite foi o hotel atacado por cincoenta soldados que fizeram sobre a sala do baile successivas descargas. Devido á altura do edificio, não houve mortes, mas o tecto, as paredes e janellas ficaram crivadas de balas. O hotel continuou cercado toda a noite pelos soldados, que ao amanhecer penetraram no edificio, prendendo entre outras pessoas, o juiz de direito

da comarca, Dr. Abel Graça Junior, para lá transferido em substituição do antigo juiz, que depois do sequestro soffrido, a que já me referi, pedira aposentadoria.

Como complemento desses factos, os apani-
guados de Nilo saquearam a prefeitura, roubaram os moveis e destruíram todos os livros e documentos.

Afim de providenciar sobre a liberdade do juiz, regressámos á capital eu, o Dr. Edwiges de Queiroz e o coronel Virgilio Fortes. Verifiquei ao chegar que os acontecimentos de Macahé haviam sido planeados no palacio do Cattete, em reunião presidida pelo proprio Nilo Peçanha, tendo ficado assentado o assassinato do Dr. Edwiges de Queiroz e do prefeito de Macahé, que era o autor destas linhas.

Approximando-se o dia da eleição, os comparsas de Nilo, vendo que a despeito de todas essas violencias ou talvez por isso mesmo, não conseguiam senão diminuir o já reduzido numero de adeptos, resolveram o assassinato dos chefes politicos adversos. Foi assim que Honorio de Souza, chefe do districto do Sanna, ao sair da igreja, onde estivera assistindo ao casamento duma filha, justamente quando se celebrava a festa religiosa do padroeiro da localidade, recebeu uma descarga de quinze carabinas, caindo morto no meio de outros feridos.

A força perseguiu ainda, a longa distancia, a

multidão de crentes que fugiam espavoridos, e, ao voltar ao local do crime, obedecendo exclusivamente ao instinto de canibalismo, disparou novamente as armas sobre o cadaver já frio da victima.

No dia seguinte era tambem fuzilado covardemente o chefe politico de Conceição de Macabú, Antonio Pereira da Silva.

Factos analogos passaram-se em Monte Verde e outros pontos do Estado, e até hoje a justiça publica não deu signal de vida, o que prova que vivemos realmente no regimen da lei.

Na vespera do dia fixado para a reunião da nova Assembléa Legislativa, em sessões preparatorias de reconhecimento de poderes, Nilo mandou que o respectivo edificio fosse occupado por soldados, afim de que nelle não tivessem entrada os legitimos eleitos.

A' vista disso o Dr. Alfredo Backer, presidente do Estado, transferiu a séde do poder legislativo para a cidade de Petropolis.

No mesmo dia em que appareceu o decreto de transferencia, Nilo fez séguir para ali cerca de duzentos soldados, e mandou que os seus compar-sas organisassem uma duplicata de assembléa.

Emquanto o poder legislativo, constituido regularmente, funccionava de perfeito accordo com os outros poderes, a ridicula instituição nilesca fingia reunir-se em uma casa particular.

O subsidio dos pseudos deputados, as despe-

zas com o aluguer da casa e os individuos que faziam de funcionarios eram pagos clandestinamente pelos cofres federaes: a principio pela verba da secção *Zootechnica* do Ministerio da Agricultura, depois pela verba secreta da policia e, esgotadas estas, pela verba — *forragens*, da Brigada Policial.

Tudo isso parece comico, mas é logico.

O que não é logico, embora seja comico, é o facto seguinte: Nilo, emquanto alimentava, por esse modo, o seu ajuntamento legislativo de mentira, mandava que os seus alcoviteiros no senado apresentassem um projecto de lei reconhecendo aquillo como poder legislativo do Estado do Rio.

O projecto, monstruosamente inconstitucional, mesmo na opinião dos gallinaceos daquella casa do Congresso, foi approvedo quasi unanimemente, tendo apenas protestado contra semelhante disparate o illustre senador Ruy Barbosa.

Compare-se esse procedimento com a conducta que tiveram os mesmos senadores quando Nilo lhes pediu que annullassem a eleição do Dr. Alfredo Backer ao cargo de presidente do Estado; e diga-se depois de que especie de gente se compõe o senado brasileiro!

Felizmente na camara dos deputados não logrou a maioria fazê-lo approvar emquanto Nilo esteve na presidencia da Republica. A minoria,

chefiada por Irineu Machado, Barbosa Lima e Antunes Maciel, oppoz serios obstaculos á passagem do monstro. Mais tarde, como veremos, elle terá tambem o voto da camara.

III

O que ficou dito é apenas uma synthese apagada do que foi o governo de Nilo Peçanha relativamente ao Estado do Rio. Quanto ao resto, as mesmas miserias e os mesmos crimes.

Tendo tomado parte, antes da morte de Afonso Penna, na indicação do marechal Hermes ao cargo de presidente da Republica, logo que assumiu o poder pensou em trahir o compromisso, organisando elementos no governo que pudessem garantir o exito da propria candidatura.

Primeiramente instou com o general Mendes de Moraes, ministro da guerra, e almirante Alexandrino de Alencar, ministro da marinha, ambos da confiança do seu antecessor, para que se conservassem nas respectivas pastas. Negando-se aquelle illustre general a ser ministro do capadocio, nomeou elle o general Carlos Eugenio, cuja correção e lealdade eram de molde a inspirar confiança a ambos os grupos politicos.

Para a pasta da agricultura chamou o Dr.

Candido Rodrigues, filiado á politica de S. Paulo e partidario convencido da candidatura Ruy Barbosa.

O plano era obter a desistencia deste e depois a do marechal Hermes, para ser elle o candidato de conciliação, devendo o lamentavel sr. Quintino Bocayuva, na qualidade de vice-presidente do senado, occupar a presidencia da Republica e dirigir o pleito. Mas nenhum dos candidatos desistiu, nem o genial bahiano nem o marechal Hermes, e com a permanencia no cargo Nilo tornou-se incompativel.

Mudou então de tactica o famigerado capadocio. Demittiu o general Carlos Eugenio de ministro da guerra e despediu, como se despede a um laçao, do cargo de ministro da agricultura o honrado Dr. Candido Rodrigues.

Substituidos esses altos funcionarios, o famoso canalha constituiu-se campeão da candidatura Hermes, com o unico fim de agradar a uma parte do exercito e conquistar pela força o Estado do Rio, em cujo territorio praticaram-se as violencias de que já demos palida noticia.

A partir desse momento não houve crime de que elle não se fizesse réu. Para que a quadrilha dos irmãos Nery se apoderasse novamente do Amazonas, mandou atacar a cidade de Manaos por forças de terra e mar, de cuja acção conjuncta resultaram dezenas de mortes, inclusivè mulheres e crianças, além de grandes prejuizos mate-

riaes. Dissolveu a assembléa municipal do Districto Federal, entregando o governo do Districto á dictadura do prefeito.

Distribuiu os dinheiros publicos por meio de *avisos reservados* aos seus louvaminheiros e alcaïotes, deixando completamente esgotadas as differentes verbas ministeriaes.

Associado ao ministro da viação e a outros salteadores, inclusive o irmão Alcibiades, distribuiu concessões e favores escandalosos de que resultaram para a Republica compromissos superiores a quinhentos e vinte mil contos, só em negocios de estradas de ferro.

E para completar a obra de acanalhamento republicano, transformou em casa de tolerancia o palacio do Cattete, em cujas salas, que lembravam ainda a gravidade do seu antecessor, surprehendeu a reportagem as mais degradantes scenas de luxuria. Archi-millionario ao deixar o poder, por effeito das ladroeiras praticadas, não teve coragem de sair do palacio á hora em que sempre o fizeram todos os presidentes civis e militares não immolados á ambição dos gosadores; esperou que a noite caísse e quando mais forte se fazia sentir o aguaceiro, afugentando os transeuntes, deixou o esconderijo em carro fechado e foi tomar o trem especial que o conduziu á fazenda da Loanda, onde esteve guardado por soldados armados e municiados até a sua partida para a Europa. Escapou assim aos apupos da mul-

tidão e aos chicotes vingadores que o esperavam, mas não escapará á Justiça da Historia.

IV

Nos discursos que se seguem, reproduzidos taes quaes foram pronunciados, deixei patente a confiança por mim depositada no marechal Hermes que nunca suppuz capaz de depor *manu-militari* um presidente de Estado. Tratava-se realmente dum caso de tal gravidade que Nilo Peçanha, o maior interessado e capaz de todas as infamias, não teve coragem de fazê-lo. Entretanto o marechal Hermes, que eu sabia contrario a tal violencia, não soube resistir aos maus conselhos do genêral Pinheiro Machado e do sr. Quintino Bocayuva, o sybarita senil desta Republica de carnaval, e na ante-vespera do dia fixado para a transmissão do poder, foi deposto o Dr. Alfredo Backer que não poudo por isso empossar o Dr. Edwiges de Queiroz, seu legitimo successor, no cargo de presidente do Estado, depois violentamente occupado pelo Dr. Francisco Chaves de Oliveira Botelho.

Pretendendo legalisar esse abuso, a camara dos deputados votou o projecto do senado que reconhecia como assembléa legislativa do Estado,

a criminosa duplicata arranjada por Nilo Peçanha, mas como os poderes da união não tem competencia para intervir no reconhecimento de assembléas estadoaes, o acto do legislativo federal foi justamente recebido como mais um attentado á Constituição da Republica.

19 de Outubro de 1911

SILVA MARQUES.

12

Discursos pronunciados na Assembléa Legislativa
do Estado dõ Rio de Janeiro

13

Discurso proferido na sessão de 27 de agosto de 1910

O SR. SILVA MARQUES — (*movimento geral de attenção*):

Sr. presidente, agora que vae ser proclamado, na pessoa do dr. Edwiges de Queiroz, o eleito do povo fluminense, para reger legitimamente os seus destinos, penso que é chegado o momento de levantar tambem, desta tribuna, solemne e vehemente protesto contra esse alude de lama que, com o nome de intervenção federal, ameaça, não só a autonomia do Estado, como tambem os proprios fundamentos do regimen federativo. (*Muito bem*).

O SR. LIMA ROCHA — Está morta a federação.

O SR. JULIO DOS SANTOS — Si não pudermos resistir, estará morta a federação.

O SR. SILVA MARQUES — Não se trata de uma medida justificada pelas circumstancias, nem de leve amparada na constituição (*apoiados*); trata-se unica e exclusivamente de um acto de franco despotismo que legitimaria todos os meios de resistencia, si porventura nos faltasse, em ultima instancia, o apoio efficaz e definitivo dessa mesma lei que se procura estrangular com desusado cynismo.

Mas o que revolta, o que assombra, nêssa negra e machiavelica machinação contra a ordem republicana,

contra os altos interesses da federação, contra a integridade da Patria, contra a evolução da nacionalidade, porque ninguem pôde prever as perturbações de natureza politica e de natureza economica de que seria causa efficiente essa medida dictatorial, não é que ella tenha sido planejada pelo vice-presidente da Republica; nós todos lhe conhecemos o estofo, nós todos lhe conhecemos o diametro das ambições, nós todos lhe conhecemos a falta absoluta de escrupulos, como ninguem ignora que é elle o grande interessado nessa desastrosa perversão do regimen; o que admira, o que se não comprehende, sem prévia invocação aos manes de Machiavel, é que o Congresso Nacional, em cujas attribuições está incluída tambem a de velar na guarda da constituição e das leis, tenha abençoado essa gargalhada mephistophelica do Cattete para que ella pudesse, vencendo o pudor da verdade, cobrindo de crépe e de vergonhã a estatua da Justiça, transformar o aventureiro sem escrupulos em victima indefesa de uma supposta tyrannia. Esse procedimento da mais alta corporação legislativa do paiz, e não a conducta do vice-presidente da Republica, é que nós faz receiar um momento pela sorte da República no Brazil. (*Apoiados*).

Ninguem diria que o Senado Federal, após vinte annos de vida republicana, através de revoltas armadas e de outras commoções intestinas, pudesse approvar, quasi sem debate, o parecer assignado por um senador e redigido fóra do recinto por um candidato a deputado, attribuindo-se competencia para verificar poderes de assembléas estadoaes, contrariamente ao espirito do regimen e com flagrante violação dos textos constitucionaes. (*Muito bem*).

O facto é tão violento, é tão extraordinario, é tão incomprehensivel, pela sua monstruosidade, que o povo já se mostra propenso a ver nelle o producto de uma

corrupção, apontando até nomes de senadores vendidos a tanto por cabeça.

Não, sr. presidente, eu não posso acompanhar essa corrente apaixonada da credulidade popular, porque me repugna admittir que representantes dos Estados nesse ramo do Congresso, por mais baixo que se lhe tenha feito descer o nível, hajam accettato por dinheiro o papel de traidores da Patria e da Republica. (*Muito bem*).

O Senado de Caligula beijava, sem repugnancia, as plantas de Cesar, mas não me consta que houvesse levado a sua baixeza, o seu servilismo, a sua ignominia, ao ponto de lhe vender a patria em leilão.

Com effeito, sr. presidente, admittir que o vice-presidente da Republica, para obter, em beneficio de seus interesses, a abdicação dos outros poderes em que se desdobra o exercicio da soberania nacional, não tivesse mais do que acenar-lhes com as arcas do Thesouro, seria proclamar o nosso proprio suicidio, a nossa propria morte moral, porque tenho para mim que a viver mergulhado em taes abjecções é mil vezes preferivel desaparecer por completo nas entranhas da terra.

Que dirão de nós as gerações futuras? Que logar mais negro do que as Gehenas nos reservaria a historia da Republica? Ella não poderia dizer de nós senão que fomos uma geração de indignos, vivendo commodamente a vida dos organismos sem voz...

O SR. BARRETO DURÃO — Dos organismos infusorios.

O SR. SILVA MARQUES — ... numa época em que a depravação moral era o unico titulo de civismo, o unico apanagio dos homens publicos, em que no seio das grandes corporações politicas encontravam abrigo os corruptos e os vendidos, para que o povo, vendo ins-

tallada, no alto, a mais perigosa das prostituições, melhor pudesse ajuizar da sua propria degradação; numa época em que eram taes e tão numerosos os casos de vilania e de corrupção, que a ninguem, por maior que fosse a sua argucia psychologica, seria possivel, voltando os olhos para as altas espheras politicas, para as altas regiões do poder, dizer, com segurança; onde começava o homem e onde acabava o porco, ou vice-versa: onde começava o porco e onde acabava o homem. (*Hilaridade, applausos prolongados*).

Não, sr. presidente, eu repillo desde já esse provavel juizo da historia, repillo e amaldição como se amaldiçoa a calumnia, em nome daquelles que preferem ás commodidades de uma fortuna que degrada, a modestia nobilitante da pobreza e da simplicidade republicana. (*Muito bem*).

Os povos, como os individuos, estão na contingencia das boas e das más jornadas; devem contar, qualquer que seja a phase da sua evolução, com a covardia de uns, com a traição de outros, com a duplicidade de muitos; mas se esses momentos de crise dolorosa têm o poder ás vezes de abalar a fé no intimo das consciencias, elles não conseguem, por mais que se prolonguem, impedir a marcha de um povo para a etapa final de seus destinos. (*Applausos geraes*).

De Sparta, cujos soldados se dizia que herdaram para a guerra a invulnerabilidade dos deuses, aponta a historia uma época em que tudo se vendia, desde os cargos remunerados e as judicaturas, até o proprio sacerdocio nos templos, e o historiador Deodoro de Sicilia affirmava, apostrophando os governos dos tyrannos, que elles não só violavam as leis humanas, como também as leis divinas, despojando os templos para satisfazerem a propria cobiça, rindo-se dos deuses e de seu poder.

De Roma, quando ainda se irradiava sobre o mundo o esplendor da cidade tribunicia, disse Jugurtha, um rei barbaro, que só faltava um comprador áquella metropole venal.

E ainda mais tarde, nessa mesma cidade dos Cesares, nesse mesmo nucleo da civilização antiga, uma associação clandestina, com o nome de «Bacchanaes», a pretexto de honrar as virtudes de Baccho, punha em perigo a sociedade e a constituição romanas. Esse centro mysterioso de prostituição, reservado a principio ás mulheres e mais tarde franqueado tambem aos homens, que passaram assim, pela primeira vez, á condição de mulheres publicas (*sussurro*) foi o veneno lançado sobre a moral, foi a mortalha negra amplamente aberta sobre todas as virtudes, sobre todas as coragens, sobre todos os heroismos.

Os crimes multiplicaram-se numa progressão desusada, appareceu a corrupção de juizes e de legisladores, appareceu a concussão, appareceu o suborno, appareceram os avisos reservados, appareceram enfim as concessões escandalosas a syndicatos ladravazes que podiam de qualquer modo favorecer as ambições inconfessaveis de Cesar.

Sei que estamos no Brazil, no anno da graça de 1910, aos primeiros clarões do seculo XX, e não na velha cidade dos Catões, dos Gracchos e dos Traséas, mas não sei dizer si vivemos sob o governo de Baccho ou de Mercurio (*riso*), talvez porque me repugne a convivencia dos deuses suspeitos.

Uma cousa, porém, posso affirmar, em toda a tranquillidade da minha consciencia: é que esse planejado acto de despotismo, esse gesto de demencia revolucionaria, impropriamente chamado intervenção federal e que eu continuo a qualificar de alude de lama, não é sómente productô da corrupção de caracteres, é tam-

bem uma manobra politica que cumpre ser desvendada para melhor comprehensão de futuros acontecimentos, com que teremos de ser em breve surpreendidos.

Ninguém ignora que no extremo sul, onde os proceres da situação dominante foram sempre e systematicamente adversos a qualquer ingerencia dos poderes da União na economia interna dos Estados, alguém se prepara para disputar a supremacia politica no proximo quatriennio presidencial.

Conjugando os seus interesses com os do vice-presidente da República, o sr. Pinheiro Machado quer, não só fazer alarde de prestigio para que lhe venha ter ás mãos o bastão de commando, como tambem organizar elementos de resistencia para quando soar a hora de combate final ao sr. Rosa e Silva, que talvez tenha de contribuir com a votação da bancada pernambucana para a sua propria annullação. (*Apoiados*).

Evidentemente, o sr. Pinheiro Machado, manejando á vontade 17 deputados e 3 senadores pelo Estado do Rio de Janeiro, unidos no mesmo viatico para a vida e para a morte á deputação rio-grandense, poderá conquistar pela força aquillo que talvez não conseguisse pelos seus meritos.

O SR. BARRETO DURÃO — E' o preparo para o seu futuro predomínio politico.

O SR. SILVA MARQUES — E' ésta, sr. Presidente, a verdadeira psychologia da attitude criminosa do senador Pinheiro Machado neste vergonhoso caso da intervenção.

Não extranho, entretanto, a conducta do homem, cujo valor procuro em vão nas paginas de um livro, num artigo de jornal, num discurso parlamentar, em um movimento de assignalado patriotismo, vendo-lhe apenas a fluctuar na cabeça, como titulo de beneme-

rencia, o penacho de heroe de samambaia (*riso*), conquistado nas campinas do sul, em emboscadas mais ou menos sangrentas, duma guerra fratricida.

O SR. BELISARIO DE SOUZA — Não apoiado, neste ponto; o sr. Pinheiro Machado prestou grandes serviços á Republica no Rio Grande do Sul.

O SR. MUNIZ VARELLA — Apoiado.

O SR. SILVA MARQUES — Não discuto, não extraño essa attitude e nem della lhe peço contas. Quero saber, e isso é um direito que me assiste, como brasileiro e como republicano, quero saber que fizeram os srs. Carlos Barbosa e Borges de Medeiros do evangelho ensinado por Julio de Castilhos, desse credo politico firmado em longo apostolado, desse respeito quasi supersticioso pelo art. 6.º da Constituição.

Então porque se trata de um interesse *pro domo*, de uma simples possibilidade de mando, escondem-se os principios no sacco das conveniencias? joga-se a federação ás ortigas e vibram-se golpes de morte contra a propria Republica?

Não, sr. presidente, os que assim procedem não têm mais o direito de invocar tradições republicanas; serão tudo quanto quizerem; serão falsos apóstolos da democracia, ousados aventureiros da palavra, mas nunca republicanos de convicções e de principios. E é para obter da historia um certificado de apostata e de suicida que o senador Pinheiro Machado affirma em pleno Senado, com a responsabilidade de seu nome, que o projecto Azeredo vem restabelecer principios violados e liberdades asphyxiadas, quando elle sabe, melhor do que ninguem, que o governo do Estado do Rio prima justamente pela tolerancia e pelo respeito á lei (*apoiados; muito bem*), e que si, no sólo fluminense, houve violação de principios e asphyxia de liberdades, obra não é sinão do vice-presidente da Republica, seu

socio e seu comparsa no monstruoso projecto votado pelo Senado, mas que a Camara dos deputados, que representa mais genuinamente a vontade do povo, rejeitará com dignidade, com independencia, para honra da Republica. (*Apoiado*).

Mas nêem a isso se reduz o lamentavel papel do senador rio-grandense, em todo este deboche nacional...

O SR. THIERS CARDOSO — Verdadeiro carnaval.

O SR. SILVA MARQUES — Para obter a cumplicidade da Camara na approvação do monstruoso projecto liberticida, que ou não passará de uma ameaça, ou será a mortalha do regimen e dos homens que a deshonram, elle serve-se justamente do prestigio do marchal Hermes, do seu nome, como de uma chave magica para abrir as portas á intervenção.

Apreção-se na Camara, de bancada em bancada, sempre com as reservas de Tartufo, e com as perfidias de Machiavel, e cá fóra em todos os corredores, em todos os cafés, em todas as reuniões, onde o boato pôde adquirir azas, a existencia de um supposto telegramma do presidente eleito ao sr. Pinheiro Machado, dando-lhe a liberdade de resolver, como entender, o caso fluminense, ou melhor — a liberdade de satisfazer as ambições do sr. Nilo e os seus proprios interesses.

E' mais uma mentira que cumpre ser desmascarada por todos os meios e por todos os processos.

Não chegou, nem chegará semelhante telegramma, que só existe na fantasia dos intrigantes.

Si elles estivessem de posse desse cobiçado talisman, não teriam encommendado o famoso telegramma do sr. Manuel Bomfim, que toda a gente sabe ser um serviçal do sr. Pinheiro Machado, prompto a defender os interesses do caudilho, porque defende os seus proprios.

Não me preocupô, nem me quero preocupar com o sr. Manuel Bomfim, nem com o seu ridiculo telegramma.

Volto ao caso da exploração do nome do marechal Hermes da Fonseca que, politicos sem escrupulo querem transformar em gazúa para abrir as portas á intervenção.

O que se pretende com essa manobra politica é vencer o marechal com o proprio marechal, é obter elementos de resistencia futura á sua liberdade de acção, servindo-se do seu nome e do prestigio que lhe vem da sua investidura politica.

Por maior, porém, que seja o poder da intriga, por mais variados que sejam os processos da ambição, estou plenamente convencido de que ninguém se deixará illudir pelos gritos agoureiros da satanita do abysmo; nem o marechal Hermes se deixará prender nas apertadas malhas de Chrysippo, para ter mais tarde de lutar contra inimigos disfarçados, talvez sobre os destroços fumegantes da propria Republica. (*Muito bem*).

Qualquer que seja, porém, a situação que nos reserve esse acto revolucionario, esse golpe de morte vibrado contra a constituição da Republica, penso que está préviamente traçada a conducta dos verdadeiros republicanos e dos verdadeiros patriotas.

Quando em um paiz livre, uma facção se levanta injustamente contra o poder regularmente estabelecido, legalmente instituido, firmado na fé dos contratos e fiel aos principios soberanos, a autoridade não hesita — desembainha a espada e cumpre dolorosamente o seu dever, contando de ante-mão com os applausos de todos os homens de bem.

Restabelecido o imperio da lei, nada mais perturba a paz das consciencias satisfeitas. Mas quando é em

nome do proprio poder que se faz soar a trombeta da revolução, quando é o proprio poder que, esquecendo os seus deveres de sentinella da lei, transforma as forças que lhe foram confiadas, como atalayas da patria, em instrumento odioso das suas proprias ambições, então a ninguem, nem mesmo aos iniciados nos mysteriõs da prophecia, é dado desvendar o segredo do futuro. Só Deus sabe o que a fatalidade nos reserva nas entranhas tenebrosas do chaos. (*Muito bem! Applausos prolongados*).

Reduzida a lei a uma ficção, a um desprezível farrapo nas mãos do despotismo, o scenario politico transforma-se numa mesa de jogo, onde o acaso decide de todos os destinos.

Hoje tu, amanhã eu. E' a cartada da vida no azar da liberdade. (*Muito bem*).

A ultima palavra, a palavra vencedora, será a palavra da Justiça, que não nos pode abandonar neste pugilato do direito contra a violencia, da lei contra o abuso, dos principios soberanos contra a violação das fórmulas republicanas, nesse pugilato em que nos sentimos bem, em que nos sentimos satisfeitos, em que nos sentimos glorificados ao lado do benemerito presidente do Estado (*muito bem; apoiados*), cujo nome já não é somente um padrão fluminense (*applausos*), é mais do que isto: é um patrimonio nacional.

(*Palmas prolongadas no recinto e nas galerias. O orador é cumprimentado por todos os seus collegas*).

Discurso proferido na sessão de 12 de setembro de 1910

O SR. SILVA MARQUES — (*Movimento geral de atenção*) Sr. presidente, esse caso de intervenção no Estado do Rio, que tenho fugido sempre de discutir, por que entendo que uma affronta não se discute, repelle-se, continúa a ser o espelho em que se reflecte toda a degradação moral desta época. Elle dá ideia de que vivemos em Babilônia, nos aureos tempos de Semiramis, assistindo ás scenas dissolutas do famoso templo, onde as sacerdotizas de Milytta, para maior realce da orgia, vestissem as calças de senadores e deputados da laia dos Azeredos e dos Fredericos Borges (*hilaridade prolongada*).

Não venho discutir o caso, nem quero passar por demente, procurando evitar que no pontificado politico do eminente sr. Nilo Peçanha seja distribuido generosamente o premio que cabe á prostituição.

Sempre fui coherente commigo mesmo ; nunca dei-xei de prestar ao estadista da Loanda e dos arrozaes de Pendotiba as homenagens a que têm direito as Milyttas de todos os tempos, quer se exhibam de saias, quer se nos apresentem de calças. Por isso mesmo não indaguei o preço do parecer Azeredo, do voto do senado e da dedicação do sr. Frederico Borges, esse

lamentavel professor de direito, cujas lições peço a Deus sejam esquecidas pela mocidade de minha Patria, com a mesma rapidez com que esqueciam as agruras da vida aquelles que logravam beber das aguas milagrosas do Lettes. (*Varios srs. deputados: Apoia-dissimo*).

O SR. SILVA MARQUES — Que esse caso é um caso typico, é um expoente de todas as nossas misérias, já a ninguém é licito pôr em duvida.

Não ha quem não esteja plenamente convencido de que elle representa antes de tudo uma formidavel bandalheira, uma revoltante immoralidade (*muito bem*), uma violação do pacto republicano, e, como bem definiu o grande espirito de Ruy Barbosa, a ultima traição feita á Republica. (*Apoiados. Muito bem*).

Tudo isto, porém, sr. presidente, são effeitos decorrentes de uma mesma causa, porque a vida publica do Brazil está perfeitamente caracterizada nestes dois elementos que se cortejam, se correspondem e se completam: o despotismo na politica e a deshonestidade na administração. (*Apoiados, muito bem*).

O SR. SEBASTIÃO BARROSO — Isto caracteriza a época, não ha duvida.

O SR. SILVA MARQUES — Opprimidos, ao peso dessa dupla alluvião de lama, não devemos extranhar que o Senado tivesse approvado, como signal visivel da sua decadencia moral, o parecer comprado ao senador Azeredo com o dinheiro do Thesouro; não devemos extranhar que esta ancia com que se procura fundir a gazúa da intervenção nas forjas do poder legislativo, leve os autores dessa monstruosa falcatrúa a estrangularem o regimento da Camara, como já estrangularam a constituição, como já afogaram o proprio pudor no lamaçal das conveniencias; não devemos extranhar que os aventureiros de posição

colloquem os seus interesses acima da constituição, acima da Republica, acima dos proprios deveres da Nação, impedindo que ella prestasse homenagem a um governo amigo, no momento em que um golpe da fatalidade o havia coberto de luto e de tristeza. (*Muito bem ; applausos*).

Foi isto, sr. Presidente, o que se passou na ultima sessão da Camará, com o requerimento do brilhante parlamentar Barbosa Lima, quando o talentoso representante do Districto Federal pedia que se suspendesse a sessão em homenagem á Nação chilena, pela morte do seu presidente. (*Apoiados*).

Felizmente, naquelle ramo do Congresso ainda ha quem saiba honrar o seu mandato...

O SR. VIRGILIO FORTES — *Apoiado*.

O SR. SILVA MARQUES — ...ainda existem homens independentes, capazes de resistir com patriotismo e dignidade á corrente de interesses e ambições que desce, encachoeirada e lamacenta, das alturas do poder. Isso, porém, sr. Presidente, não esconde o perigo que ha em dar-se á prostituição a possibilidade de ser um dia o arbitro dos destinos politicos de um povo, e a prova é que lhe estamos soffrendo agora as consequencias, é que estamos sendo quasi asphyxiados ao peso deste esterquilinio. (*Apoiados*).

O quanto são perigosos os vestigios dessa lepra dil-o uma pagina de Eugène Pelletan, ao historiar, cheio de nauseas, o reinado de Luiz xv.

A marquezia de Pompadour era o arbitro dos destinos da França, cuja politica orientava conforme a sua vaidade de mulher, a sua colera de momento ou o interesse dos seus amantes.

Luiz xv, no começo do seu reinado, havia feito alliança com Frederico contra a Austria.

Depois de ter assim creado de algum modo o po-

der da Prússia, elle muda de attitúde, procura a amizade da Austria, provocando um adversario que elle mesmo havia fortificado, talvez para augmentar o perigo da sua nova politica.

Bourdonnay consegue reerguer na India a gloria do pavilhão francez; uma ordem do rei manda encerrar-o na Bastilha.

Dupleix vae conquistar a India pelo seu genio, mas um jesuita consegue arrancar contra elle uma ordem de banimento; elle havia adiantado toda a sua fortuna ao Thesouro Publico, o governo paga-lhe com a bancarrota.

Emquanto o povo caminhava de derrota em derrota, de vergonha em vergonha, a marquezia encomendava um novo vestido á sua modista e a nobreza gemia sob a decadencia da etiqueta (*risos*), enquanto a França perdia a hegemonia politica, na Europa os favoritos da marquezia e os protegidos dos seus favoritos, tripudiavam sobre a justiça, zombando da moral e faziam das suas concubinas o elemento decisivo nos actos do poder. (*Muito bem*).

No interior a podridão, a intriga e a venalidade, no exterior a derrota e a humilhação.

Como explicar essa mudança de politica e de diplomacia?

É que Frederico havia menosprezado a marquezia e Maria Thereza não se pejava de lhe louvar as virtudes.

Para vingar a dôr de uma alfinetada, Pompadour precipitou a França na guerra dos sete annos, poz á frente do Exercito generaes de alcova.

As tropas francezas foram batidas, as esquadras destruidas, as colonias arrebatadas, uma a uma, pela Inglaterra, o Canadá abandonado ao inimigo, não obstante a defesa heroica de Montcalm. E enquanto a

França perdia os foros de grande potencia, para sujeitar-se á humilhação da Hespanha, a marquezia de Pompadour subia em poder e riqueza, recebendo successivamente do seu amante ou do seu amigo dinheiro, palacios e baronias.

Não sei nem quero saber os nomes das Pompadour de calças que o sr. Nilo enriqueceu durante o seu curto e hilariante reinado.

Não me trouxe á tribuna o desejo de apurar as mazellas da situação; invocarei, a seu tempo, para ellas a justiça inflexivel da Historia. Por hoje quero apenas protestar contra mais uma manobra indecente com que se pretende arrancar o voto da Camara em favor do caso da intervenção.

Já não produz mais effeito a exploração que se fazia com o nome do marechal Hermes, cuja opinião, toda a gente sabe, é positivamente contraria a esse planejado attentado.

O SR. LIMA ROCHA — Até em Berlim se sabe disto. Tenho um amigo que de lá veio e me affirmou ser conhecida ali a opinião do marechal Hermes, contraria á intervenção. Não declino o nome, porque tratando-se de um funcionario, não quero que lhe aconteça o mesmo que a mim. O sr. Nilo Peçanha absolutamente não tem escrúpulos. (*Apoiados*).

O SR. SILVA MARQUES — Ainda bem que v. ex.^a o sabe.

Cessaram os telegrammas fabricados com a responsabilidade do sr. Manoel Bomfim ou da Agencia Americana...

O SR. THIERS CARDOSO — Até o Tolentino desapareceu...

O SR. SILVA MARQUES — ...procura-se agora usar de novos artificios, novo expediente, novo estratagemas; quer fazer-se acreditar, como si a maioria da Camara

fosse composta de imbecis, que o caso da intervenção é uma questão partidaria entre o *civilismo* e o *hermismo*.

Nunca se viu maior desplante!

Essa questão das candidaturas é uma questão de hontem, como muito bem assignalou o brilhante parlamentar Barboza Lima, comparada com o caso fluminense, em que o sr. Nilo Peçanha vem agitando o Estado, vem creando todas as difficuldades ao governo do dr. Alfredo Backer, e isto ha mais de tres annos.

UM SR. DEPUTADO — Ao Estado do Rio.

O SR. THIERS CARDOSO — E *reservadamente* vem tambem fallindo o Thesouro Nacional.

O SR. SILVA MARQUES — E' bem conhecida a historia do chamado caso fluminense. Ha tres longos annos que o sr. Nilo Peçanha perturba a paz no seu Estado. Logo que elle rompeu com o governo do dr. Alfredo Backer, por motivos que hão de vir a publico...

DIVERSOS SRS. DEPUTADOS — Para mostrar quem tinha razão.

O SR. SILVA MARQUES — Sim. Para mostrar quem tinha razão e para deixar ainda mais patentes os sentimentos republicanos do honrado dr. Alfredo Backer. (*Apoiados geraes*). Mas como dizia, sr. presidente, logo que o sr. Nilo Peçanha rompeu com o governo do dr. Alfredo Backer, tratou de inventar o caso do canal de Macahé, para capciosamente levantar perante o Supremo Tribunal a questão da inconstitucionalidade do governo.

UM SR. DEPUTADO — Mas sahiu-se mal.

O SR. SILVA MARQUES — Sahiu-se mal porque o dr. Alfredo Backer estava com o direito. Nilo, vencido

no Supremo Tribunal, appellou para o Poder Legislativo do Estado, contando com dois terços na Assembléa para processar o presidente. Não conseguindo ainda dessa vez levar avante o seu intento, por esse processo, foi bater ás portas do Senado Federal, pedindo áquelle ramo do Congresso que proclamasse a inconstitucionalidade da reforma por elle proprio operada na constituição do Estado.

O SR. BARRETO DURÃO — Isso define o homem.

O SR. SILVA MARQUES — O senado, que tinha então outras disposições, nem sequer discutiu a exdruçula pretensão do sr. Nilo Peçanha. E' verdade que elle agora já se julga competente para verificar poderes de Assembléas estadoaes, mas isso é uma consequencia da aragem que sopra do Cattete, não é uma opinião (*riso*), não é a sustentação de uma doutrina.

Eis ahi, sr. presidente, como o caso fluminense, que data de tres annos, vem se confundir agora com uma questão partidaria a ser liquidada entre o heremismo e o civilismo.

O SR. OSORIO DE BRITO — E' um cumulo.

O SR. SILVA MARQUES — Em todo caso ahi fica o protesto, senão para os exploradores, ao menos para os que podem ser explorados. (*Muito bem*).

Bem sei, sr. presidente, que ninguem se deixará illudir por mais esta manobra, mas contra a buzina rouquenha da intriga e das mystificações, cumpre fazer soar por toda a parte o clarim sonoro e triumphante da verdade. (*Muito bem*).

O SR. BARRETO DURÃO — E pôr as calvas á mostra.

O SR. SILVA MARQUES — E' o que faço neste momento.

O SR. BARRETO DURÃO — Com muito brilhantismo e oportunidade.

O SR. SILVA MARQUES — E' o que faço neste momento, protestando contra esta nova cartada de Tártufo, ou se julgarem melhor, se julgarem mais expressivo, contra este novo expediente de Machiavel.

(Muito bem, muito bem. O orador é vivamente cumprimentado).

Discurso proferido na sessão de 27 de setembro de 1910

O SR. SILVA MARQUES—(*Movimento geral de atenção*) Sr. presidente, os factos vão me convencendo dia a dia de que somos realmente a antithese de todos os povos. Os nossos antecessores no concerto da humanidade, qualquer que seja a sua origem, qualquer que tenha sido o modo, por que hajam conquistado o lugar que occupam entre as nações soberanas, marcaram sempre em cada movimento nacional, em cada grito de reivindicação, uma etapa mais ou menos gloriosa na historia do progresso e da liberdade.

Nós, povo nutrido com o leite da escravidão, vivemos de recuo em recuo, de degradação em degradação, como si o destino por effeito de alguma mysteriosa excommunhão nos houvera posto fóra da lei da perfectibilidade.

Tivemos um imperio liberal, que era talvez a unica republica na America do Sul, mas, porque aspirassemos a um governo cuja suprema investidura emanasse directamente da consciencia popular, fundamos, em hora de mau humor, o mais incomprehen-sivel, o mais caricato, o mais repulsivo dos regimens democraticos...

O SR. ALMEIDA FAGUNDES — Não apoiado.

O SR. SILVA MARQUES — ...porque d'elle estão virtualmente excluidos a vontade do povo como elemento fundamental, e a moralidade na administração como norma de conducta.

UM SR. DEPUTADO — O regimen é excellente.

OUTRO SR. DEPUTADO — São os homens que abandonham o regimen. (*Trocam-se outros apartes*).

O SR. SILVA MARQUES — Não sou suspeito nesta obra de confronto entre o passado que ajudei a demolir, acreditando que era possível a construcção de mais sumptuoso edificio, entre o passado, que combati, com a energia de uma convicção, e que ora abenço por espontaneo movimento de pudor e de justiça; do passado de que ainda nos podemos lembrar com saudade e o presente em cuja argamassa fala não só o esforço da minha fraqueza como tambem a minha fé quasi religiosa nos destinos da democracia.

Não condemno a Republica, condemno os homens que a prostituem!

UM SR. DEPUTADO — Muito bem.

O SR. BERNARDINO FRANCO — Estes deviam ser condemnados e mandados ao João Francisco.

O SR. SILVA MARQUES -- Não combato a ideia que é sempre pura quando symboliza uma aspiração legitima, que é sempre respeitavel quando traduz uma convicção; ataco os escandalos, fulmiño as abjecções, condemno os crimes praticados á sombra das instituições. (*Muito bem*).

Imaginava poder um dia na Republica cantar um hymno á virtude e á liberdade, e vejo-me na contingencia de apostrophar, com a indignação de Juvenal, os actos inconcebiveis de um regimen de oppressão e de latrocínios. (*Apoiados. Muito bem*).

Não falo deste governo, que resume agora, que symboliza neste momento todas as nossas vergonhas,

porque isso que ahi está, isso que ahi vegeta entre as paredes horrorizadas do Cattete não é precisamente um governo, é um epilogo comico de opereta; não é sequer um simulacro de poder, é uma scena de carnaval, é o final de uma noite de orgia. (*Muito bem*). Elle não passa, morre; não desaparece como o sol no occaso, com o esplendor de uma cidade em chammas, some-se na escuridão de Macbeth, como duende maldito, deixando atrás de si os vestigios repugnantes de um festim licencioso e macabro.

Mas não é elle que me preocupa neste momento, porque uma blasphemia que morre no vacuo não vale um murmurio do pensamento. (*Applausos*). Acima delle vejo a imagem da patria, vejo as instituições republicanas, e o grau de rebaixamento a que ellas chegaram é justamente o que me preocupa, é justamente o que me enche de tristeza e de apprehensão.

Para ter-se uma ideia nitida do quanto tem des-cido a funcção dos poderes publicos, do quanto valem, em sua grande maioria, os homens que se agitam como fantasmas no scenario politico, basta examinar a composição do Senado e da Camara, onde devia estar naturalmente representado o que a nação tem de mais brilhante pela intelligencia, pela cultura e pelas virtudes civicas.

A primeira destas instituições, que foi por excellencia, na antiguidade, a Assembleia de notaveis, reunindo o saber á experiencia, o patriotismo á circum-specção, que já foi no Brazil o ponto culminante da politica nacional, onde, em regra, deliberavam os homens mais eminentes, soldados cobertos de gloria e de prestigio, literatos de renome, tribunos inflammados, estadistas encanecidos no serviço da patria; que é, ainda hoje, em todos os paizes bem organizados, a garantia dos principios conservadores, o órgão de re-

sistencia contra as tendencias subversivas, contra as paixões de momento, contra os interesses subalternos, está reduzida na Republica a uma especie de asylo da mendicidade intellectual, onde apenas tres ou quatro homens de responsabilidade, que o enxurro das oligarchias não conseguiu varrer, procuram em vão resistir á corrente impetuosa dos interesses de corrillo, que tudo avassala, tudo avilta, tudo amesquinha, tudo leva de vencida, desde a propria coherencia pessoal até á dignidade das instituições. (*Apoiados*).

Pois não era justo que no regimen da federação, em que os senadores são uma especie de embaixadores dos Estados, essa instituição fosse o expoente natural do grau de cultura e de moral de cada uma das unidades politicas da União? (*Muito bem*). Não o é porque o brilho da representação é incompativel com o interesse dos traficantes que dirigem a politica nacional; não o é porque o patriciado caricato desta Republica de carnaval entende que ella foi proclamada para seu uso, para gozo exclusivamente dos seus alcaioes e das suas concubinas (*Rumor*); não o é porque o processo preferido para a sua organização está longe de ser o da verdade eleitoral, está longe de ser o da selecção, é unicamente a conveniencia dos grupos mais ou menos suspeitos á honestidade e á intelligencia. (*Applausos*).

O SR. SEBASTIÃO BARROSO — O Senado já foi uma instituição, hoje é uma casa de tolerancia.

O SR. SILVA MARQUES — O que se passa com a organização do Senado, onde o grande mandarim fecha a porta aos eleitos para que os seus apaniguados pulem pela janella, passa-se tambem com a composição da Camara, onde felizmente nem sempre se pôde proscreever de todo a dignidade nacional (*Muito bem*), porque ainda agora lá está uma minoria que se res-

peita (*Muito bem*), que sabe honrar o mandato, procurando salvar do mais vergonhoso naufragio a Republica e a federação (*Apoiados ; muito bem*).

Mas que ali os processos são eguaes aos applicados ao Senado, dil-o bem alto o ultimo reconhecimento da representação fluminense. Só porque se deslocou o eixo da politica, na phrase do lamentavel patriarcha da Republica, os eleitos do povo foram enxotados dos seus logares, para que os occupassem os aventureiros irresponsaveis, que por desfastio ou vaidade haviam fabricado duas ou tres actas falsas nos seus respectivos municipios, e que lá estão agora pleiteando com ardor, o escandalo da intervenção, na esperança de se apossarem definitivamente das posições no Estado. (*Apoiados*).

Com semelhantes processos politicos, só poderemos ter o que realmente temos — a vergonha permanente da advocacia administrativa — que é talvez a syphilis organica da Republica, as negociatas pejadas de immoralidade, o escoamento dos dinheiros publicos por todas as verbas ministeriaes mais ou menos secretas, para pagamento de suspeitas dedicações aos sabujos de todas as categorias. E para coroamento desta politica de pilhagem organizada, temos a deslealdade e a traição a fluctuarem como bandeiras de partido em certos arraiaes, onde se dorme constitucionalista e se acorda intervencionista, onde se faz do branco preto e do quadrado redondo; onde se vem dizer com o mais revoltante cynismo que o presidente eleito do Estado, o dr. Edwiges de Queiroz, era um estranho á politica e que só fôra chamado a esse alto posto pelo unico titulo que apresentava, o de ser amigo do marechal Hermes.

O SR. ALMEIDA FAGUNDES — Toda a gente sabe que elle prestou relevantes serviços na revolta.

Na Camara não ha muitos que tenham serviços como s. ex.^a

O SR. SILVA MARQUES — Estou de accordo com v. ex.^a Não faço senão assignalar as perfidias do deputado rio-grandense.

Ignorava o sr. Germano Hasslocher que o dr. Edwiges de Queiroz não é estranho á politica fluminense, não sabia que elle vem militando nella desde o Imperio, sob a chefia gloriosa de estadista como talvez não haja outro, do velho conselheiro Paulino de Souza! Não sabia o sr. Germano Hasslocher que quando se proclamou a República o partido conservador, que era o mais forte e poderoso baluarte politico da antiga provincia, adheriu sinceramente á nova fórma de governo e que o dr. Edwiges de Queiroz, que era um dos ornamentos daquelle partido, fez parte, em companhia de Silva Jardim, e de quasi todos os republicanos historicos, da chapa de resistencia á politica nefasta do sr. Francisco Portella, que, posso affirmar, como companheiro de Silva Jardim, naquella nobre reacção, foi o primeiro traidor da Republica no Estado. (*Apoiados*).

UM SR. DEPUTADO — Apoiados; isto foi dito pelo proprio Silva Jardim.

O SR. SILVA MARQUES — Não sabia o sr. Germano Hasslocher que, quando o sr. Portella foi apeado do poder por uma revolução e se teve de organizar novamente a politica do Estado, o dr. Edwiges de Queiroz, fez parte da Assembleia constituinte, sendo depois designado para o honroso logar de 1.^o secretario da Assembléa, de onde mais tarde foi tirado para occupar como homem de confiança do partido o logar de chefe de policia durante o periodo mais agitado da vida nacional! (*Apoiados*) E que neste posto de sacrificio se pôrtou com tanta bravura e dedicação, defen-

dendo a causa da legalidade, encarnada então no immortal Floriano Peixoto...

O SR. SAMUEL COSTA — Apoiado. V. ex.^a faz muito bem em accentuar esta verdade.

O SR. SILVA MARQUES — ...que daquelle posto foi tirado para chefe de policia da Capital Federal!

UM SR. DEPUTADO — Tem prestado relevantes serviços.

O SR. CUNHA FERREIRA — Não ha quem desconheça os serviços de s. ex.^a (*Ha outros apartes*).

O SR. SILVA MARQUES — Não sabia talvez o sr. Germano Hasslocher que no periodo mais agitado da revolta, quando commandava em Nictheroy o honrado marechal Hermes, era chefe de policia nessa cidade e acompanhava o marechal nas trincheiras da legalidade, esse mesmo dr. Edwiges de Queiroz, que elle affirma ser um desconhecido na politica fluminense!!

O SR. BARRETO DURÃO — Esse sr. Germano Hasslocher é pau para toda obra. Elle bem sabe que não diz a verdade.

O SR. SILVA MARQUES — Mas visto que o sr. Germano Hasslocher finge ignorar aquillo que toda gente sabe, eu vou dizer, para que elle fique sabendo aquillo que nem toda gente conhece. Elle affirmou com o seu desplante tradicional que o dr. Alfredo Backer havia escolhido o dr. Edwiges de Queiroz porque o sabia amigo do marechal. Fique sabendo o sr. Germano Hasslocher que isso não passa de mais uma perfidia e de mais uma mentira; o dr. Edwiges foi escolhido, não pelo dr. Alfredo Backer, não por estar com esta ou aquella influencia politica, mas por todo o partido, com excepção do sr. João Baptista, que pretendia ser o candidato e que rompeu a pretexto de civilismo. Esta é que é a verdade que o sr. Germano Hasslocher precisa saber. (*Apoiados*).

Mas, para que contrariar as affirmações do sr. Germano Hasslocher quando sabemos que o deputado rio-grandense foi designado para essa tristissima missão, de que só elle era capaz, provando assim que vivemos no regimen do epicurismo, no regimen da apostazia, no regimen da mentira e da traição, porque, com effeito, tudo se traiu, nessa cartada do cynismo: traiu-se a verdade, traiu-se a justiça, traiu-se a moral, traiu-se a propria Republica !

O SR. SAMUEL COSTA — É o regimen da satisfação exclusiva dos sentidos.

O SR. SILVA MARQUES — E assim devia ser, porque a figura que mais se salientou na primeira jornada republicana, foi justamente a de Joaquim Silverio dos Reis. A alma do Judas da conjuração mineira infiltrou-se como veneno ophidico na pelle tisonada desta farandulagem mistiça que ahí está confirmando pelos seus actos a lei do atavismo ancestral. (*Muito bem*).

As barbas brancas do sr. Francisco Portella annunciam a antiguidade dessa lei, e os seus companheiros mais moços provam aos mais optimistas que ella só será revogada depois de algum novo diluvio universal. (*Muito bem*).

O SR. THIERS CARDOSO — Si não embarcarem em alguma arca.

O SR. SILVA MARQUES — Emquanto não nos surprehende essa terrivel manifestação da colera de Deus, vamos assistindo, afflictos como Medéa, mas tambem pacientes como Job, sobre o esterquilinio, ao desenrolar desse drama que seria fantastico si não fosse a historia de uma época, e em cujo scenario uniforme passam successivamente os mais estranhos personagens.

Este é um ancião. Chama-se Francisco Portella. Ha nelle, antes de tudo, a grandeza da velhice, que é tambem uma magestade. As barbas longas e alvas

dão-lhe a gravidade de um propheta. Sua historia, si não é a revelação divina de algum evangelho esquecido na alluvião pesada do tempo, deve ser a odysseá sobrehumana de um bardo celta ou de um aedo grego.

Talvez nos venha ensinar a religião da virtude ou a virtude da gratidão.

Elle vae falar, ouçamol-o: A vida é um espaço dentro do tempo, e como todo espaço, tem duas extremidades, uma no berço, outra no tumulo. Estou mais perto deste do que daquelle, e quem sente perto de si o mysterio da eternidade não tem o direito de mentir, porque o que mente assim commette duas traições, uma para com Deus, outra para com os homens. (*Muito bem*).

Podeis, portanto, ouvir em confiança a minha historia. Fui grande um dia, dispuz como quiz dos destinos de um povo. A lei era a minha vontade, porque acima della não havia outra lei. Mas a revolução, a mesma força que me levou ao poder, mostrou-me depois o caminho do ostracismo. Nesse valle quasi deserto do esquecimento, tive um perseguidor que se chamava Nilo Peçanha. (*Apoiados*).

Não sei por que me odiava, mas o certo é que me odiava ao ponto de levar-me o soffrimento ao lar.

Ouvi um dia chamar-me uma voz desconhecida; acudi: era a do dr. Alfredo Backer. Depois desse encontro providencial, a miseria deixou de ser meu conviva, o esquecimento meu companheiro habitual. (*Apoiados*).

Fui por elle levado ao posto de representante da nação, onde me encontro agora, incapaz de agir para o bem, mas fazendo o mal que posso ao meu protector, de accordo com os interesses inconfessaveis do meu grande amigo Nilo Peçanha, o mesmo que me reduziu ao abandono e á fome, e a cuja chefia obedeço, cujos planos de combate áquelle que não consentiu,

por virtude excepcional nesta época de egoismo, que eu morresse esquecido e abandonado, executo e applaudo como medida de saneamento e de salvação publica. (*Muito bem; applausos*).

Passa agora o sr. João Baptista. É o homonymo do percursor do Christo, mas prefere a deserção criminosa de Judas á resignação divina do martyr transfigurado; sente-se melhor no lôdo do Styge do que nas aguas crystallinas do Jordão.

Presidiu ás deliberações do partido, era o primeiro entre os primeiros. Sua opinião, ouvida com respeito, era sempre por tôdos acatada. Preferia, por seu temperamento pacifico, a estagnação do mar Morto ao fluxo e refluxo das aguas agitadas. Emquanto a lucta era apenas no terreno dos interesses domesticos, emquanto o alarido nas fileiras não conseguia abafar o som uniforme e costumeiro do campanario da aldeia, foi um forte, um convencido, um dedicado. Mas veiu a preamar dos interesses oppostos, sacudida pela tempestade das ambições, pelo vento do despotismo, pelos abusos do poder, e com ella o terror ás almas timidas.

Era preciso oppor os diques formidaveis da lei e da justiça á inundação do despeito e da violencia que ameaçava arrastar na sua vasa a autonomia do Estado, a dignidade dos seus filhos, ou principios republicanos, a integridade da Federação. (*Apoiados; applausos geraes*).

Não era obra para a timidez dos animos indecisos e elle confessou assombrado e vencido antes da lucta que estava carregando as armas em funeral. (*Apoiados*).

Não obstante, quando chegou o momento de escolher aquelle que devia conduzir ás hostes ao combate através de grandes obstaculos, de tenebrosas ciladas, armadas aqui e ali nas duas margens do caminho, a ambição ou a vaidade, fazendo-o esquecer o crêpe que

trazia pendente do escudo, deram-lhe essa coragem para a lucta que em occasião solemne confessou que lhe faltava, e quiz ser o escolhido, quiz ser o ungido da confiança de todos, nessa refrega em que se jogava menos a sorte de um partido do que os altos interesses do Estado, que via ameaçada e compromettida a sua propria autonomia. (*Muito bem*).

E por que se preferiu a energia á fraqueza, o valor ao desanimo, a confiança na victoria á certeza prévia da derrota, eil-o que aprompta as malas para a viagem de Coriolano. Habitado a mudar de partido, adoptou a bandeira do que julgava mais forte. (*Apoiados*).

Já uniformizado e apparelhado como um soldado veterano, annuncia que se passa para as fileiras contrarias, porque os seus antigos companheiros haviam escolhido um candidado militarista como affronta ao seu civilismo impenitente, e promete como Jupiter Tonante, do Capitolio das suas convicções civilistas, um voto solemne de vingança contra o direito e a justiça, contra a ordem constitucional no Estado que lhe serviu de berço, e que com tanto brilho representa na Camara. (*Riso*).

O voto virá, como complemento de arenga infeliz, não para vingança de convicções civilistas, mas para desabafo do despeito que é sempre por onde se revelam as ambições mal succedidas dos homens sem fé nos destinos das coisas e nos proprios destinos. (*Apoiados*).

Chegou a vez do sr. Faria Souto. Deste nem se pôde dizer que foi o despeito que o levou á deserção. Moço, cumulado de atenções pelo dr. Alfredo Backer, que o fez deputado federal, com prejuizo de fluminenses mais illustres, nada mais podia legitimamente aspirar no momento, porque já havia forçado com violencia a porta da fortuna. (*Muito bem*). 28

O sr. Nilo Peçanha tinha motivos de sobra para ver nelle sinão o mais aguerrido, pelo menos o mais irreductivel dos adversarios, porque uma vez, apartando um deputado na Camara, affirmou com assombro de gregos e troyanos que o vice-presidente da Republica era capaz de vender a nação. Não sei si effectivamente o sr. Nilo vendeu o Brasil, mas estou propenso a acreditar que elle fez operação inversa. O sr. Faria Souto é hoje o seu melhor amigo, o seu mais disciplinado soldado, o seu mais valente auxiliar nos ataques ao dr. Alfredo Backer, nos planos de assalto á autonomia do Estado, sem que se possa lobrigar, a menos que tivesse visto a victoria mais perto do sr. Nilo que do sr. Alfredo Backer, os poderosos motivos dessa dedicação quasi incomprehensivel, nem tão pouco as razões por que os seus novos correligionarios preferem pôl-o á frente do immoralissimo plano da intervenção. (*Muito bem ; apoiados*).

Thomaz Carlyle, apologista de todos os heroismos, com exclusão talvez desse heroismo de que se ufanam os srs. Portella, João Baptista e Faria Souto (*riso*), falando de curiosidades animaes, através das viagens de Humboldt, refere-se com entusiasmo a certas moscas de fogo existentes na ilha de Java.

Dizem que esses insectos, especie de colossaes pyrilampos, dão tanta luz quanto uma lanterna de grande fôco.

Os nobres e os burguezes ricos da ilha gostam de viajar á noite com o auxilio da luz que se desprende em profusão dessas curiosas tochas vivas.

Um serviçal, habituado aos passeios nocturnos d'esse genero, é contratado préviamente para encabeçar a procissão, levandó espetado na ponta de uma vara um d'esses luminosos coleopteros.

Não nego a commodidade dos viajantes, mas tam-

bem não invejo a sorte dessas pobres moscas de fogo. (*Hilaridade*).

Moços que trahis desse modo as esperanças do futuro, velhos que assim comprometteis a paz do sepulchro que vos espera no fim da jornada, pensae um pouco na vossa conducta!

O pensador da *Profissão de Fé*, justificando um dia o acto de Laménais, que abandonara o papado no seu pugilato secular com a realza para melhor defender a acção espiritual da Igreja de Christo, mostrou que havia dois generos de apostazia, um que ennobreça e santifica, outro que avilta e degrada; um que conduz á gloria, outro que leva ao suicidio. (*Apoiados*).

Escolhei, vós mesmos, apostatas de hoje, o genero que vos pertence. Não é de certo aquelle que levou Paulo de Tarso a retroceder do caminho de Damasco, deixando esquecidas, á margem da estrada, as ruínas do mosaismo condemnado e impotente, para encetar a marcha gloriosa que devia terminar com a victoria do Crucificado. (*Muito bem*).

Essa é a apostazia que honra, que sagra os martyres, que os conduz á eterna glorificação, através das derrotas ou das victorias, sob o peso dos lenhos infamantes ou ao ruido consolador das apothéoses. (*Applausos prolongados*).

Não é uma traição, é um apostolado; é a acção da verdade sobre o erro, da luz sobre a escuridão, do espirito sobre o espirito, da idéa que deve triumphar sobre a idéa que deve morrer, para a gloria do homem na terra. (*Apoiados*). A outra é a que tem por movel o interesse, o lucro immediato ou o lucro futuro; é a peor das prostituições, porque é a prostituição da alma, é o alcaiotismo da consciencia. (*Muito bem. Applausos*).

Os que acceitam a lucta e o soffrimento pela grandeza de uma idéa, quer ella seja vencedora, quer seja

vencida, têm sempre o merito de haver entrevisto a verdade através dos erros, de haver sacrificado a commodidade do presente pela paz do futuro; podem soffrer o desdem do quarto de hora, mas o tempo lhes fará a justiça que cabe aos abnegados.

Mas os que renegam por interesses, os que marcam preço á idéa, como os traficantes á mercadoria, esses não relevam do Tempo nem do quarto de hora, são a todos os instantes da vida os pregoeiros da propria degradação. (*Muito bem; applausos*).

Mas deixemos em paz os desertores da fé jurada. Elles não envergonham só um partido, não envergonham só um povo; são também o pesadello moral da humanidade, que se julgaria feliz em vê-los quanto antes jogados para além das fronteiras do mundo. (*Muito bem*).

Não admira que elles sejam transfugas e traidores; o que admira é que estejam investidos da missão de legisladores republicanos, quando se fecha a porta da representação a homens como Alexandre Stockler, a este paladino da Republica no Estado de Minas, a este velho e convencido propagandista, que foi durante os ultimos annos do Imperio o depositario fiel das gloriosas tradições liberaes na terra dos conjurados, a este character sem jaça, a este cidadão em cuja alma se abrigam todas as virtudes como nos heroes de Plutarcho (*muito bem*); quando se nega o direito de representação a homens como Lopes Trovão, Saturnino Cardoso, Demetrio Ribeiro, Sampaio Ferraz, Coelho Lisboa, Bricio Filho e tantos outros; quando se expulsa do parlamento brasileiro um homem da estatura moral e intellectual de Sylvio Romero, cujo nome enche de glorias a litteratura de um povo, cujos serviços á causa publica vão das cathedras do ensino até aos monumentos litterarios, para que se repotreasse na

sua cadeira uma nullidade qualquer, talvez um sabujo anonymo, arrancado ao convivio dos lacaios. (*Apartes e risos*).

Mas, sr. presidente, tudo isso não é senão a historia da Republica no momento presente. Os homens de bem, os homens de valor, são systematicamente postos á margem, são systematicamente perseguidos até á eliminação, pelas numerosas quadrilhas que se têm apoderado das posições.

A prova disto está mais uma vez patente no escandaloso caso da intervenção fluminense. Porque o dr. Alfredo Backer se houvesse revelado um homem superior, um republicano de convicções, um politico de envergadura, dotado de character e de vontade, como os homens representativos de Emerson, os quadrilheiros trataram logo de hostilizál-o, formando em torno do seu nome a ronda sinistra da calúnnia, da intriga e da diffamação, para que mais facil lhes fosse a victoria na campanha de opposição que lhe movem. E, para desorganizarem a politica de ordem, de principios e de honestidade que elle conseguiu iniciar, não em proveito proprio, mas em beneficio do Estado, em beneficio da Republica, chegou-se depois dos expedientes mais cavillosos, depois dos meios mais violentos, até á tentativa deste acto despotico do Congresso, que tem tanta competencia para reconhecer poderes de assembléas estadoaes como o czar da Russia ou Dalai-Lama do Thibet. (*Applausos*).

Este caso da intervenção, já o disse e repito, é typico e caracteristico, vale por um compendio de psychologia.

Em 1895 era deputado o sr. Nilo Peçanha; discutia-se na Camara um projecto autorizando a intervenção em Sergipe e outros Estados. Pois bem, o mesmissimo cafunge pernóstico que a fatalidade levou ao

poder como Oedipo pela mão de Antigone, sustentou em discurso, que consta dos *Annaes*, que o projecto era inconstitucional, porque visava unicamente a verificação de poderes electoraes no Estado! Foram da mesma opinião do sr. Nilo Peçanha os srs. Frederico Borges e outros figurões desta Republica de salteadores e cynicos, que já votaram no Senado a intervenção, ou que se batem na Camara pela approvação do projecto.

Ora, estamos deante de casos perfeitamente identicos, o daquella época em Sergipe e o do Estado do Rio presentemente...

UM SR. DEPUTADO — Muito mais grave.

O SR. SILVA MARQUES —... apenas com esta differença, em favor do Estado do Rio, que naquelle tempo em Sergipe e outros Estados perdurava ainda o abalo causado pela revolta de setembro, ao passo que no Estado do Rio reina completa paz. Todos os poderes funcçionam regularmente, são religiosamente garantidos todos os direitos (*Apoiados*); os titulos da renda publica estão com uma alta extraordinaria, só havendo de anormal um ajuntamento illicito, com o nome de assembléa, uma especie de *guignol* para adultos, organizado pelo proprio sr. Nilo Peçanha!

UM SR. DEPUTADO — Com o fim de anarchizar o Estado.

O SR. SILVA MARQUES — Mas, pergunto, onde está o criterio, onde está a moralidade, onde está o respeito que esses homens se devem a si mesmos? Onde está o respeito que a opinião publica, que a nação inteira tem o direito de exigir delles?

Se é a isto que se pretende reconhecer como poder legitimo, forçoso é convir que somos o povo mais immoral do mundo, porque só pela mais berrante das

immoralidades se poderia levar a effeito semelhante attentado. *(Apoiados)*.

Então, um capadocio qualquer, só porque o acaso lhe conferiu a investidura de chefe do executivo, prostitue a missão do governo, compra juizes no Estado, manda assassinar adversarios politicos, procura converter o Supremo Tribunal de égide que é dos nossos direitos, em chapéo de sol de suas conveniencias, e ainda encontra senadores e deputados que tráiam a Republica, que rasguem a constituição para sancionar esse odioso acervo de crimes e de miserias?!

Seria melhor que se proclamasse, desde logo, a bancarrota da Republica, a fallencia da moral, e se confessasse francamente que vivemos no regimen da cova de Caco, ou do Pinhal de Azambuja. *(Applausos)*.

Não será mais necessario invocar-se o exemplo dos Marco Aurelio e dos Washington: aos detentores de um poder aviltado e fallido bastam os conselhos de Hobbes ou de Machiavel. Aretino, com a sua penna mercenaria, tudo justificará no jornalismo de suborno. *(Muito bem)*.

Mas, gozadores da Republica! Amphytriões deste deboche nacional, attentae um pouco no que vos digo:

É perigoso voltar as costas ao futuro.

Aquelles que adormecem no festim de Balthazar, despertam quasi sempre no captiveiro de Babylonia!

(Muito bem, muito bem; palmas no recinto e nas galerias. O orador é vicamente cumprimentado por todos os srs. deputados.)

Discurso proferido na sessão de 4 de outubro de 1910

O SR. SILVA MARQUES — (*Movimento geral de atenção*) — Sr. presidente, na ultima sessão da Convenção de Philadelphia, quando os convencionaes, orgulhosos da sua obra de patriotismo, preparavam-se para assignar a constituição dos Estados Unidos, diz um historiador, amigo da Liberdade, que Benjamin Franklin tivera como que uma revelação da futura grandeza americana. Elle havia com effeito attingido a idade em que os antigos viam sempre um propheta no homem posto pelo tempo, entre o limite da terra, que lhe foge como uma illusão, e o mundo invisivel que se lhe approxima como uma esperança. Do fundo claro daquelle templo venerando, onde a historia constatou pela primeira vez a proclamação solemne dos grandes dogmas da democracia, via-se, por detrás da cathedra presidencial, uma téla representando o sol entre nuvens incolores, lembrando talvez a imagem da verdade, perdida um instante na confusão chaotica do scepticismo. Ninguem podia dizer, ninguem podia afirmar deante do vago colorido daquelle téla, si era um astro que desaparecia para sempre no abysmo insondavel do desconhecido, ou si era uma estrella que emergia do seio azul do firmamento para guiar aquelle

povo, para conduzir aquelles homens na grande jornada do amor e da liberdade. (*Applausos*).

No momento em que devia ser dissolvida aquella assembléa magestosa, quando trocavam o adeus de despedida, os heróes daquelle feito memoravel, em cujas almas frementes do amor da patria não se sabe o que era maior: si a coragem do soldado, si a calma do tribuno, o grande convencional, volvendo os olhos para aquella téla enigmatica, como se fôsse um confidente do futuro, disse aos seus cumplices gloriosos, naquella obra cujo conjuncto annunciava a virilidade e o heroismo de uma raça (*applausos*): — Ide prégar nas vossas cidades ou nas vossas aldeias a pureza do Evangelho proclamado; mas ide convencidos de que aquillo que ali está, não é um sol que morre, é bem um sol que se levanta para o povo americano! » (*Muito bem*).

Nós tambem já tivemos duas vezes esse dia solemne na nossa historia politica. Sobre a derrocada colonial, lançámos os alicerces de um imperio livre, e mais tarde sobre as ruinas desse mesmo imperio proclamámos, cheios de confiança no futuro, a excellencia do regimen republicano.

Não sei o que disseram os nossos convencionaes ao trocarem naquelle dia o adeus de despedida; mas não sentiam certamente a calma promissora daquelles pescadores de Galiléa, trocando o beijo da paz, ainda vibrantes da palavra do Mestre, para provarem depois á humanidade que mais póde a alma illuminada de um mendigo do que a vontade autoritaria de um Cesar. (*Muito bem; applausos*).

Não sei, como não sabe tambem a maior parte dos meus companheiros de apostolado, a quem os primeiros traidores da Republica, julgaram conveniente negar um logar naquelle areopago da sabedoria republicana; entretanto, si lá havia um sol, devia ser um

sol no occaso, porque ainda hoje estamos mergulhados na longa noite que succedeu ao crepusculo. (*Applausos*). Mas, não é necessario sondar a alma de Judas, não é preciso revolver-lhe os farrapos da consciencia para lhe conhecer a densidade da escuridão.

A vilania não se esconde; annuncia-se na face do vilão como a lepra no corpo do leproso. (*Muito bem*). Vós que tendes amor a esta terra, que pensaes na sua grandeza como se pensa no patrimonio dos filhos, vêde a que estado de miseria, a que situação degradante, ella está sendo arrastada pela cubiça dos exploradores da Republica! Voltae os olhos para todos os lados, para o centro e para as extremidades, para o norte e para o sul, para léste e para oeste; mas não o façaes cheios de prevenção ou de odio, para que a justiça não seja immolada á vossa paixão; fazei-o antes com sympathia, e si não com sympathia, ao menos com a imparcialidade dos juizes incorruptiveis. Vereis por toda a parte o crime soberano, o despotismo triumpante, o roubo organizado, e tudo isto não é sinão a obra consciente das oligarchias nefastas que nos vão reduzindo ao ultimo gráo de aviltamento a que pôde chegar o mais indigno dos povos. (*Apoiados*).

Si na maioria dos Estados não campeassem com tanto desassombro, com tanto cynismo, com tanta impunidade, esses governichos ladravazes, essas satrapias despudoradas, não estaríamos assistindo neste momento ao mais extravagante espectaculo de que ha talvez exemplo na historia — o crime organizado, auxiliando com a sua força a organização de um novo syndicato criminoso! Pensae bem e vereis que esse é um dos motivos que explicam o monstruoso caso da intervenção no Estado do Rio.

O sr. Nilo Peçanha não teria certamente cogitado em amesquinhar o Congresso, em affrontar a digni-

dade nacional, si não contasse com os applausos, si não confiasse na dedicação mercenária desses bandos de aventureiros, cuja divisa é enriquecer, aconteça o que acontecer, e quem vier atrás que feche a porta. (*Apoiados*).

Não calumnio nem exagéro; aponto um facto que vale por uma confissão.

Os mais dedicados campeões dessa cruzada da violencia e do cynismo, são justamente os representantes das peores oligarchias, das mais vorazes quadrilhas estadoaes, os mesmos traficantes que votam duas vezes, que éstrangulam a lei com a mesma facilidade com que vendem as consciencias. (*Apoiados*).

Não havia momento mais propicio á ceva dessas conhecidas aves de rapina na farta carniça dos favores officiaes. Dirige os destinos da Republica o governo mais corrupto, mais abominavel que jámais affrontou a dignidade de um povo. (*Applausos prolongados*).

Deante de um poder que distribue com tanta liberalidade entre os seus comparsas, entre os cumplices dos seus crimes os dinheiros arrancados ao suor do povo, não é de estranhar que os sabujos das oligarchias se lhe ajoelhem aos pés para receber o premio da propria ignominia.

O SR. JULIO DOS SANTOS — Apoiadissimo.

O SR. SILVA MARQUES — No estado do Rio, vós bem o sabeis, nunca houve oligarchias.

O SR. LIMA ROCHA — Mas querem implantar uma agora, a de Mumbo-Jumbo da Loanda. (*Riso*).

O SR. SILVA MARQUES — Temos tido bons e máos governos, e destes o peor foi justamente o do sr. Nilo Peçanha, que não podendo contar com os homens serios para as suas escandalosas mystificações, inventou a politica das nullidades, dos desconhecidos, dos transfugas, sem raizes no Estado e cuja conducta tem sido

tão aviltante para os brios do povo fluminense, que o deputado Barbosa Lima, irritado com tamanha immoralidade, perguntou um dia da tribuna da Camara si elles eram homens ou mulheres publicas. (*Sussurro*).

O Estado está sendo agora governado por homens, e ainda mais, governado com a lei e com a justiça. (*Apoiados*).

É talvez um dos poucos onde se faz politica republicana, onde a honestidade constitue ainda norma de governo; (*Apoiados*) mas o sr. Nilo Peçanha quer novamente plantar ahi a arvore frondosa das suas ambições, quer de novo transformar o Estado em scenario das suas capadoçagens e palhaçadas, em serralho das suas mulheres publicas. (*Rumor prolongado*).

Pois bem; as oligarchias rapinantes, os governichos intolerantes e despoticos são os que maior apoio lhe prestam, os que commettem toda a sorte de violencia para que o sr. Nilo possa collocar o Estado do Rio no mesmo pé de egualdade com esses famosos ninhos de milhafres, que são as oligarchias do norte e do sul. (*Muito bem*).

Quando o dr. Alfredo Backer communicou a esses novos feudos medievaes a invasão do Estado pelo sr. Nilo Peçanha, todos elles se acobardaram miseravelmente; (*apoiados*) não houve um só que tivesse coragem de manifestar a sua reprovação. (*Apoiados geraes*).

O SR. JULIO DOS SANTOS — Mereciam ser tratados do mesmo modo.

UM SR. DEPUTADO — Não tiveram a hombridade de um protesto.

O SR. SILVA MARQUES — Agora o governo de Santa Catharina, onde a opposição não tem o direito de respirar, só porque a força de linha guarda, por ordem do Supremo Tribunal, a redacção da *Gazeta Cathari-*

nense, cuja typographia fôra empastellada naturalmente por influencia palaciana, vem, cheio de comica indignação, protestar contra uma supposta violação da sua autonomia!

Então o sr. Nilo podia abarrotar os municipios do Estado do Rio de força federal para que os seus amigos falsificassem eleições, podia violar abertamente a fôrma federativa, podia collocar-se como um rei de opereta, acima da Constituição e da Republica (*muito bem ; apoiados*), e tudo isso sem um protesto por mais platonico que fosse, e ao Supremo Tribunal, guarda da Constituição e das leis, não é permittido cumprir a mais bella das suas attribuições constitucionaes, garantindo o direito contra a violencia, (*apoiados*) mantendo como era do seu dever a liberdade de opinião, expressamente outorgada pelo grande estatuto da Republica? (*Apoiados ; muito bem*).

Isso quer dizer simplesmente que vivemos sob a peor das tyrannias, que é a tyrannia do cynismo. Devo dizer, entretanto, que a oligarchia de Santa Catharina é o mais patriarchal de todos os governos, é quasi um regimen de santos, deante do que se passa em outras regiões do Brazil.

O SR. LIMA ROCHA — Ha oligarchias muito peores.

O SR. SILVA MARQUES — Si ha! Juro-o pela fé republicana dos gallinaceos do Senado. (*Risos*).

UM SR. DEPUTADO — Que votaram pelo projecto de intervenção...

O SR. SILVA MARQUES — Que quer v. ex.^a! A principio elles não admittiam nem a hypothese de se discutir a mensagem que reputavam um attentado á ordem republicana, um desaforo e uma heresia capadoçal!... Falavam então em nome de principios; mas depois um sorriso sonante do Cattete fêl-os falar em nome do interesse.

Ora, os principios que não contavam com essa concorrência desleal, não tiveram tempo de se defender, e lá se acham agora, os coitadinhos, hirtos e gelados, sobre uma mesa do necroterio republicano, com a nota de indigentes e filhos de paes incognitos. (*Riso*).

UM SR. DEPUTADO — Gelados, é bem o termo.

O SR. SILVA MARQUES — Gelados e traídos com todos os sacramentos do rito moderno!

Mas, como dizia, sr. presidente, apesar do que se viu, o feudo de Santa Catharina é um seio de Abrahão, confrontado com outros famosos feudos da Republica. No Amazonas ainda estão vivos e palpitantes, provocando indignação aos proprios frades de pedra, os vestigios deixados pela oligarchia dos Nerys.

Desses illustres figurões do regimen, os jornaes já disseram cobras e lagartos. Scelerados, ladrões, aves de rapina, são os mais mimosos qualificativos com que têm sido tratados os representantes da oligarchia rapiante do extremo norte.

Não sei se os jornaes exageram ou se dizem a verdade, mas, o certo é que não me consta que elles tivessem carregado as paredes do palacio (*riso*), emquanto cuidavam da felicidade do Amazonas. Agora, porque o novo governador julgou de bom aviso dispensar o concurso da honesta irmandade, está ella, muito de accordo com a moral dos seus interesses e com a logica dos salteadores, dando mão forte ao sr. Nilo, no caso da intervenção; auxilia a violencia contra um governo honesto, que terá por continuador a honestidade indiscutivel de um Edwiges de Queiroz (*apoiados geraes*), para que se organizem mais duas quadrilhas, a do vice-presidente da Republica e a delles, os Nerys.

O SR. BARRETO DURÃO — É um negocio entre irmãos da opa.

O SR. SILVA MARQUES — Entre os membros de muitas irmandades. Perto do Amazonas, victima da rapina dos Nerys, está a brilhante confraria dos Lemos, senhora absoluta dos destinos do Pará. Naquella terra, que já felicitou o espirito republicano de Lauro Sodré, em cuja administração todos gozavam das mesmas regalias (*apoiados*), só é cidadão, só é Brasileiro, só é homem, quem estiver filiado á politica dominante; os adversarios, esses não piam, encommendam diariamente a alma a Deus, na imminencia de algum perigoso encontro com o diabo, certos de que estão reduzidos á condição dos ilotas de Sparta.

Querem mais oligarchias, mais governichos despoticos; voltae os olhos para Alagôas, Parahyba do Norte, Rio Grande do Norte, Ceará e outras terras infelizes, de onde fugiram para sempre a virtude e a liberdade, acossadas pela rapinagem e pela tyrannia. Os Maltas se revêem nos Machados, e os Maranhões nos Acciolys. São destacamentos da mesma tribu, obedecendo aos mesmos habitos de rapina e aos mesmos costumes de regulos africanos (*apoiados*).

Nesses inhospitos desertos da Republica todas as garantias estão soterradas nas alluviões do despotismo: não ha instrucção, não ha justiça, não ha liberdade...

UM SR. DEPUTADO — A propria vida é um problema.

O SR. SILVA MARQUES — ... o povo é tosquiado em proveito exclusivo dos senhores do feudo; arrancam-lhe o ultimo vintem e deixam-n'o mergulhado na ignorancia e na escravidão.

É o velho processo dos Scythas, que, para evitarem novas rebeldias, arrancavam os olhos aos prisioneiros. Governar um bando de cegos é o mesmo que conduzir uma leva de escravos (*apoiados*), porque a cegueira já é por si mesma uma especie de escravidão.

Essas oligarchias republicanas são como aquelles selvagens da Luziania, de que falava Montesquieu: cortavam as arvores para colher os fructos. É um vicio peculiar ao despotismo. (*Muito bem*). Na Russia as coisas não se passavam de outro modo ha cincoenta annos atrás. Um missionario republicano, estudando a tyrannia moscovita, refere-se a um morticínio de cabras, que bem symboliza a vida politica e economica dos nossos Estados escravizados.

A Criméa possuia um vantajoso commercio de marroquim, mas as cabras que forneciam esse producto, antes de serem transformadas em couro da Russia, devoravam os arbustos que deviam mais tarde ser as arvores da floresta. Para salvar as arvores foi mistér que se matassem as cabras. Até abi nada de extraordinario: os bodes morreram, paz á memoria dos bodes! (*Riso*). O commercio de madeiras valia bem o trafego de pelles, extinto pela mortandade dos caprinos; mas, seja por ignorancia, seja por odio aos uberes mythologicos de Amalthéa, que tão bem amamentaram a arrogancia despotica de Jupiter, o certo é que, no mesmo dia em que se operava o massacre dos rebanhos, ordenava-se, tambem, a derrubada das florestas. Immolaram-se as cabras á conservação das arvores, e em seguida cortaram-se as arvores, naturalmente para vingar a familia das cabras. (*Riso*).

E justamente essa a conducta das oligarchias: expulsam do territorio os que lhes podem crear difficuldades á exploração e á pratica dos crimes, e reduzem o resto do rebanho á impotencia e á inanidade. (*Muito bem, apoiados*).

Dentro em pouco estarão reinando como as palmeiras no deserto!

Dum paiz de onde se expulsa a opinião, condemnando ao silencio toda a especie de jornalismo que

não seja o vehiculo exclusivo das saturnaes palacianas, de onde a educação do povo é excluida como objecto de luxo, onde a justiça, representada por juizes escravizados tanto aos caprichos do Grão-Mogol, como aos interesses do manda-chuva da aldeia, vae compôr os trajes de rameira no vestiario da inquisição, cuja missão é negar o direito aos que não pertencem á irmandade e lavar systematicamente de todos os crimes os filiados á confraria, só se pôde esperar o anniquillamento moral e a miseria physica, que é o que nos dão os governos oligarchicos da maioria dos Estados. (*Apoiados*).

E ai daquelle que se atreva a negar a esses despotas caricatos as grandes virtudes de S. Thomaz de Aquino; fica logo transformado em cabide de todas as excommunhões: é um reprobado, um condemnado, um perturbador da ordem no mais justo, no mais puro, no mais santo de todos os governos! (*Muito bem*).

Quando o dr. Alfredo Varela, então deputado pelo Rio Grande do Sul, indignado com as scenas de vandalismo, de que dava exemplo o governo de Vicente Machado, no Paraná, veio á Camara denunciar meia duzia de patifarias do ex-chefe daquelle governo, foi um verdadeiro dia de juizo; os delegados dessa e das outras oligarchias quasi que se fazem antropophagos, só pelo gosto de devorar o intrepido representante rio-grandense. (*Hilaridade*).

O SR. LIMA ROCHA — É um facto de que toda a gente se recorda.

O SR. SILVA MARQUES — E Deus sabe como escapou com vida. Tambem era um grande criminoso; havia faltado com o respeito devido aos nossos grandes homens, havia tocado com as suas mãos sacrilegas nessa arca santa das nossas instituições. (*Riso*). E a prova de que eram realmente grandes homens e gran-

des patriotas os filhotes do defunto ex-presidente do Paraná, é que elles ainda estão no scenario politico, fazendo commodamente a advocacia administrativa e ajudando como podem o sr. Nilo Peçanha a intervir no Estado do Rio, para installar a sua honesta oligarchia.

Perguntem ao sr. Alencar Guimarães si é ou não verdade o que estou dizendo. (*Apoiados*).

O SR. BARRETO DURÃO — Esse tambem votou pela intervenção.

O SR. SILVA MARQUES — Pudera! Ellè é discipulo muito amado do meu amigo general Glycerio. (*Riso*).

Não podia perder essa esplendida occasião de mostrar o seu grande amor pela Republica e sobretudo o seu arraigado fanatismo pela fôrma federativa. Aliás os mais convencidos partidarios do sr. Nilo Peçanha no monstruoso projecto da intervenção são justamente os representantes das mais odiosas oligarchias.

Não viram como tem procedido o professor de direito Frederico Borges, esse rebento juridico do patriarcha Accioly? (*Riso*).

Não só negou á minoria o direito de appellar para a letra do regimento, como até dizem que votou duas vezes. É assim que se faz no Ceará, onde já não canta a jandaia nas frondes da carnaúba, mas reboa pelos desertos a trombeta do Pagé. (*Hilaridade*).

Tambem não ha motivo para extranheza, e muito menos para escandalos. As oligarchias desse quilate sabem cumprir religiosamente o seu dever. Os membros mais conspicuos de cada irmandade, com domicilio no Estado, fazem o que podem para corresponder á confiança do Summo Pontífice; ajudam-n'o com fidelidade a raspar o fundo do thesouro estadual, a escorchar com habilidade os miseros contribuintes e a perseguir sem piedade os pobres diabos que se recusam a

carregar o pállio. (*Riso*). Os outros, os designados para representál-as junto ao Governo da União, têm, é certo, campo mais vasto ás suas especulações financeiras, mas também têm outros deveres, são obrigados a defender os seus grandes eleitores, quando por ventura são victimas de alguma injustiça ou de alguma falta de respeito á sua missão divina! Lá não é preciso tanto trabalho porque ninguém pia.

Por isso mesmo a tribuna parlamentar já não tem grande utilidade, serve para lavar roupa suja e defender interesses inconfessaveis. (*Apoiados*).

Dizem que na Republica Romana os gloriosos Róscos onde haviam apparecido para a vida publica os homens mais illustres, da pleiade resistente dos Ciceros e dos Quintilianos, onde a virtude e a sabedoria romanas ensinaram por muito tempo o homem a ser digno, eram collocados justamente á entrada dos comícios, sob a vigilancia do Senado, para que exprimissem sempre pela sua situação a constituição de Roma livre. Cezar, que não queria para o Imperio o peso das glorias republicanas, deslocou a tribuna, onde elle proprio havia feito sentir o poder da eloquencia, para junto do templo da Fortuna! Era dizer préviamente o que seria, a partir desse momento, a dignidade dos tribunos. Dahi em diante não houve mais eloquencia, houve delação; desapareceu a alma patriotica de Cicerone para dar logar á ambição dos Montanus e dos Massalas.

E ainda Tacito nos vem dizer que Cezar estabeleceu uma constituição que lhes dava a paz sob um principe! Era naturalmente a paz que Leibnitz desejava escrever nos porticos dos cemiterios: a ausencia da vida e da liberdade, o silencio da morte ou o silencio do exilio. (*Muito bem*).

Para provar que andamos sempre ás avessas dos

outros povos basta lembrar que, em Roma, essa prostituição da tribuna deu-se na passagem da Republica para o Imperio; no Brazil a decadencia teve logar na mudança do Imperio para a Republica. (*Apoiados*). Não marchamos de accordo com a harmonia da historia, somos levados pela anarchia do acaso. (*Muito bem*).

Calou-se a voz de José Bonifacio e dos seus pares, que se inspiravam no amor da patria; falam agora os sr̃s. Pinheiro Machado e Fernando Mendes. O primeiro é o chefe proeminente da politica nacional, o arbitro dos nossos destinos, cujos gestos de bom ou mau humor transformam os scenarios, mudam as situações.

E' crível que o homem cercado de tamanho prestigio, investido por gregos e troyanos do bastão do supremo commando, curvado ao peso de tantas responsabilidades, pudesse ir á tribuna do Senado, que é a sentinella dos principios conservadores, para affirmar que o projecto de intervenção no Estado do Rio é constitucional, que elle vem restabelecer a fôrma federativa, porque neste Estado estão sendo violadas as normas republicanas e as liberdades publicas!

UM SR. DEPUTADO — Si ha violencia, é obra do sr. Nilo Peçanha.

O SR. SILVA MARQUES — Si não fossemos testemunhas oculares desse facto, si elle nos chegasse ao conhecimento por intermedio de chronicas apaixonadas, não hesitaríamos em defender o general Pinheiro Machado, amaldiçoando para sempre o chronista calumniador! (*Muito bem; apoiados*).

O outro é um conde romano, nomeado senador por uma das oligarchias do norte, dizem que em pagamento de grandes serviços á Republica.

Como toda a gente sabe, a nossa constituição é uma das mais tolerantes no que diz respeito ao dominio espirital; em materia de liberdade de consciencia

é de uma clareza absoluta. A todos é permittido adorar a Deus como e onde quizerem: catholicos e protestantes, bhudistas ou fetichistas, verdadeiros christãos ou hypocritas exploradores, gozam todos da mais ampla liberdade em questões religiosas. (*Apoiados*).

Pois bem. Quando se discutia no Senado a nomeação de uma commissão para dar as boas vindas a George Clémenceau, o sr. Fernando Mendes protestou contra esse acto do Senado, por ser aquelle estadista francez um suspeito á Republica.

Suspeito á Republica, mas por que? Provavelmente porque não lê pela velha cartilha ultramontana; porque não é precisamente um discipulo de Loyola ou de Joseph de Maistre. Só por isso? Mas o sr. Fernando Mendes tambem não vae á missa da Republica, e isso não o impede de ser senador republicano. (*Muito bem; apoiados*).

De modo que a tolerancia é só para esses felizardos exploradores do regimen, que se permittem até a liberdade de rasgar a constituição, como fez o proprio sr. Fernando Mendes, votando o monstruoso projecto de intervenção; á Republica leiga e tolerante não póde sequer prestar homenagens a um livre pensador. (*Muito bem*).

Um outro facto interessante, que mostra bem como vae isto, passou-se na Camara a proposito da intervenção. O sr. Raul Fernandes, deputado, não se sabe de quem, nem por onde, vendo que o projecto do Senado é monstruosamente inconstitucional e que o mais alto tribunal da Republica será forçado a pronunciar-se sobre o caso, apresentou um substitutivo, consignando que a sua execução fique fóra do alcance do poder judiciario. Já se viu maior desplante? E' preciso entregar o Estado do Rio ao sr. Nilo Peçanha, para gozo seu e dos seus amigos, mas receia-se que o Supremo

Tribunal não esteja pelos autos e desmascare os aventureiros com uma sentença de inconstitucionalidade. Nada mais facil: supprime-se o poder judiciario, elimina-se um dos órgãos da soberania nacional, confisca-se o Supremo Tribunal como elemento pernicioso á ordem republicana! Decididamente esses homens estão fazendo jús a uma chuva de enxofre derretido. (*Apoiados geraes*).

O SR. BARRETO DURÃO — Até parece historia das *Mil e uma noites*.

O SR. SILVA MARQUES — Qual histórias! São factos de todos os dias. Para vê-los nem é necessario accender a lampada magica de Aladino.

Estamos em pleno reinado da opera bufa, e não é preciso dizer quem é o regente da orchestra. (*Riso*).

Leonardo de Vinci, encarregado de reproduzir na tēla a ceia de Christo e dos doze apostolos, não teve difficuldade em pintar onze dos discipulos do Mestre, mas, chegado ao ultimo, porque se tratava de Judas, teve de dar treguas ao glorioso pincel, até que encontrasse uma figura humana capaz, pela sua hediondez, de revelar os traços caracteristicos do monstro.

Sou, neste ponto, mais feliz do que o pintor italiano. Não tenho difficuldade em apontar o chefe dos nossos patriotas republicanos, porque o sr. Nilo Peçanha não cede essa honra a ninguem. (*Apoiados*).

Elle não é um artista, porque não comprehende e detesta a arte, mas é um consumado comediante, tanto mais rico de recursos, quanto mais pobre de escrúpulos.

VARIOS SRS. DEPUTADOS — Apoiadissimo.

O SR. SILVA MARQUES — Uma symphonia de Beethoven fál-o fugir ás leguas, mas, por um fandango bem remexido, é capaz de dar uma perna ao diabo. (*Riso*). Em litteratura, prefere um discurso do sr. Ju-

rumenha a uma pagina de Renan; em pintura, dá a primasia a uma cozinheira de Chardin, em extase deante de uma cassaróla, á *Descida da Cruz*, de Lesuer. (*Riso*).

Mas, talvez por isso mesmo tenha chegado á presidencia da Republica, onde é, de facto e de direito, o chefe incontestavel de todas as quadrilhas. Agora está ligado ás peores oligarchias e aos mais repulsivos aspirantes aos feudos da Bahia e do Amazonas, o sr. Severino Vieira e os famosos irmãos Nerys. No Amazonas, está talvez preparando, com essas duas conhecidas aves de rapina, seus auxiliares na intervenção fluminense, uma capciosa deposição do governador, para que se installe novamente lá a politica do assalto ao thesouro do Estado.

Esperem um pouco e hão-de ver se me engano.¹

De vez em quando, toma attitudes de martyr, para affirmar, com lagrimas na voz e hypocrisia nos olhos, porque a mentira faz parte integrante do seu eu, que o dr. Alfredo Backer é creatura sua, que lhe deve a posição de presidente, quando nós todos sabemos que o sr. Nilo Peçanha é um producto da propria deslealdade, que nunca teve o menor prestigio no Estado, nem em Campos, seu municipio politico e sua terra natal, onde só póde contar com os assobios dos seus conterraneos, onde, durante muito tempo, estava privado de ir, com medo de ser recebido a pedras e ovos pódres. (*Apoiados geraes*). E, mais ainda, quando ninguém ignora, que elle, para fazer politica no segundo districto, andou sempre agarrado á casaca do dr. Al-

¹ Poucos dias depois era bombardeada a capital do Amazonas por ordem do sr. Nilo Peçanha, em proveito da quadrilha dos Nerys.

fredo Backer, afim de que o actual presidente do Estado o apoiasse com o seu grande prestigio, em Macahé. (*Apoiados*).

VARIOS SRS. DEPUTADOS — V. ex.^a está contando a historia como a historiã é.

O SR. SILVA MARQUES — Agora só nos falta vê-lo na ultima scena da comedia. Será um assumpto digno de Molière ou de Aristophanes. Imaginemos o espectáculo. Está na terra o marechal Hermes. O negus agonizante pede-lhe uma entrevista nó palacio do Cattete. Antes de ajoelhar-se aos pés do presidente eleito, vae á janella, compõe a gaforinha, contempla o mar, saúda respeitosamente os quatro pontos cardeaes, e atira um prolongado beijo ao infinito. (*Hilaridade*). É a *Šalammbô* de Flaubert falando á lua: Oh! astro pudibundo, é o movimento da tua agitação que distribue os ventos e os orvalhos fecundos! — Segundo que tu augmentas ou diminues de volume no espaço sem fim, alongam-se ou comprimem-se os olhos dos gatos e ás manchas das pantheras. — É por ti que se produzem os monstros, os fantasmas allucinantes, os sonhos mentirosos; teus olhos devoram o granito das muralhas e os macacos ficam doentes todas as vezes que appareces! (*Hilaridade*).

Depois, de joelhos aos pés do marechal, grossas lagrimas de crocodilo correndo-lhe pelas faces côr dos figos da Abyssinia: — Eu sou um martyr da Republica, tudo sacrifiquei pelo advento glorioso deste regimen divino; elle vendido por atacado não paga os meus serviços. Mas porque eu sou grande e magnanimo, só exijo o Estado do Rio, não para explorál-o com os meus amigos, mas para enriquecêl-o com os meus manicobaes e os meus arrozaes de Pendotiba. Para que me chegue ás mãos esse feudo, basta que se rasgue a constituição e se destrua o ultimo vestigio da fôrma

federativa. É um pequeno sacrificio em paga de grandes serviços! — Por detrás do negus rastejante e humilde como a hypocrisia, ouve-se a voz da Verdade, altiva e nobre: — Monstro, tu nunca déste um passo em beneficio da Patria e da Republica, os teus serviços á propaganda são tão reaes como os teus arrozaes de Pendotiba. Eras um mau entregador de pão e és hoje um capadocio muitas vezes millionario. A Republica te enriqueceu e tu a deixas na mais afflictiva situação de miseria moral; teu Estado deu-te commodas posições e tu o reduziste á condição de burgo pôdre. Des-honraste o poder executivo com as tuas mentiras e as tuas mystificações; aviltaste o poder judiciario com a corrupção de juizes, amesquinhaste o poder legislativo, obrigando os teus correligionarios a representarem o papel de mercadores da propria consciencia, affrontaste os teus conterraneos, expondo-os ao vexame de uma criminosa intervenção e encharcando o sólo onde nasceste do sangue dos teus patricios indefesos. És um monstro, és um reprobó, some-te para sempre no lôdo das tuas miserias. (*Muito bem, applausos prolongados*).

E o marechal, posto como a Justiça entre a Verdade que accusa e a mentira que rasteja, dirá provavelmente para ser ouvido apenas da sua propria consciencia: «A constituição é a providencia escripta do povo, é o deus penate da democracia. Com ella nos será licito dormir sobre os destinos da Republica; sem ella não nos será permittido talvez velar sobre a integridade da Patria. Que se cumpra ella pois, mesmo contra a vontade dos seus inimigos. Será essa a maior gloria da nossa missão.» Tenho concluido. (*Muito bem, muito bem; palmas prolongadas no recinto e nas galerias*). O orador é abraçado por grande numero de collegas).

Discurso proferido na sessão de 31 de outubro de 1910

O SR. SILVA MARQUES — (*Movimento de atenção*).
Sr. presidente, enfermo, sem poder, talvez, arcar com as responsabilidades da tribuna, venho entretanto cumprir um dever de cidadão e de humilde representante do Poder Legislativo.

VOZES — Humilde, não apoiado.

O SR. SILVA MARQUES — Dizem que o sr. Nilo Peçanha, poucos dias depois de assumir a presidência da Republica, ao ouvir falar na reacção civilista, que aos olhos de muitos se afigurava definitivamente triumphante, tivera esta phrase ante os seus commensaes, referindo-se ao marechal Hermes: «Então, este homem não tem patriotismo?»

Sabemos que o sr. Nilo Peçanha concebe a idéa de patriotismo do mesmo modo que os profissionaes do crime concebem a idéa de justiça.

Para este proscripto da fraternidade humana, ser patriota é fazer do crime o cimento das proprias ambições; ser justo é negar, por actos publicos e solemnes, todos os sentimentos que distinguem o homem do bruto.

Si é nisso que está a essencia do patriotismo e da justiça, não tenho duvida em proclamar o sr. Nilo Peçanha o mais patriota e o mais justo de todos os presidentes que a Republica tem tido; mas devo dizer tam-

bem, com os olhos fitos nos mais altos interesses da Patria, vendo a Justiça por um prisma mais crystallino e luminoso, que para o governo do marechal Hermes deve estar reservada outra maneira de ser patriota; deve estar destinado outro modo de ser justo. (*Apoiados geraes*).

Não tenho o privilegio das Sybillas, para desvendar os arcanos do futuro, mas tenho bastante accentuado o espirito de justiça, para dizer com exactidão absoluta o que foi e o que é o sr. Nilo Peçanha.

Antes de invocar o seu patriotismo, que me seja permittido falar da sua lealdade, não em these, não com o desenvolvimento que o assumpto comportaria, porque eu teria então de consagrar a este discurso todos os annos que por ventura me restassem de vida, mas de modo restricto, apenas com relação ao marechal Hermes, cujo nome foi tantas vezes invocado na sua ausencia como um talisman pelo grande aventureiro, para fazer triumphar os seus planos ambiciosos, que, por signal, traziam sempre no bojo um insulto á moral ou uma traição á Republica. (*Apoiados*).

Toda gente se recorda de que, quando a fatalidade o chamou, para cumulo da nossa miseria, a occupar a cadeira presidencial, já elle havia, por méra especulação, tomado parte na indicação do marechal para o cargo de presidente. Si elle fosse sincero, o seu dever consistia em aproveitar esta circumstancia para fazer valer o prestigio do cargo em favor da causa que abraçara. Mas não, assumindo ares de estadista superior, como se a capadoçagem pudesse porventura aspirar á foros de nobreza, proclamou desde logo a sua neutralidade no pleito.

A candidatura do marechal Hermes sempre lhe pareceu excellente, como arma de opposição, porque o sr. Nilo sabia, como toda gente sabe, que as opposi-

ções, para vencerem, precisam de um grande nome, que lhes sirva de bandeira, mas no governo nada impede que o milhafre se enfeite com as pennas da aguiá, e elle podia muito bem ser o candidato de conciliação.

Para isso era necessario deixar o Ministerio organizado como estava, pelo menos quanto aos elementos tidos como contrarios á candidatura do marechal Hermes e depois contentar o Estado de S. Paulo, de onde esperava que, com a desistencia do sr. Ruy Barbosa, partisse a indicação do seu nome para ser o *tertius gaudet* da situação.

Com este plano, a que não eram estranhas muitas figuras em destaque no scenario politico, fez questão de qué conservassem as suas pastas os srs. Alexandrino de Alencar e Mendes de Moraes, que na sua opinião eram infensos á indicação do marechal.

O sr. Alexandrino ficou, e lá teria as suas razões, mas o general Mendes de Moraes, não querendo servir de instrumento á capadoçagem solemnemente installada no Cattete, disse ao sr. Nilo o que lhe cumpria dizer e voltou para as fileiras, donde o havia tirado a confiança do presidente Penna. Entretanto, o sr. Nilo não se deu por vencido e, esperando que o general Carlos Eugenio se prestasse ás suas manobras, appellou para elle, não por seus bonitos olhos, mas porque elle havia sido collocado pelo ministro demissionario no posto de chefe do Estado-Maior, e isto se lhe afigurava motivo poderoso para que o novo titular da pasta da Guerra partilhasse das mesmas idéas do seu antecessor. Suppondo haver posto assim de seu lado as classes armadas, tratou de garantir-se com o elemento eleitoral, voltando as suas vistas cobiçosas para o Estado de S. Paulo.

Estava creado o Ministerio da Agricultura, cuja lei não havia ainda sido executada porque o governo

que o precedera entendeu não dever sobrecarregar o orçamento sem que o justificassem resultados praticos que o povo tinha direito de esperar. O sr. Nilo Peçanha, satisfeito com a existencia nominal desse departamento, não digo que tivesse dado graças a Deus, porque de Deus andou elle sempre divorciado, mas certamente accendeu duas velas ao diabo, (*hilaridade*) e mandou armar o altar das ambições para a grande missa negra, cujo epilogo devia ser a excomunhão da Convenção de Maio, proclamada por elle proprio, como pontifice maximo que é de todos os conciliabulos diabolicos.

O Estado de S. Paulo era o centro da reacção civilista e por isso mesmo devia dar o novo ministro. E' o caso, como se vê, das attitudes illogicas de que falava Charcot. Mas, os proceres da politica paulista não iriam sem mais nem menos prestar-se ao papel de joguetes nas mãos do capadocio impenitente, cujas glorias estavam pendentes das flechas dos foguetes apanhadas em Campos nas festas do Divino, de que, mais tarde, como Braz Timbú, o heróe do conto humoristico, devia figurar de caricato imperador.

Que fez, então, o sr. Nilo Peçanha? Reuniu numa grossa braçada todo o seu volumoso tartufismo e declarou que era neutro, que nada tinha a ver com o pleito presidencial.

Neutro, sim, mas quanto ás outras candidaturas, porque o que elle desejava era a confusão da anarchia, para que do ventre do chaos surgissem victoriosas as suas pretenções, e os paulistas, que não conheciam bem as manhas da raposa, caíram na esparrella e indicaram para a pasta da Agricultura o dr. Candido Rodrigues. Estava assim preparada a machina, só faltando imprimir-lhe movimento no sentido desejado. E' agora que vae começar o jogo variado do malaba-

rista cathedratico. Nos jornaes habituados a receber a inspiração argentea do Cattete, appareceram a curtos intervallos, insinuações mais ou menos entrelinhadas, deixando ver a possibilidade de uma desistencia por parte dos candidatos indicados aos suffragios da Nação. E, emquanto no interior manobrava assim, era um gosto ver o que diziam os jornaes estrangeiros, das qualidades quasi divinas do sr. Nilo. O genio politico do Universo tinha-se encarnado nelle; era a maior cerebração do continente, o assombro das tres Americas. Os heróes da independencia, os patriotas da regencia, os estadistas dos dois reinados, tinham sido completamente eclipsados pelo Zumbi da Loanda, e o mais engraçado de toda essa scena de opera buffa, é que alguns jornaes de Londres, Paris e Bruxellas, estampavam longos artigos com informações tão perfectas, tão completas sobre a politica brasileira e tão cheios de periodos laudatorios para o grande estadista de fancaria, que até pareciam escriptos por elle proprio, se elle soubesse escrever. Nesses artigos, alguns dos quaes foram traduzidos e reeditados na «Gazetilha» do *Jornal do Commercio*, dizia se com «toda clareza», sem o menor disfarce, que o futuro presidente devia ser o sr. Nilo Peçanha, porque a candidatura do marechal não reunia a maioria dos suffragios.

Não houve ninguem, por mais ingenuo que fosse, que não visse logo em tudo aquillo o dedo do sr. Nilo Peçanha, qué pagava, com o nosso dinheiro, a apologia de seus falsos meritos, ao mesmo tempo que procurava comprometter no estrangeiro a candidatura do marechal.

Assim andou elle manobrando por todos os processos á espera, até á ultima hora, que S. Paulo obtivesse a desistencia do sr. Ruy Barbosa e indicasse o seu nome á presidencia da Republica. S. Paulo não

se mexeu, o prazo constitucional passou e nós ficámos livres do cataclismo que nos ameaçava. Renegando então a sua annunciada neutralidade, passou a dar arrhas de hermismo apaixonado; demittiu o ministro Carlos Eugenio, despediu por uma «vária» do *Jornal do Commercio* o dr. Candido Rodrigues, como quem despede a um lacaio, e agiu de modo a que seus amigos rompessem o accôrdo do Estado do Rio, accôrdo firmado unicamente para a hypothese de que elle fosse o candidato á presidencia.

A promessa de neutralidade servia para esconder a sua pretensão, mas como o jogo não produzisse resultado, vimol-o depois transformado em hermista de papo vermelho, mas já com outro plano, porque elle não mette prego sem estopa, plano que consistia em captar a sympathia do Exercito e apoderar-se violentamente das posições no Estado do Rio, com o apoio das forças federaes.

E' esta a lealdade do sr. Nilo.

Quanto ao seu patriotismo os seus actos de governo ahi estão falando mais alto do que todas as psychologias. Não duvido que elle se possa orgulhar em tudo isto da connivencia de muitos exploradores da Republica; ainda assim penso que com elle terá desaparecido a causa das maiores vergonhas do regimen republicano.

O futuro presidente, que trouxe a missão de normalizar o regimen, só poderá governar com a lei e com a moral, porque é esse justamente o apanagio de todos os governos dignos deste nome. (*Apoiados geraes*).

Mas, sr. presidente, conforme ficou dito e provado por uma série de factos, o sr. Nilo Peçanha só quebrou a sua apregoada neutralidade para se fazer hermista, quando o texto constitucional não lhe per-

mittia mais ser candidato; até á ultima hora esperou confiante, lambendo as beiçolas, (*riso*) a sonhada indicação de S. Paulo. O preço dessa reviravolta, como tambem já ficou dito, era a conquista do Estado do Rio com o auxilio das carabinas federaes, e como se vê, uma das mais bellas phases do seu patriotismo. (*Apoiados; applausos*). Justamente quando elle perdia de todo a esperança de pleitear a eleição presidencial, annunciava-se no nosso Estado a eleição para renovação da Assembléa Legislativa e das camaras municipaes. O seu fingido enthusiasmo agora revelado pela candidatura Hermes era um motivo para poder contar com a dedicação dos moços militares que iriam naturalmente commandar os contingentes espalhados por todo o Estado. Approximando-se as eleições, obteve o sr. Nilo do juiz seccional, por elle nomeado para esse fim, a concessão de «habeas-corpus» a granel, com que devia justificar a remessa de forças. Não houve correligionario do vice-presidente da Republica que não obtivesse o seu quinhão de «habeas-corpus» e o respectivo contingente para garantil-o. (*Apoiados*). Dizem até que, sendo muito poucos os correligionarios do sr. Nilo nas condições de requererem taes medidas, os animaes domesticos desses politicos mudaram de nome e de pello e apresentaram-se em juizo reclamando a protecção do sr. Octavio Kelly: (*Riso*) cachorros, gatos, cavallos e eguas magras allegando constrangimento por parte do honrado presidente do Estado, que se oppunha formalmente a que os innocentes bichanos exercessem os seus direitos eleitoraes em favor do estadista da Loanda (*hilaridade*), foram-se abrigar tambem á sombra da toga seccional. Só dessa feita o sr. Nilo Peçanha commetteu pelo menos dois crimes: acanallhou o poder judiciario, compromettendo a dignidade da sua missão, e procurou converter os soldados

do exercito nacional em seus capangas eleitoraes, e até em capangas dos seus capangas. (*Muito bem; apoiados*). Devo dizer, entretanto, em abono da verdade, e da justiça, que os officiaes destacados para essa obra infamante não se sujeitaram aos desejos do sr. Nilo e na quasi totalidade, souberam collocar a dignidade da farda acima dessas miserias; apenas em Macahé deram-se factos que deixaram perplexos os capitães-mores dos tempos coloniaes. Ali, onde até as pedras das calçadas repellem o sr. Nilo Peçanha, a Camara Municipal, foi tomada de assalto por ordem do vice-presidente da Republica. (*Apoiados geraes*). Não fantasio nem exaggero, sirvo-me de um documento authentico assignado pelo então juiz de direito da comarca, cujo teor é o seguinte:

«Juizo de direito de Macahé, em 18 de janeiro de 1910. Ex.^{mo} sr. dr. secretario geral do Estado. — Communico haver em data de hoje dirigido o seguinte officio ao presidente da Junta Apuradora Geral de Deputados do segundo districto eleitoral: «Levo ao conhecimento de v. ex.^a, para os fins convenientes, que, tendo convocado para o dia de hoje a Junta Apuradora da eleição de deputados á Assembléa do Estado, dirigi-me, á hora marcada, para o edificio da Camara Municipal, afim de dar inicio aos trabalhos, sabendo, depois de lá chegar, terem sido impedidos de penetrar no referido edificio os presidentes das mesas eleitoraes, que por esse juizo haviam sido convocados para tomar parte nos trabalhos de apuração. Fazendo a chamada dos mesarios da cidade, conforme preceitúa a lei, quatro cidadãos, dizendo-se membros de mesas eleitoraes do primeiro districto, tomaram assento á mesa destinada aos trabalhos, e assim me vi na contingencia de fazer a apuração com esses cidadãos, certo de que, si assim não procedesse, factos de maior gravidade se dariam, tanto mais que já tinham sido espadeirados por praças do Exercito diversos cidadãos e ameaças havia de se dar uma conflagração na cidade. No correr dos trabalhos foi-me entregue pelos mesarios convocados um protesto que determinei fosse consignado em acta. Certo de que semelhante apuração não poderia produzir os seus effeitos regulares, no intuito, entretanto, de evitar maiores desatinos, submetti-me á continen-

cia do momento, resolvido a officiar a v. ex.^a, como ora faço e para os devidos fins. Apresento a v. ex.^a as minhas saudações — *Antonio Ferreira da Silva Pinto*, juiz de direito. »

UM SR. DEPUTADO — Esse documento é uma prova do grande prestigio do sr. Nilo, no Estado do Rio.

OUTRO SR. DEPUTADO — Especialmente em Macahé.

O SR. SILVA MARQUES — Ora ahi está, como muito bem dizem os nobres deputados, em que consiste a força politica do vice-presidente da Republica no Estado; ahi está como elle entende o regimen republicano, como elle respeita o direito dos adversarios, como elle acata o poder judiciario, como elle sabe ser patriota. (*Muito bem; applausos*).

Sequestrar uma alta autoridade judiciaria, obrigá-la pela força a sancionar uma falsidade, é facto tão monstruoso, que custa a crer se tivesse passado no Brazil e em pleno regimen republicano. (*Applausos*). Nem se pôde acoimar de apaixonado o documento que acabei de ler, porque o juiz em questão, completamente estranho á politica, é um septuagenario, atacado de tremor senil, uma reminiscencia de homem, uma fantasma de juiz. (*Muito bem*).

Feita a eleição, sob uma atmospheria de terror, nem assim o sr. Nilo Peçanha conseguiu maioria; para mostrar que tinha prestigio, mandou falsificar actas eleitoraes, corrompeu alguns juizes, uns a troco de empregos federaes, outros por dinheiro, como aconteceu em Cantagallo, onde dizem que o proprio dr. Francisco Botelho, depois candidato á presidencia do Estado, em concorrência com o honrado dr. Edwiges de Queiroz, appareceu em trem especial...

UM SR. DEPUTADO — Pago pelo Thesouro.

O SR. SILVA MARQUES — ... munido de uma maleta e de um livro de cheques... 45

OUTRO SR. DEPUTADO — Dizem que os cheques não eram d'elle, e por isso não foram pagos. Em todo o caso, seria bom perguntar ao ex-juiz José Moll. (*Hilaridade*).

O SR. SILVA MARQUES — ... para pagar o preço da venalidade de certos juizes que se deixaram corromper.

O SR. THIERS CARDOSO — Infelizmente é um facto que está no dominio publico. (*Ha outros apartes*).

O SR. SILVA MARQUES — É justamente a razão por que me referi a elle, sem, todavia, affirmál-o categoricamente, porque só affirmo o que sei de sciencia propria, tanto mais tratando-se de um facto de summa gravidade, como esse, em que se vê um candidato á presidencia do Estado exercendo publicamente e em pessoa a corrupção sobre diversos representantes da magistratura. Que bom presidente, si tivesse elle sido eleito! (*Riso*). Verdade ou mentira, o facto incontestavel é que os juizes que apuraram contra disposição expressa de lei as duplicatas criminosas do sr. Nilo Peçanha, foram poucos dias depois nomeados funcionarios federaes. Estão todos muito bem empregadinhos, nos ministerios politicos dos srs. Rodolpho Miranda e Francisco Sá, que os tratam, naturalmente, com o mesmo carinho especial com que se tratam os animaes de estimação. (*Riso; apartes*).

Eu lhes poderia citar os nomes, sei-os todos de cór; não o faço por um sentimento de piedade.

O SR. ALMEIDA FAGUNDES — Isto fica muito bem ao caracter de v. ex.^a (*Apoiados*).

O SR. SILVA MARQUES — Nesses dois factos, o da eleição e o da apuração, o sr. Nilo Peçanha commetteu, pelo menos, tres crimes; primeiro, pretendendo rebaixar os soldados do Exercito ao papel de arruaceiros eleitoraes; depois, fraudando as eleições com actas

falsas, e, em seguida, corrompendo juizes no acto da apuração.

Ser republicano assim, nem mesmo na Abyssinia, onde o famigerado capadocio tem as suas complicadas nascentes. (*Risos*).

Mas não ficam ahí o patriotismo, a justiça e o republicanismo do sr. Nilo Peçanha; vamos ser surpreendidos com factos muito mais assombrosos. Approximam-se agora as eleições para o cargo de presidente do Estado, eleições disputadas, de um lado, pelo honrado dr. Edwiges de Queiroz (*apoiados*), contando com mais de dois terços do eleitorado...

O SR. RIBEIRO DE ALMEIDA — E das Camaras Municipaes.

O SR. SILVA MARQUES — ... e do outro lado, o dr. Francisco Botelho, candidato do sr. Nilo, contando exclusivamente com a fraude, a violencia e a corrupção. (*Apoiados*).

Na primeira eleição ainda o vice-presidente da Republica procurou mascarar a derrama de forças federaes com o auxilio dos famosos «habeas corpus» do seu não menos famoso juiz Octavio Kelly; na eleição para presidente do Estado tirou a mascara, exhibindo-se em todo o seu cynismo tradicional, collocou-se acima de tudo e de todos, fazendo seguir para os municipios numerosos contingentes, agora não mais sob o pretexto de garantir «habeas-corpus», formalidade que dispensou, mas com o fim de guardar collectorias e agencias do Correio.

Desse modo, o povo fluminense, cujas tradições conservadoras são bem conhecidas, passou, da noite para o dia, na opinião do incorrigivel capadocio, a ser um bando de ladrões e malfeitores! (*Apoiados geraes*). Ainda uma vez, porém, para honra da Republica e da Nação Brasileira, o Exercito mostrou que, si os pode-

res publicos, quando nas mãos de individuos como o vice-presidente da Republica, podem desviál-o de sua missão, não conseguem, todavia, arrastál-o á prática de crimes contra o direito e as liberdades publicas. (*Apoiados*).

Com excepção das forças que se achavam nos municipios de Macahé e Monte-Verde, todos os contingentes enviados para os diversos pontos do Estado souberam collocar as instituições acima dos interesses inconfessaveis e da conducta criminosa do sr. Nilo Peçanha; não se prestaram ao papel degradante que lhes destinavam os usurpadores de posições no Estado. Não vale a pena, por demasiadamente conhecidas, lembrar as mortes de Monte-Verde, mas convém passar em revista os crimes de Macahé, para maior gloria do caricato estadista da Loanda. (*Muito bem; apoiados*).

Como se sabe, o dr. Edwiges de Queiroz, não obstante a grande maioria que o apoiava no Estado, querendo dar á sua eleição um character eminentemente popular, resolvera percorrer todos os municipios. As festas estrondosas com que era recebido por toda parte feriram profundamente a vaidade do sr. Nilo Peçanha, que recommendou aos seus delegados naquella cidade não deixassem ao honrado fluminense sentir o perfume das flores nem ouvir o rumor das aclamações. (*Muito bem; applausos*). Enganou-se o monstro do Cattete, porque, si alguma gloria lhe coube na jornada, ella pesa menos do que a maldição do povo brasileiro. (*Apoiados*).

A Assembléa está percebendo que eu quero dar a responsabilidade de todas essas vergonhas ao sr. Nilo Peçanha, e os factos vão demonstrar que não faço sinão justiça ao mais desabusado acanalhador dó regimen.

A manifestação feita ao dr. Edwiges de Queiroz em

Macahé foi uma verdadeira glorificação; posso affirmál-o de sciencia propria, porque a ella estive presente, na qualidade de prefeito do municipio.

Organizada pelo coronel Bento Affonso, cuja influencia ali é incontestavel, quer pelo seu grande coração, quer pelos valiosos serviços prestados ao municipio (*apoiados*), a ella concorreu a população em peso, composta de homens, senhoras e creanças.

No momento, porém, do desembarque, a estação estava occupada pela força federal, dividida em duas filas.

Eram taes e tantas as provocações partidas do pequeno grupo apoiado naquella força, que só por um grande esforço conseguimos evitar um conflicto, que seria dos mais sangrentos. Chegados, felizmente, ao hotel, sem maiores inconvenientes, realizou-se a cerimonia da recepção e pouco depois o banquete. A festa ia terminar por um baile. Iniciado este, parecia que tudo estava terminado, porque não me constava, até então, que num paiz civilizado pudesse uma reunião de senhoras ser dissolvida a tiros de carabina. (*Muito bem; apoiados*).

O Brazil reserva esta gloria ao sr. Nilo Peçanha, o homem mais immoral que jámais fluctuou na enxurrada lamacenta da politicagem. (*Apoiados*).

Mal, porém, havia o baile começado, a gente do vice-presidente da Republica, tentou penetrar á força no salão, sendo repellida e obrigada a debandar. Poucos minutos depois já não eram mais os arruaceiros que nos aggreliam, eram forças regulares que faziam successivas descargas contra o salão do baile! Tentar descrever o que então se passou, seria fazer romance á Ponson du Terrail; contento-me em fornecer um facto para assumpto de uma pagina de politica republicana, como a entendem o vice-presidente da Republica

e seus comparsas, neste periodo de crimes e deboches ! (*Apoiados geraes*).

No dia seguinte, aos primeiros clarões da manhã, o hotel, que estivera cercado toda a noite por forças federaes, era invadido pela soldadesca, tendo á frente como commandante, imaginem quem, o desordeiro Isidoro Lapa !

Gloria ao patriotismo do sr. Nilo Peçanha, que tudo rebaixou neste paiz, até as insignias nacionaes, pendentes das fardas dos soldados (*muito bem*); o Exercito Nacional que lhe agradeça a honra de se ver commandado por um facinora. (*Apoiados*). E não é tudo ainda; o digno representante do sr. Nilo Peçanha fazia-se obedecer pelos soldados nacionaes como o lendario Osorio ou o bravo Caxias nos banhados do Paraguay; á ordem desse desordeiro era preso o juiz de direito Abel Graça, mettido num quadrado e conduzido para o quartel ! Ainda uma vez gloria ao sr. Nilo Peçanha, que fez arrastar por soldados em plena paz, a primeira auctoridade judiciaria da comarca, só porque não se prestava a authenticar as suas monstruosas falcatruas eleitoraes. (*Muito bem*).

Estava assim escripta pelo sr. Nilo Peçanha a mais bella pagina do regimen republicano: a dissolução de um baile a descargas successivas de carabina e a prisão arbitraria é violenta de um juiz de direito.

Deante desses factos, sufficientes por si sós, a attestar a torpeza de uma época, interrompeu-se a excursão eleitoral do dr. Edwiges de Queiroz, pela necessidade que tinhamos de providenciar sobre a liberdade do juiz. Chegado á capital, ainda vibrante de indignação contra as auctoridades militares, percebi que estava em erro, que o responsavel directo por tudo aquillo era o sr. Nilo Peçanha. Effectivamente amigos meus chamaram-me a attenção para um artigo,

muito significativo, intitulado: «Ondas de sangue», inserto no jornal *A Imprensa* e tambem para um entrelinhado publicado pela *Tribuna*, sobre o mesmo assumpto. Estava assim descoberta a origem daquelles monstruosos acontecimentos; não havia mais duvida de que a criminosa cilada tinha sido preparada de antemão no palacio do Cattete.

Com effeito, a recepção do dr. Edwiges de Queiroz devia realizar-se sabbado, e assim fôra annunciada, mas o digno coronel Bento Affonso, querendo facilitar a concorrência de todas as classes, obteve do dr. Edwiges que alterasse o plano da sua excursão, de modo a só chegar domingo em Macahé. Pois bem, já no sabbado, com vinte e quatro horas de antecedencia, os jornaes subsidiados pelo sr. Nilo Peçanha, falavam de sangue-derramado naquella cidade fluminense.

UM SR. DEPUTADO — A coisa estava organizada para dar esse resultado.

O SR. SILVA MARQUES — Creio que deante de facto tão eloquente, ninguem se animará a dizer que o sr. Nilo não seja o autor daquelles vergonhosos acontecimentos. (*Apoiados geraes*). Comprehende-se que elle desejasse o assassinato do dr. Edwiges de Queiroz, que era um embaraço ás suas ambições, mas porque o meu, que nada valho no Estado? (*não apoiados*), para que a eliminação de um homem que apenas se orgulha da sua pobreza e da sua simplicidade republicana?

O SR. BARRETO DURÃO — Cheira sempre bem o sangue de um adversario.

O SR. SILVA MARQUES — Para os degenerados que trazem na alma a hysteria do deboche.

Os despotas da antiguidade pensavam assim, e muitos delles acabaram trucidados pelos proprios amigos. Hoje combate-se o adversario, mas não se elimina. Mas, sr. presidente, a verdade é que ainda de-

vemos ser gratos ao bravo commandante Isidoro Lapa, ao illustre general do sr. Nilo Peçanha (*riso*); elle tinha ordem de matar e limitou-se á façanha que se viu.

Não ficará infelizmente nisso a obra de bravura da gloriosa vedeta do sr. Nilo que, si foi generoso, poupando a vida ao dr. Edwiges de Queiroz, e ao então prefeito de Macahé, vae illustrar ainda o seu nome com outros feitos cuja lembrança ha de ficar gravada eternamente na memoria de seu chefe, como o sangue do rei Duncan nas mãos tremulas da esposa de Macbeth. (*Applausos*). Vão ser assassinados depois dos successos a que me referi, dois chefes politicos, dois paes de familias, só porque não batem palmas ás violencias e ás falcatruas do famoso pantomineiro de Campos. (*Applausos*).

Penso ter deixado provado á sociedade a connivencia criminosa do vice-presidente da Republica no acto de selvageria praticada por occasião das festas em homenagem ao dr. Edwiges de Queiroz, citando o artigo «Ondas de sangue», d'*A Imprensa*, e o entrelinhado d'*A Tribuna*. Ninguem ignora que esses jornaes traduzem fielmente o pensamento do hospede do Cattete, a cujas falcatruas estiveram sempre associados; o facto pois de annunciarem com vinte e quatro horas de antecedencia, o que se teria de passar em Macahé, é uma prova evidente de que no palacio do Cattete se havia preparado fria e calmamente aquella grosseira scena de banditismo.

Vejamos a quem cabe a responsabilidade dos assassinios posteriormente praticados no mesmo municipio. Desta vez não invoco uma simples prova circumstancial, mas um elemento positivo de que é a declaração expressa dos mandatarios, dos proprios executores do crime! Conforme relataram os jornaes da época, realizava-se em dia previamente fixado uma

feita religiosa no districto de Glycerio, e a ella deviam comparecer os irmãos Manoel e Honorio Souza, ambos chefes politicos e autoridades policiaes, o primeiro para assistir ao casamento de uma filha, o segundo ao baptizado de um filho. Era a festa por excellencia da familia brasileira. Justamente no momento em que aquelles dois infelizes sahiam do templo, appareceram de subito quinze soldados commandados por Isidoro Lapa e fizeram contra elles cerrada descarga. Honorio cahiu morto e Manoel, apenas ferido, conseguiu fugir com a multidão apavorada, no meio da qual se arrastavam tambem outros feridos. Esses desgraçados que assistiam pacificamente e sem armas a uma cerimonia religiosa, foram ainda perseguidos a grande distancia, e só devido a obstaculos offerecidos pela topographia do local não foram barbaramente fuzilados. Para maior realce daquella scena de cannibae, releva notar que, tendo os soldados regressado ao local do crime, Isidoro Lapa os fez subir a uma pedra para de novo descarregar as carabinas sobre o cadaver do Honorio, não sei, bem com que fim, naturalmente para certificar-se de que as ordens do sr. Nilo Peçanha tinham sido fielmente cumpridas. (*Sussurro*).

Foi nesse momento que o padre Masson, uma bella figura de sacerdote (*apoiados*), indignado deante de tamanha barbaridade, perguntou áquelles sinistros ceifadores de vida si lhe sabiam dizer quem os auctorizára á pratica de taes crimes. Isidoro Lapa e o cabo que fazia parte da força declararam, como se confessassem o facto mais natural deste mundo, que estavam agindo por ordem do sr. Nilo Peçanha e do general Dantas Barreto!

O SR. THIERS CARDOSO — Não era preciso que elles o dissessem; toda a gente sabia que ali, como em todo o Estado, se cumpriam ordens do Catiete.

O SR. SILVA MARQUES — Sim, mas não se trata de simples presumpção ou de prova circumstancial; trata-se do depoimento de um homem acima de toda suspeita como o é o rev. padre Masson (*apoiados*), que por isso mesmo teve durante muito tempo a vida arriscada.

O SR. PEDRO AMERICANO — Foi obrigado a refugiar-se em Nictheroy.

O SR. SILVA MARQUES — Perfeitamente. Posso até precisar em que circumstancias. O padre Masson, depois de prestar o seu depoimento em Nictheroy, voltou para Macahé, mas em caminho, creio que em Capivary, encontrou um telegramma do bispo da sua diocese, ordenando-lhe que voltasse immediatamente, pois sabia que si lá chegasse seria assassinado.

Poucos dias depois era assassinado do mesmo modo o prestimoso chefe politico Antonio Pereira da Silva.

UM SR. DEPUTADO — Esses factos só serviram para diffcultar a eleição do marechal no Estado.

O SR. SILVA MARQUES — De pleno accordo; mas ainda assim os amigos do marechal lhe deram votos de verdade, por isso que o sr. Nilo só podia lançar mão de actas falsas. (*Apoiados*).

Mas, sr. presidente, tanto é exacto que o sr. Nilo Peçanha é o unico responsavel por todos esses crimes, que até hoje, apesar do escandalo que produziram, não houve um só acto tendente a punir os culpados. (*Apoiados; muito bem*).

Não ha entretanto motivos para surpresa: o governo do sr. Nilo Peçanha tem assignalado o periodo mais negro da nossa historia. (*Apoiados*). A Republica esteve entregue, como ainda está, a um bando de salteadores, mas a honestidade pessoal dos presidentes que o precederam continha de algum modo os excessos das aves de rapina. (*Apoiados*); com o sr. Nilo Peça-

nha, que vale por todo o bando, (*riso*), deu-se como que um rompimento de represa e a enxurrada lamençenta invadiu todos os departamentos da vida republicana. (*Muito bem; applausos*).

Querem maior escandalo, maior ameaça á ordem, maior crime, maior affronta á nação do que o barbaro attentado do Amazonas?

Não é só o facto do bombardeio de uma cidade aberta, de uma população indefeza, sem motivo algum que o justificasse, é a propria psychologia do facto que entristece e revolta, porque é bem o expoente de uma época. (*Apoiados*).

É sabido que naquella Estado do extremo norte operou por muito tempo a quadrilha rapinante dos irmãos Nery, a qual, segundo publicações que li, extorquiu ao Thesouro mais de cem mil contos.

O actual governador, que dizem ser um homem honrado, enojado de tanta rapina; entendeu que devia afastar o Thesouro publico das garras aduncas da sinistra e já millionaria irmandade, e foi quanto bastou para que, na capital da Republica, vejam só como anda isso! (*riso*) o proprio governo federal, ou, digamos logo toda a verdade, o sr. Nilo Peçanha e os seus comparsas ageitassem as coisas de modo a ser punida a honestidade do governador como se pune a um criminoso de lesa patria! (*Muito bem; applausos*).

Mas, então, em que paiz estamos, em que época vivemos? somos um povo organizado, ou uma quadrilha de salteadores? (*pausa*). Que nos respondam em consciencia os srs. Nilo Peçanha e Pinheiro Machado. Qualquer que seja, porém, o juizo que esses doges da Republica possam fazer da minha ingenuidade, eu sempre lhes quero perguntar o que é feito da constituição republicana, que fim levou a honestidade dos homens que nos governam?

Pois não é o proprio sr. Nilo Peçanha que nos tranca o telegrapho, como si fosse coisa sua, no dia em que a capital de um Estado da União é atacada pelas forças de terra e mar, ataque de que estava previamente avisado, por despachos telegraphicos publicados por todos os jornaes, pedindo providencias contra o que se ia passar? Não é o proprio sr. Pinheiro Machado que vae á tribuna do Senado para explicar á nação que foi elle, de cumplicidade com o presidente da Republica, quem obteve o afastamento do honrado general Osorio de Paiva do commando das forças no Amazonas, que foi elle quem conseguiu do sr. Nilo a nomeação do coronel Pantaleão Telles, no lugar daquelle, e do sr. Costa Mendes, para commandante da flotilha, sob o fundamento de que o general Osorio de Paiva era amigo do governador Bittencourt, e queria, além disso, ser senador pelo Amazonas? (*Muito bem; apoiados*).

Mas, então, está explicado o facto; temos a confissão do réo (*riso*). O bombardeio do Amazonas, com a consequente deposição do governador, obedeceu a uma simples questão de senatoria.

O SR. PEDRO AMERICANO — Não foi só a senatoria. O general Pinheiro Machado precisa tambem do Estado do Amazonas para impor a sua vontade, no Congresso, ao marechal.

A intervenção, no Estado do Rio, de combinação com o sr. Nilo, obedece ao mesmo plano. (*Apoiados geraes*).

O SR. SILVA MARQUES — Isso salta aos olhos de todos; não é segredo para ninguem. Ellés são espertos, mas já não enganam. (*Riso*).

Voltando, porém, á questão do Amazonas, o facto é que o honrado general Pinheiro Machado não queria que o general Osorio de Paiva fosse senador, porque é

amigo de um homem honesto, mas desejava muito ver no Senado o almirante Alexandrino, que já lá esteve, representando a amizade e a confiança dos irmãos Nery. (*Apoiados; applausos*).

Então, que especie de Republica é esta, que paiz é este em que se pratica um monstruoso attentado, em que se reduz o povo á triste condição de tribu errante dos tempos prehistoricos, e do motivo que se dá de semelhante conducta só se pôde deduzir a necessidade de punir a virtude, porque não se dava bem com a gatinagem? Ou eu estou doido, ou tudo isso está errado. (*Riso*).

O SR. BARRETO DURÃO — Elles lá se entendem.

O SR. SILVA MARQUES — Sim, elles lá se entendem; mas eu é que não percebo grande coisa em tudo isso; fico na duvida, si somos um povo policiado ou uma horda de bandidos.

O que não resta duvida é que o movel que determinou a deposição violenta do governador do Amazonas é o mesmo que inspira os ambiciosos sem escrúpulos, que se querem apossar do Estado do Rio, por meio de uma lei monstruosamente inconstitucional, que seria o coroamento de uma série de crimes e de falcatruas, praticadas impunemente pelo sr. Nilo Peçanha. (*Apoiados*).

Mas vejam bem o que fazem os aventureiros sem amor ao regimen nem á Patria; que preferem o crime á virtude, a anarchia do acaso ás garantias da lei! Elles estão preparando a dissolução da Republica e talvez o desmoronamento da Patria. (*Muito bem; applausos*).

Não é isso que dá a entender a conducta dos srs. Nilo Peçanha e Pinheiro Machado? Si não é esse o desejo dos donos actuaes desta grande feitoria, o facto é que caminhamos para isso a passos accelerados. Os

casos do Amazonas e do Estado do Rio são typicos, são característicos, trazem no bojo formidavel uma série inexgotavel de calamidades publicas. E não nos devemos occupar sómente da sua inconstitucionalidade, do seu character violento e revolucionario, dos seus effeitos perigosissimos para o regimen republicano, e ultrajantes para a Nação Brasileira; os incidentes que elles têm provocado são ainda mais promettedores. Não ha regimen politico, por mais perfeito que seja, que consiga transformar os povos da noite para o dia, substituindo por virtudes milagrosas, vícios arraigados e tendencias usurpadoras; é da educação civica, do respeito á lei que se deve esperar essa obra lenta de regeneração. (*Apoiados*).

No nosso regimen, passagem rapida da centralização para a descentralização, de fôrma tradicional e experimentada, para um systema de governo estranho aos nossos costumes e ás nossas tradições, deu-se ao Supremo Tribunal o character de poder moderador, destinado a dirimir os conflictos que porventura viessem perturbar a harmonia indispensavel ao funcçionamento dos órgãos constitucionaes.

Pois bem: deante desse acto de inqualificavel selvageria, praticado no Amazonas com o fim de restaurar no poder a cubiça insaciavel dos Nery, o recurso ao Supremo Tribunal estava naturalmente indicado como remedio constitucional. (*Apoiados*). Logo, porém, que foi conhecida a sentença, o sr. Nilo Peçanha ordenou aos jornaes subsidiados pelos cofres publicos que abrissem violenta campanha contra a mais alta instituição judiciaria da Republica, aconselhando abertamente o desrespeito ás suas decisões. (*Muito bem*).

Mas, si a ousadia desse politiqueiro lograsse porventura collocar as suas ambições, os seus continuos attentados á lei e á moral acima da ultima garantia

constitucional, a que ficaria reduzida a Republica, que restaria então ao povo como elemento de resistencia legal contra as praticas selvagens de um governo como o do sr. Nilo Peçanha, que se caracteriza por uma serie continuada de violencias e de latrocinios? (*Muito bem*).

Aliás, essa criminosa attitude aconselhada aos jornaes governistas no caso do «habeas corpus» ao governador do Amazonas, era a consequencia de uma pratica recente do sr. Nilo Peçanha no caso do Estado do Rio. (*Apoiados*). Fazia-se agora, por meio de uma campanha de imprensa, o que o politiqueiro do Cattete já tinha feito como desdobramento natural da sua incorrigivel capadoçagem. Lembra-se todos de que o sr. Nilo Peçanha havia preparado o sr. Alves Costa para presidir o seu simulacro de Assembléa, procurando investil-o de qualidades apparentemente legaes. Para isso, porém, era preciso que elle fosse eleito e diplomado. Eleito nós todos sabemos que o não foi (*apoiados*); mas o sr. Nilo Peçanha arranjou-lhe um diploma, conferido por uma junta de bobagem, que tinha tanta competencia para isso como o imperador Menelik (*riso*) e foi debochar o Supremo Tribunal, pedindo-lhe «habeas corpus» para o seu preposto legislativo, no Estado do Rio. (*Apoiados*). O Supremo Tribunal, cumprindo a lei; como lhe competia, declarou em longa sentença, rica de luminosos considerandos, que nem o sr. Alves Costa, nem os seus sete companheiros de districto eram deputados, e, por esse motivo, negava, como negou, a ordem de «habeas corpus» impetrada. Pois apesar dessa sentença, que não podia, que não devia ser desacatada, o sr. Nilo Peçanha fez com que o sr. Alves Costa organizasse e presidissem o simulacro de Assembléa, que os poderes do Estado não reconhecem e que funciona em Nictheroy com as ga-

rantias de que gozam as sociedades recreativas. (*Apoiados*).

O SR. BELISARIO AUGUSTO — E, é com isso que se quer intervir no Estado, a pretexto de restabelecer a fôrma federativa.

O SR. SILVA MARQUES — E' com essa parodia de Assembléa, cuja presidencia cabia de direito ao sr. Nilo Peçanha, si elle não estivesse presidindo a outros festins macabros, que se quer justificar a medida pedida ao Congresso, medida inconstitucional e revolucionaria, para que o Estado do Rio seja governado por um usurpador, repellido pelo povo e estrondosamente derrotado nas urnas. (*Muito bem; apoiados geraes*).

Mas não! Espero não ter o desgosto de ver tambem sepultadas as minhas convicções republicanas nesse immenso lamaçal de interesses inconfessaveis, que será o tumulto amaldiçoado da federação brasileira. (*Apoiados; applausos*).

A Constituição, alma e escudo do regimen, tem sido golpeada mais de uma vez pelos Nilos e seus comparsas, mas ainda não está morta.

O poder constituinte enfeixou no art. 6.º todos os casos de intervenção, e fixou no art. 34, paragrapho 33, as attribuições do Congresso ordinario, como órgão legislativo. Elle não pôde, portanto, intervir no reconhecimento de poderes das assembléas estaduais, cuja competencia é taxativamente dos poderes do Estado, (*Muito bem; apoiado*).

Si elle o fizer, terá votado uma lei inconstitucional e revolucionaria, que o Supremo Tribunal será forçado a annullar, para não morrer tambem asphyxiado pelos mesmos miasmas deleterios. (*Apoiados*). Si outra fôr a solução do caso, teremos definitivamente implantada a Republica dos Nerys e dos seus comparsas, contra a qual não haverá outro recurso sinão abotoar o

casaco e evitar os logares esconsos. (*Muito bem; apoiados*). Teremos firmado e consolidado para sempre o régimen que ahí está, no qual meia duzia de aventureiros tudo exploram, tudo aviltam, tudo acanalham, sacrificando os destinos da Republica e a dignidade da Patria. (*Apoiados geraes*).

Ainda hontem o *Diario de Noticias* desvendava o plano de assassinato do dr. Irineu Machado. Não sei o que ha de verdade em tudo isso, mas si effectivamente o querem matar, o motivo não pôde ser outro senão o facto de ser o deputado carioca um dos obstaculos á passagem do immoralissimo projecto de intervenção com que se pretende empolgar as posições no Estado do Rio. (*Apoiados*).

E' natural, estamos na época de Alexandre VI; eliminam-se os que não se rendem á condição de parceiros. (*Muito bem*). Honra aos manes de Cesar Borgia e gloria ao reinado do sr. Nilo Peçanha!

Não ha mais nada digno de respeito; sacrificam-se as vidas e exploram-se as tradições. (*Apoiados*).

Eu vejo neste momento com profunda tristeza a figura veneranda do sr. Quintino Bocayuva, que nos merece todo o acatamento, como tradição viva da propaganda, empolgada desapiedadamente pelas aves de rapina que se escondem á sombra desse nome para melhor devorarem os proventos do regimen que aviltam e prostituem. (*Muito bem; apoiados*). Já por occasião da scisão politica no Estado, o sr. Nilo, que não tinha partido, (*apoiados*), serviu-se do venerando chefe da propaganda como elemento de especulação para disputar com vantagem o reconhecimento na eleição senatorial, não por amor ao chefe cuja administração no Estado procurou sempre amesquinhar, mas como já disse, por mera especulação. (*Apoiados*).

Antes do pleito tive uma conferencia com o hon-

rado dr. Alfredo Backer, sobre a necessidade de elegermos o velho republicano. O illustre presidente do Estado respondeu-me que era esse o seu desejo, mas que tendo o sr. Nilo Peçanha feito desse nome bandeira politica, se o partido o suffragasse o sr. Nilo exploraria o facto para se arrogar prestigio que realmente não tinha. Conformei-me com isso, mas nas vespervas do reconhecimento, convencido de que o sr. Quintino não acceitaria em taes condições a cadeira que lhe offereciam, voltei a palacio e, deante da minha affirmativa nesse sentido, disse-me o dr. Alfredo Backer, visivelmente satisfeito, que nesse caso o sr. Quintino seria o candidato do partido. Para que não se ponha agora em duvida o que affirmo, appello daqui para o meu illustre amigo o sr. almirante Araujo Pinheiro, e elle poderá dizer si isso é ou não verdade.

O SR. PEDRO AMERICANO—Todos nós sabemos que v. ex.^a está dizendo a verdade.

O SR. SILVA MARQUES—Refiro-me a esse facto porque sei que a camarilha do sr. Nilo explora com o nome do chefe da propaganda para obter que o marechal Hermes se manifeste favoravelmente ao criminoso projecto de intervenção, que será o golpe de morte no regimen federativo e a ultima pá de cal no tumulto da Constituição. (*Apoiados, applausos*).

Mas não creio que o sr. Quintino Bocayuva se preste a essa manobra, nem que o digno marechal Hermes empreste o seu prestigio a um acto tão manifestamente inconstitucional. (*Apoiados*). Os que desejam mais esse ultraje á Republica são justamente os que preferem no Amazonas os Nery ao coronel Bittencourt, pelos mesmos motivos por que combatem no Estado do Rio a investidura conferida á lealdade e á

honestidade do dr. Edwiges de Queiroz. (*Muito bem; apoiados geraes*).

São os mesmos que atacam por intermedio dos jornaes subsidiados a indicação do dr. Amarilio de Vasconcellos para a pasta da Viação, a pretexto de monarchista, só porque elle exhibiu um programma que pôde ser definido em duas palavras: honestidade e justiça. (*Muito bem; apoiados*).

Desgraçado regimen este em que se repelle como uma affronta aquillo que deve constituir o apanagio de todos os governos!

Mas isso define, isso caracteriza os homens do presente (*apoiados*); elles excommungam a moralidade e a justiça, porque vêem nesses dois elementos de ordem social os grandes obstaculos á áncia de gozo que os devora, porque não podem pilhar os cofres publicos para satisfação do luxo e da vaidade, enquanto os miseros trabalhadores não recebem os seus salarios, como acontece presentemente com os operarios da Estrada de Ferro Central e do Arsenal de Guerra, porque todo o dinheiro é pouco para a orgia dos poderosos. (*Muito bem; applausos*).

Ninguem ousará pôr em duvida as minhas convicções republicanas. Pois bem. Si a minha palayra pudesse ser ouvida, eu diria neste momento ao honrado marechal Hermes: si o monarchista Amarilio de Vasconcellos é honesto e justo, chamae-o para o vosso governo, e ainda mais: collocae um Amarilio em cada departamento da administração, seja elle monarchista, autocrata ou republicano; a Republica tem logar para todos, e não precisa para chegar aos seus destinos sinão de moralidade e de justiça. (*Muito bem; applausos prolongados*).

Alexandre Stokler, o glorioso apostolo da Republica no Estado de Minas, cuja alma de patriota esteve

54

sempre ao serviço das grandes causas nacionaes, referindo-se ha poucos dias ao proximo governo do marechal Hermes, mostrou-se convencido, de que o sobrinho do glorioso fundador da Republica saberá conquistar a gratidão dos brasileiros, governando por si mesmo a nação, extranho a toda a politica pessoal, a todas as paixões, a todas as prevenções de amigos e de adversarios. Devo dizer que é essa tambem a esperança que nutro no momento em que a nação se vae libertar do tremendo pesadelo a que esteve jungida durante o quatriennio maldito que expira indigesto e ensanguentado no meio de violencias e latrocinios. (*Apoiados; applausos*).

Para afastar as aguas agitadas do Mar Vermelho, Moysés precisou munir-se primeiro do segredo da confidencia divina; para mostrar o caminho do futuro a um povo espoliado e vendido, basta a consciencia da moral e da justiça. (*Muito bem*).

Sêde forte e justo, neste momento, marechal; forte, porque só os musculos de Hercules lograram limpar os estabulos de Augias; justo, porque só a justiça consegue afugentar o convivio dos malfeitos, como a luz afugenta os bandos de vampiros. (*Apoiados*).

Com essas duas armas irresistiveis, que fazem a gloria dos grandes homens e evitam a dissolução dos povos, que aterram os mãos e reúnem os bons em torno da bandeira redemptora, tereis feito o, que a nação vos pede; a restauração da Republica e a resurreição da lei. O povo será então a vossa guarda de honra. Ou isso ou a maldição da historia, que é a partilha dos fracos e dos traidores. (*Bravos! Muito bem; palmas no recinto e nas galerias; o orador é vivamente felicitado por todos os seus collegas*).

Discurso proferido na sessão de 1 de dezembro de 1910

O SR. SILVA MARQUES — (*Movimento geral de atenção*). Sr. presidente, não é ainda occasião de estudar a psychologia dos acontecimentos ha pouco desenrolados na bahia de Guanabara, como demonstração do espirito de justiça e do sentimento de moral que presidem as nossas instituições; venho á tribuna prestar homenagem aos que cahiram victimas do cumprimento do dever, nessa hora de tremenda provação para a honra nacional.

Mesmo no desempenho dessa dolorosa missão, sou forçado a constatar a brutalidade do facto, lamentando, como toda esta assembléa e os demais poderes constituidos do Estado, que elle viesse explodir justamente no inicio do governo do Marechal Hermes da Fonseca, de cujo patriotismo a nação espera a restauração da justiça e da moral. ¹

O facto é doloroso, mas a ninguem deve ter surpreendido, porque é a consequencia lógica da situação de anarchia a que ficamos reduzidos nos ultimos 15 mezes do quatriennio que findou. (*Muito bem!*)

Postos fóra da constituição e, portanto, fóra da

55

¹ A revolta da marinhagem.

ordem, era natural que nos sentissemos transformados, num momento, em joguetes do acaso, em folhas sacudidas pelo sôpro da indisciplina.

Não é impunemente que se proscreeve das altas espheras do poder essa noção de moral e de justiça, que é alma das sociedades humanas: não é impunemente que se sacrifica a interesses inconfessaveis, essa gravitação harmoniosa de cada mollecule social em torno da lei, da lei intangivel e sagrada, cuja força consiste justamente em commandar a todos, tanto aos que ordenam como aos que obedecem. (*Applausos geraes*).

O ultimo governo, se é possivel chamar governo a uma orgia nacional, accumulando escandalos sobre escandalos, violencias sobre violencias, misérias sobre misérias, desviando a força publica da sua nobre missão de ordem e de respeito á lei para transformal-a em instrumento de conquista dentro da propria patria, como aconteceu no Estado do Rio e no Estado do Amazonas, esmagando o direito, scandalizando a moral, affrontando a nação, relaxou os ultimos vinculos existentes entre governantes e governados, e preparou para a Republica uma era de surpresas dolorosas, que nos podem conduzir á propria dissolução.

Um governo, por mais curto que seja o seu periodo de acção, não transforma impunemente o poder em factor de negociatas immoraes, em instrumento de vinganças e represalias; porque, quando a justiça deixa de ser o apanagio dos que governam, tambem é muito difficil fazer da obediencia um dever para os governados. (*Muito bem; apoiados*).

Não faço a apologia das rebelliões; condemno os actos do poder que nos levam a esse estado de espirito tão fatal ao interesse do individuo, como ao interesse da sociedade.

Antes de exhibir o requerimento que me trouxe á tribuna, que me seja permittido fazer um appello a todos os cidadãos bem intencionados, a todas as forças vivas da nação, para que prestigiem o poder constituido, afim de que elle possa, sem abalos nem perturbações, conduzir a patria e a Republica pelo caminho da justiça e do direito, em cujos escudos invenciveis estão gravados os seus altos e grandiosos destinos. (*Muito bem*).

Aquelle que affirmou a supremacia da força sobre o direito commetteu um duplo erro, um erro de visão e um erro de consciencia. Olhando para dentro, como o heróe de Byron, elle veria que a fé é sempre um producto do apostolado; olhando para fóra e acompanhando passo a passo a marcha silenciosa da humanidade, veria de etapa em etapa, de evolução em evolução, não a força creando o direito, mas o direito annullando a força e despertando em todas as almas a idéa soberana de amor e de justiça. (*Muito bem; applausos*). Um crime, uma violencia, um acto de usurpação, podem conferir momentaneamente o poder, o facto da supremacia material, mas não conferem nunca a autoridade que é obra exclusivamente do espirito, de cuja acção continua dependem as conquistas definitivas do genero humano. (*Muito bem*). Invocai os nomes de todas as nações, grandes e pequenas, humildes e poderosas, e vereis que todas as victórias que lhes assignalam a marcha na grande caravana da humanidade, a acção da liberdade contra o despotismo, do progresso contra a rotina, da fé contra o scepticismo, não são obra da força, mas do espirito de justiça e do sentimento de fraternidade. (*Apoiados*). Não é só no Brazil que se nota na hora presente esse movimento de reacção, aliás justificado por duas forças em conflicto: a nacionalidade em elaboração, querendo affir-

mar os seus direitos, e um regimen politico completamente desvirtuado, impatrioticamente explorado por uma minoria insignificante, composta de aventureiros sem descortino nem amor á Patria; sente-se o mesmo sopro de reacção no velho Portugal que se liberta de uma dynastia de onze seculos, nos Estados Unidos onde o Governo é derrotado pelas opposições colligadas, e até nessa privilegiada Inglaterra que devia escapar por uma generosa preferencia, nota-se o mesmo espirito de innovação, o mesmo desejo de tocar em instituições seculares que pela sua grandeza e perfeição fazem da inimitavel Republica coroada a patria de todos os direitos e a mãe de todas as liberdades. (*Applausos*).

Diante desse conflicto quasi universal, desse novo drama em perspectiva, em presença do que ameaça cahir e do que promete ascender, sinto-me cada vez mais confiante na victoria da justiça, e não obstante essa especie de tristeza prophetica que se apodera de mim ao assistir ao espectaculo de orgia a que se entregam os politicos ambiciosos da minha Patria, creio na victoria definitiva do direito e da liberdade. (*Muito bem*).

Não é ainda occasião de cobrir a cabeça com o manto do desespero e pronunciar a horrivel phrase de Bruto. Uma nação que pôde ter confiança nos seus destinos não se suicida com o veneno do scepticismo, nem se contenta com beijar a mão que distribue favores. Confiemos cada vez mais na força invencivel do patriotismo, na inspiração da liberdade e da democracia, que é a sua suprema formula.

Ao governo que acaba de iniciar o seu quatriennio, com applausos de todos os brasileiros, deve ter bem clara neste momento a noção da sua grande responsabilidade. Elle sabe ou deve saber que para reformar o

espirito do povo, para captar a sympathia da Nação, basta fazer sentir o regimen da justiça e da moral, que resume a vida e as aspirações dos organismos sociaes. (*Apoiados*). É a prova que elle sente que é essa a sua missão, é que já se manifestaram os primeiros actos de moralidade na pasta da Viação, confiada a um homem honesto, pela annullação pura e simples de negociatas arranjadas pelo seu antecessor. (*Muito bem; applausos*).

Esse pouco já é alguma cousa para um governo cujo inicio se assignala por um tremendo abalo; o resto virá depois com applausos de toda a Nação. (*Apoiados; muito bem*).

O partido da liberdade e da democracia não se annulla nem desaparece pelo facto de não contar com as commodidades do poder; um partido é sempre uma idéa, ou não é um partido, e uma idéa nunca esteve á mercê de um acontecimento. Quando um ajuntamento de acaso, também por circumstancias occasionaes empolga o poder e o impede de agir, elle appella naturalmente para a força da idéa que o impulsiona, que lhe serve de bandeira, e desse modo está sempre solidario com o seu destino. Não ha maior missão nem apostolado mais fecundo do que o daquelles que moralizam o povo, que o instruem, que lhe pacificam o espirito, que o fanatizam de justiça e de patriotismo, não só pela palavra que vão, mas principalmente pelos actos e pelos exemplos que ficam. (*Muito bem*).

Não temos ainda o direito de descrever dos nossos destinos: somos um povo perturbado na sua evolução, mas não paralyzado na sua marcha victoriosa; ensinemos a todos o segredo da constancia e a firmeza do character, e procuremos fundar sobre a virtude publica não só a dignidade do povo como também a grandeza da Patria. (*Muito bem; apoiados*). 57

Quanto mais larga é a idéa de justiça espalhada na consciencia popular, mais firme e mais fecunda é a autoridade do poder, que não tem então necessidade de recorrer á força para se fazer obedecido. Eugenio Pelletan, o eloquente apostolo da democracia na França, fez numa pagina brilhante da sua missão libertaria, essa distincção subtil e verdadeira entre poder e autoridade, o primeiro representando um facto, a segunda encarnando uma idéa. Autoridade não é a simples posse do governo, posse fugitiva e condemnada a saltar de cabeça em cabeça, como a agua de cascata em cascata; ella é a autoridade porque é a representação de uma idéa, e não se apresenta armada senão porque precisa manter a ordem no dominio do justo. Havia na Inglaterra, pelos fins do seculo XVII, um rei, um soberano que se chamava Stuart; esse rei era incontestavelmente o poder, mas a autoridade estava do outro lado da Mancha e chamava-se Guilherme de Orange.

Na America do Norte, quando explodiu a guerra da independencia, o poder era o delegado britannico, mas a autoridade era um homem do povo que se chamava Washington. (*Muito bem; applausos*).

Na França, quando rebentou a grande revolução, o poder era Luiz XVI, a autoridade era Mirabeau; na França ainda, alguns annos mais tarde, o poder era Carlos X, mas a autoridade era a revolução de Julho. Em Portugal, houve um tempo em que o poder era D. Miguel, a autoridade era D. Maria II; na Belgica, em 1830, o poder era o rei da Hollanda, a autoridade era o povo belga reivindicando os seus direitos de nacionalidade, e ainda agora, nesse mesmo glorioso Portugal, o throno de Bragança que symbolisava o poder teve de humilhar-se deante dum gesto soberano da nação que representava a autoridade.

Todo o drama da historia não é outra cousa senão o duello entre o poder e a autoridade, ou se acharem melhor, o duello do facto e do direito, da força e da idéa, da violência e da persuasão, do terror e da liberdade, justamente porque o poder é um facto, a autoridade é uma idéa. Ou o detentor do poder é guiado pela idéa de justiça, que encerra a idéa do bem, e nesse caso elle é o reflexo da alma do povo, ou abandona essa idéa e passa a constituir a sombra de uma ficção. Foi synthetizando essa alta noção de governo que o Marechal Hermes, ao assumir o cargo de presidente, declarou com applausos de todos os brasileiros, que queria ser e havia de ser no posto que lhes confiamos, não só um presidente constitucional, mas o primeiro subdito da lei. (*Muito bem; apoiados*). Com essa promessa que resume um programma republicano; que diz tudo em poucas palavras, não ha razão para sobressaltos, nem motivos para descrever dos destinos da Republica. (*Apoiados*).

Confiemos na acção do Governo, cuja promessa formal e solemne deve ser neste momento — uma garantia para todos os patriotas. Governar com a lei é estabelecer o imperio da ordem, consubstanciada na moral e na Justiça, é afugentar das cercanias do poder todos os elementos dissolventes, todos os germens de corrupção, é reunir ao mesmo tempo em torno da autoridade todas as classes sociaes, todos os homens de boa vontade para a obra de saneamento e de progresso. E' apenas disso que precisa o Brazil para ser forte, a Republica para ser respeitada no estrangeiro e amada no paiz pelas classes conservadoras, (*apoiados*), porque não é pela extensão do seu territorio, pela profundidade dos seus rios ou pela altitude das suas montanhas que uma nação se impõe ao respeito e á admiração dos outros povos, mas pelo esq. i. to de jus-

tiça que fôrma a essencia das suas instituições, e que a torna um asylo seguro de todos os direitos e de todas as liberdades. (*Muito bem; muito bem. Palmas. O orador é vivamente cumprimentado*).

Vem á Mesa, é lido, apoiado e sem debate approved, o seguinte

REQUERIMENTO

«Requeiro seja inserido na acta um voto de profundo pezar pela morte do capitão de mar e guerra João Baptista das Neves, dos capitães-tenentes José Claudio da Silva Junior e Mario Carlos Lahmeyer, dos primeiros tenentes Americo Salles de Carvalho e Mario Alves de Souza, e bem assim, de todos os marinheiros que tiveram a mesma sorte, acompanhando os seus superiores no cumprimento do dever.

Sala das sessões, 1 de dezembro de 1910 — *Silva Marques.*»

Discurso pronunciado na sessão extraordinária de 27 de dezembro de 1910

O SR. SILVA MARQUES: (*Movimento geral de atenção*)—Sr. Presidente, um dos nossos mais illustres collegas que, tanto pelas suas inextinguíveis qualidades de tribuno, como pelas suas grandes virtudes cívicas, honraria qualquer parlamento do mundo, e cujo nome, peço venia para declinar, o Dr. Belisario de Souza, já uma vez disse, desta tribuna, ao congratular-se com o governo federal, pela solução dada ao caso dos marinheiros sublevados, que esse acontecimento que tanto agitou o espirito publico, tinha menos importancia, era menos grave, como factor de anarchia e de desordem, do que a situação creada no Estado do Rio pela intervenção violenta do ex-vice-presidente da Republica na sua economia interna.

Tenho aquella affirmação do nosso eminente collega por uma verdade incontestavel. (*Muito bem*).

Não é preciso estar grandemente familiarizado com as leis invariaveis da historia, não é preciso ter acompanhado a evolução das sociedades humanas atravez de abalos e perturbações mais ou menos sensiveis, e em cuja marcha lenta todos nós percebemos a obra silenciosa e fecunda do espirito, preparando a ordem

de direito, como succedanea da ordem de facto, para que se visse, para que se sentisse desde logo o que havia de grave, o que havia de perigoso para a estabilidade das instituições, senão também para a integridade da Patria, em todo esse longo desfilar de violências e de abusos contra os poderes constituídos do Estado. (*Muito bem; apoiados*).

Não o digo com o intuito de injuriar, mas a não ser que se trate de ambiciosos vulgares, de políticos apaixonados, de individuos irresponsáveis que se hajam enganado de patria, ou que tenham perdido a noção do tempo em que vivem, creio que não haverá um homem de mediana responsabilidade que não lamente, que não condemne os factos desenrolados nesta terra, factos que eu considero menos compromettedores, menos attentatorios da sua autonomia, do que da propria ordem republicana. (*Muito bem*).

Se me perguntassem, neste momento, pelo objecto, pelo fim que se tinha em vista com essas violações systematicas, com essa monstruosa perversão dos principios republicanos, eu talvez não pudesse responder de prompto sem pôr em duvida o bom senso e o patriotismo daquelles que se encarregaram dessa tarefa duplamente infeliz. A resposta áquella interrogação estava naturalmente indicada: era a usurpação das posições politicas, por meio da força bruta, ou simplesmente a usurpação do governo do Estado.

Mas, pergunto: haverá ainda nos tempos que correm algum espirito sufficientemente ingenuo que acredite na efficacia desses processos violentos para a conquista de postos definitivos na hierarchia da lei e do direito? Haverá quem possa admitir, no actual estado da evolução humana, que alguém, por mais luminosa que seja a sua estrella, ou por maior que seja a sua falta de escrupulo, a sua falta de patriotismo,

só pelo facto de dispôr, no momento, do prestigio material da força, tenha poder bastante para se sobrepor aos sentimentos de ordem e de justiça e fazer calar para sempre o grito expontaneo das consciencias?

Não. Seria preciso que a humanidade tivesse retrogradado de dous seculos, pelo menos; seria preciso que da face do mundo houvessem desapparecido, como por encanto, todas as conquistas do pensamento e, ainda mais, que sobre todos os corações, sobre todas as consciencias tivesse descido a sombra negra do passado, annunciando a resurreição do despotismo por um eclipse permanente de todos os sentimentos de liberdade (*Apoiados*).

Não se tratava na hypothese de um caso de salvação publica, não se tratava de um destes casos excepcionaes, rebentos monstruosos daquella politica vesga e ensanguentada com que a suprema necessidade, o *salus populi* justifica, ás vezes, as aberrações e os desvarios dos Hobbe e dos Machiavel, mas de um caso de vaidade morbida, de um caso typico de ambição pessoal que escapava á sancção do direito e por isso mesmo não merecia tambem o respeito da opinião. (*Muito bem; applausos*).

Um homem, ou talvez menos do que isso, um boato de homem, como diria Thomaz Carlyle, explorando impatrioticamente os privilegios transitorios de uma investidura occasional, cuja responsabilidade ignora ou fingê ignorar, arma-se cavalheiro de aventuras e pretende restabelecer dentro da propria patria o regimen de conquista, regimen condemnado em nome do direito, como expressão da cultura humana, não direi só entre nações differentes, mas tambem entre povos que se odeiam (*Muito bem; apoiados*).

Após uma longa odysséa de abusos, de violencias, desenrolada no territorio fluminense, para vergonha e

desprestigio da Republica, o sr. Nilo Peçanha preparou o golpe definitivo contra a autonomia do Estado que o havia elevado immerecidamente a todas as posições politicas, fazendo occupar á noite o edificio da Assembléa para evitar que os eleitos do povo se reunissem no dia seguinte, em sessão preparatoria, como manda a lei.

Diante desse attentado que mal se comprehenderia sob os governos despoticos da Russia e da Turquia estava plenamente justificado o acto do Presidente do Estado, transferindo a séde da Assembléa para Petropolis, acto que além de ter a consagração do texto constitucional foi acolhido entre calorosos applausos não só da maioria dos fluminenses, como de toda a nação brasileira que acompanhava cheia de justa indignação...

O SR. LIMA ROCHA—E de dôr.

O SR. SILVA MARQUES—... esse desmoronamento do regimen republicano, de par com o sacrificio de todos os nossos direitos, de todas as nossas liberdades. (*Apoiados; muito bem*).

Justificada assim a transferencia da séde da Assembléa para Petropolis, penso que se justifica tambem agora a sua reversão para Nictheroy.

Estou persuadido de que o Estado do Rio, orgulhoso das suas tradições de liberdade, que tem dado ao Brazil os mais bellos exemplos de civismo e de amor á ordem (*apoiados*), cuja historia, cheia de factos nobilitantes, lembra a cada passo, de epoca em epoca, de geração em geração, uma legião de nomes gloriosos, do estadista ao soldado, do tribuno ao homem de letras, só podia ser vilipendiado por um filho desnaturalado...

O SR. LIMA ROCHA—O sr. Nilo Peçanha não é fluminense, segundo dizem.

O SR. SILVA MARQUES—Infelizmente, a doutrina

que consagra os nossos direitos politicos confere-lhe tambem essa qualidade, ainda mesmo que elle tivesse deixado o umbigo em alguma senzalla da vizinhança (*Hilaridade*).

Mas, como vinha dizendo, sr. Presidente, esta terra que de tudo se pode orgulhar, até mesmo da generosidade com que abrigou um monstro, só podia ser amesquinhada por um filho desnaturado e ingrato, de cuja depravação moral só lhe era licito esperar os actos de vilania que todos nós conhecemos (*Muito bem; apoiados; applausos*). A vida do sr. Nilo Peçanha até á hora presente tem sido um amontoado de mentiras, de traições e de falcatruas. (*Apoiados*). Formado em direito por empenhos de antigas influencias dos dous partidos monarchicos, nunca soube redigir uma petição e muito menos defender uma causa, porque escrevendo ou falando é sempre o mesmo cafajeste, o mesmo ignorante, o mesmo cynico, o mesmo desfructavel. Para que um nullo reconheça a sua propria nullidade é preciso que elle seja realmente muito nullo.

O sr. Nilo Peçanha, convencido de que era incapaz de exercer qualquer dos multiplos ramos da actividade humana, fez da politica profissão, e conseguiu, graças aos processos que lhe são familiares, chegar a todas as posições. Isto dá a medida exacta do que vale esta republica de tropeiros analphabetos e patriarchas avariados (*Riso*). Passa por ter sido um dos heroes da propaganda e todos os seus esforços em prol do regimen consistiram em devorar almoços e jantares que lhe offereciam ingenuos campistas, passando em seguida telegrammas para os jornaes do Rio, em que dava noticias pomposas de discursos que não havia pronunciado e de ferimentos que nunca recebera.

A pessoa que pagava esses telegrammas phantas-

ticos era um negociante portuguez que lhe admirava a dentuça e que, por signal, logo que o patife logrou ser deputado á Constituinte, não sabia o que mais estranhar, se a sua injustificavel admiração pelo capadocio, se as ingratidões recebidas deste incorrigivel comediante.

No Congresso Federal, onde teve assento desde a Constituinte, só se lhe conhecem como producções oratorias dous resúmidos discursos por elle proprio redigidos, que são verdadeiros bestialógicos carnavalescos. (*Riso*). Em uma dessas joias tribunicias, a proposito de impostos estadoaes, disse textualmente o desabusado aventureiro:

«Lamento... Sr. Presidente, que os partidos appareçam já, quando a federação depende mais que tudo da relva da terra, quando a experiencia é que nos vai dizer, si o espirito local existe mais nos Estados montanhosos que na planicie, fazendo a producção ampla ou castrada, quando finalmente não será o principio de uma escola politica, no momento mais critico para a unidade da patria e seu credito no exterior, o salvador dos compromissos existentes e que a honra não manda abalar.»

Vejam só quanta belleza na fórma e quanta originalidade no fundo. O sr. Nilo lamenta a formação de partidos numa republica democratica, como se os partidos não fossem justamente a alma das democracias! Se elle tivesse alguma noção de historia antiga affirmaria naturalmente o contrario, tomando o exemplo de Roma, cuja grandeza durou emquanto duraram os partidos, ou mesmo da republica florentina no seculo XII, cuja epoca de esplendor assignalou-se na lucta entre guelfos e gibelinos, e iria mais longe ainda, fa-

zendo datar a decadencia do grande nucleo latino do dia em que Cezar deslocou a tribuna do forum, os gloriosos rostros, de perto da curia Hostilia para junto do templo da Fortuna, assignalando a queda de Florença da hora em que um mercador de pannos, um Lourenço de Medicis, entendeu que podia arvorar-se em arbitro dos seus destinos.

E eu poderia replicar-lhe agora, do fundo da minha penumbra: paz aos naufragos da historia! elles foram menos desgraçados do que nós, porque se um mercador ambicioso afogou a alma errante da Grecia heroica numa laguna do Adriatico, um palhaço e um tropeiro fizeram do maior paiz do mundo o mais desprezivel dos burgos pôdres (*Muito bem; applausos no recinto e nas galerias*). E nem o lado mais desfructavel do sr. Nilo está no facto de haver lançado o anathema da ignorancia á existencia dos partidos...

Ha cousas mais graves. Essa federação dependendo da relva da terra, o espirito local existindo mais nos Estados montanhosos do que na planicie, essa historia complicada de producção ampla ou castrada estão acima de tudo quanto se possa imaginar em materia de bestialogico. Mas não é tudo. A Assembléa vae ser mimoseada ainda com um presente regio. O sr. Nilo é inexgotavel, é mais fecundo do que todas as producções castradas, (*riso*) e eu que me sinto hoje pouco disposto a fazer espirito por conta propria, dou graças a Deus em poder respigar nessa immensa seara carnavalesca. Lá vae obra: No 3.º volume dos *Annaes da Constituinte*, pag. 18, encontra-se o seguinte resumo, a proposito dum attentado soffrido pelo então deputado Dr. Oscar de Macedo Soares. Lê:

«O sr. Nilo Peçanha começa lembrando um conceito de Thiers, que era sempre perigoso despertar o so-

nho de uma victoria nas assembléas parlamentares (!): a sua logica é ás vezes a das inconsciencias (!) e a sua acção a das contramarchas e das contradicções... Hontem o Congresso solemnizou mais um anniversario na morte de Nunes Machado, sagrando o principio de liberdade de pensamento: tinha a Republica o seu coração no Norte, era o caso da *Tribuna*: hoje, o Congresso não negará apoio ao seu requerimento em face do attentado que soffreu o illustre jornalista Macedo Soares. Sabe que elle está desterrado; mas não se despoja do direito de representante. Protestará sêmpre contra este processo algebrico (!!) de eliminação dos homens de brio e de coragem civica, — *processo que a Republica herdou do antigo regimen...*

« Não acredita em inqueritos quando os criminosos têm inspirações do poder publico. Pensa que processos são os meios mais difficeis de se chegar á verdade juridica. *Pode comparal-os aos gestos impudicos dos grosseiros idolos phenicios á sombra do movimento de pudor da Venus de Medicis* (!). A impudencia se fazendo pudicicia... »

Diante de tudo isto a gente tem impetos de apostrophar o destino. Na França, Victor Hugo, com todo o seu genio, com todo o seu cabedal litterario, consegue a muito custo ser senador, no Brazil vae facilmente á presidencia da Republica, esse nosso incomparavel architecto de asneiras! E não me venham dizer que é mais facil maldizer dos homens do que instruil-os e moralisal-os. Eu tenho o sr. Nilo por incorrigivel. No Congresso ou na administração elle é sempre o mesmo homem capaz de fazer rir ás proprias pedras.

Como presidente do Estado do Rio inaugurou solemnemente o systema espectacular das mystificações, mentindo descaradamente em documentos officiaes,

creando riquezas phantasticas como os celebres manicobaes, os famosos arrozaes de Pendotiba que não passavam de pantanos cobertos de tiririca, e as impagaveis feiras de gado que só elle via, tanto que as inaugurava com bandas de musica, discursos e foguetes. Isto faz-me lembrar a historia do retrato de Santo Antonio.

O piedoso parochio d'uma freguezia de interior querendo abrilliantar a festa do seu glorioso padroeiro, encommendou a um pintor que lhe fizesse o retrato do santo e pagou adiantadamente o trabalho. O pintor, que havia gasto o dinheiro sem dar uma pincellada, viu-se em serios embarcos na vespera da solemidade, e resolveu applicar um conto ao bondoso vigario. Procurou-o depois da missa e disse-lhe que havia recebido na noite anterior a visita do santo para communicar-lhe que sendo elle o protector dos casamentos, lamentava que houvesse tanta gente vivendo sem aquelle sacramento, e que para dar uma prova da sua contrariedade tinha resolvido que só lhe vissem o retrato aquelles que fossem filhos de casados.

O padre acreditou, e no dia da festa communicou aos parochianos em inspirado sermão a resolução do santo. Afastada a cortina que cobria a tela em branco, todos admiravam a pericia do Ticiano da aldeia, menos o padre, cujo assombro foi tanto maior que até aquelle momento estava plenamente convencido de que era o piedoso rebento de dous troncos legitimamente unidos. (*Riso*).

Invertidos os papeis, o conto applica-se perfeitamente ás feiras de gado do sr. Nilo Peçanha. Elle era o unico que tinha a virtude de vel-as. (*Hilaridade*). Proclamou assim a existencia daquillo que nunca existiu, e empregou todos os esforços para que se não divulgasse a historia da sua administração. 63

UM SR. DEPUTADO — E tinha para isso razão de sobra.

O SR. SILVA MARQUES — Razão no sentido de interesse de criminoso, porque o seu governo foi um mixto de crimes e de mystificações. Os adversarios eram assassinados como ladrões de cavallo, as escolas fechadas, os municipios reduzidos á miseria para que a sua renda fosse gasta com os aventureiros que lhe compunham a côrte caricata. (*Muito bem; apoiados*).

Conheço muito bem os seus actos de deshonestidade, de parceria com argentarios insaciaveis, caçadores de contractos rendosos e de privilegios escandalosos, mas para definil-o como homem basta citar-lhe as ladroeirias praticadas contra as victimas das inundações em Campos e outros municipios.

Posso affirmar que a grande somma com que o governo federal veio em soccorro aos flagellados ficou quasi toda no bolso do sr. Nilo Peçanha, que se limitou a comprar alguns generos deteriorados, a resto de barato, generos que remetteu por duas vezes em navios differentes. O transporte foi feito gratuitamente, mas o sr. Nilo cobrou 15 contos por viagem!

Não é preciso mais para cácterisar o carrasco da autonomia fluminense, o coveiro da federação, o aca-nalhador do regimen. (*Muito bem; apoiados*). O futuro poderá definil-o em poucas palavras: foi o homem que roubou a esmola aos desgraçados. (*Sepsação*). Não é só depois do contracto com a Leopoldina e de outras negociatas da mesma época que ellê é accusado de deshonestidade; essa qualidade foi o seu primeiro baptismo. Uma heroina de Petronio não se lembrava de ter sido virgem. O sr. Nilo Peçanha podia fazer as honras a essa dama na orgia do *Satyricon*. (*Apoiados; muito bem*). E os poucos fluminenses que o acompanham na obra diabolica contra a autonomia do Estado, só lhe

servem de pedestal, só lhe applaudem os crimes porque lhe conhecem bem os honrosos precedentes.

Ninguém se admire disso; a homogeneidade de vistas justifica-se pela homogeneidade de interesses. A duquesa de Polignac recrutava os seus amantes entre os açougueiros, atrahida naturalmente pelo perfume do officio. Se o sr. Nilo Peçanha não fosse elle mesmo, seria a duquesa de Polignac. (*Riso*). Na presidencia da Republica elle não foi senão o chefe duma quadrilha de gatunos e assassinos. Para entregar o Estado do Amazonas aos irmãos Nery, cuja fama corre mundo como quadrilheiros matriculados, mandou bombardear a cidade de Manaus pelas forças de terra e mar, em cujo acto de pirataria morreram dezenas de populares; afim de se apoderar do Estado do Rio encheu os municipios de soldados do exercito, e para dizer o que foi essa intervenção em Macahé e Monte Verde lá estão ainda a viuvez e a orphandade clamando por justiça, naturalmente pela justiça divina, porque não podem contar com a justiça dos homens. (*Apoiados*).

UM SR. DEPUTADO — Os crimes de Macahé constituem uma das paginas mais negras da Republica.

O SR. SILVA MARQUES — Como administrador a sua passagem pelo palacio do Cattete foi um verdadeiro saque. Começou lançando mão dos dinheiros publicos para corromper juizes no Estado, e com o auxilio desse meritricio de toga empolgar as posições politicas que se acham em mãos dos mais dignos. Os jornalistas de suborno e os estellionatarios confessos tiveram o seu largo periodo de vacas gordas; não houve louva-minheiro dos seus crimes e capadoçagens que não fosse pensionista do thesouro. Tão grande foi a roubalheira praticada pelo saltimbanco da Loanda que dentro de poucos mezes todas as verbas estavam arrebitadas, e a Republica offerecia este doloroso espectaculo: Em

cima os poderosos, os traficantes e os alcoviteiros nadando em ouro, banquetecendo-se á larga, com o preço das proprias venalidades e torpezas; em baixo os operarios das repartições federaes, os homens honestos, os homens que trabalham, magros e esqualidos, pedindo, em vão, que se lhes pague ao menos um mez de salario. E' essa a triste situação dos operarios do Arsenal de guerra, da Imprensa Nacional, da Casa da Moeda, da Directoria de Saude Publica e da Estrada de Ferro Central, reduzidos á fome para que o sr. Nilo Peçanha pudesse pagar generosamente com os dinheiros publicos, e por meio de avisos reservados, a dedicação dos membros da sua quadrilha! (*Muito bem; apoiados*).

E dizem que estamos no regimen republicano! Mas se isto é republica não sei como deveriam ser qualificadas as quadrilhas de Cartouche e Luiz Vampa, antecessores e emulos do ex-vice-presidente da Republica. (*Apoiados; applausos*).

Mas eu me enganei, Sr. Presidente, quando colloquei no mesmo pé de egualdade aquelles salteadores classicos e o nosso mestiço contemporaneo (*Riso*). Ha entre elles uma grande differença: Cartouche e Luiz Vampa, proscriptos da communhão humana, em lucta aberta com os esquadrões de Argos, jogavam a vida na surpresa das emboscadas, ao passo que o sr. Nilo Peçanha pratica os mesmos crimes com a cumplicidade dos togas enxovalhados, ouvindo os accordes do hymno nacional e o côro louvaminheiro dos jornalistas de gazúa. (*Applausos no recinto, palmas prolongadas nas galerias*).

O SR. PRESIDENTE.— Chamo a atenção das galerias para a disposição do regimento que lhes prohibe qualquer manifestação.

O SR. SILVA MARQUES:— O governo do sr. Nilo

Peçanha foi uma verdadeira calamidade publica. Nada escapou á onda de lama que o levou á presidencia como expoente duma época; o proprio palacio do Catete foi reduzido a prostibulo com as scenas de alcova do salão Silva Jardim.

Se elle permanecesse mais seis mezes no poder tudo teria vendido, até o territorio nacional, (*riso*) porque tendo dissipado os dinheiros publicos com a compra de adhesões á sua politicagem, tendo confiscado os correios e telegraphos, lançado a indisciplina nas forças de terra e mar pela transformação destes elementos da defesa nacional em capangas eleitoraes, corrompido a justiça e o funcionalismo, só em contratos de estradas de ferro sobrecarregou a nação em cerca de 530 mil contos. E á medida que tudo dissolvia e acanalhava o sr. Nilo Peçanha amontoava enorme fortuna com as escandalosas negociatas effectuadas em torno da Leopoldina, da rêde cearense, da rêde bahiana, do calçamento do caes do porto, do Moinho Inglez e outras grossas patifarias conhecidas de toda a gente.

O SR. LIMA ROCHA — No entanto elle diz que está pobre, que vae vender o gado para viajar á Europa...

O SR. SILVA MARQUES — É mais uma prova da desfaçatez do famoso trampolineiro. O contrario do que elle affirma está na consciencia de toda gente. Não ha muitos dias alguem que conhece todas as falcatruas do sr. Nilo Peçanha affirmou-me com a maior convicção deste mundo que quem comprasse por doze mil contos a fortuna do ex-vice-presidente da Republica, ainda ficaria muitas vezes millionario. E é esse homem que nos vem dizer *sponte sua*, como quem se sangra em saude, que está pobre, que necessita vender o gado para fazer uma viagem á Europa!

Decididamente ao cynismo do sr. Nilo Peçanha só

65

se pôde oppôr o cynismo do heroe dum conhecido conto de Boccacio.

O SR. PRESIDENTE: — Lembro ao nobre deputado que o que está em discussão é o projecto revertendo a séde da Assembléa para a Capital do Estado.

O SR. SILVA MARQUES — Estou discutindo o projecto em debate, mas justamente porque elle tem uma genese complicada é que me vejo obrigado a fazer digressões que desejava poder evitar.

Plinio, o moço, revestido da sua toga de tribuno do povo, accusando uma vez perante o senado romano o proconsul da Betica, de massacre, concussão e rapina, fez sentir em vehemente apostrophe que o que tornava o accusado mais odioso era justamente o facto de ter elle nascido na provincia flagellada. O Estado do Rio lembra neste momento a velha provincia romana: engendrou um monstro que lhe pune agora o excesso de fecundidade. (*Muito bem; applausos prolongados*).

Mas, como ia dizendo, sr. Presidente, entre o castigaste que a fatalidade investiu da suprema magistratura e o typo de cynismo creado pela imaginação de Boccacio, a analogia é perfeita. Chapellétto, o heroe do conto florêntino, era um notario que corava de vergonha quando um dos seus contractos não ficava bem falsificado; falsificava com grande prazer e singular pericia não só escripturas como testamentos e outros actos da vida civil. Lançava a discordia, por meio de intrigas, entre amigos e parentes, para melhor explorar uns e outros; zombava de tudo que constitue o patrimonio sagrado da humanidade: da patria, da familia, da justiça e de Deus; calumniava, rapinava, mentia; praticava toda sorte de devassidão; só não matava com as próprias mãos, porque era o maior covarde deste mundo e receiava que o triumpho lhe sahissem ás avessas, (*riso*) mas pagava generosamente os

assassinos, comtanto que o dinheiro fosse de outrem; era em summa o mais triste personagem que o sol aquecia. Um dia Chapelletto vae a Dijon á procura de dous irmãos florentinos, seus amigos, usurarios de profissão e lá adoece gravemente.

Tendo os medicos declarado tratar-se dum caso perdido, os dous florentinos viram-se em serios embarracos. Não podiam sem se comprometter, pôl-o assim sem mais nem menos no andar da rua, no estado em que se achava. Por outro lado tratava-se dum impio de tal ordem que recusaria todos os sacramentos e cujos despojos nenhuma egreja acceitaria para sepultar em terra santa.

Admittindo mesmo que acceitasse a confissão nenhum padre o absolveria, tantos e tão horriveis eram os seus peccados, e quem pagaria o pato no fim das contas seriam elles que, odiados como usurarios, dariam com isso ao povo uma excellente occasião de vingança.

Chapelletto, que os ouvira do quarto visinho, pede-lhes que se tranquillisem; um peccado a mais não pôde aggravar a situação dum condemnado ao fogo do inferno. Manda chamar um confessor, mas quer que seja um modelo de virtudes. Fazem-lhe a vontade; dão-lhe por confessor um padre de boa e santa vida, veneravel objecto da devoção de toda a cidade. Começa a confissão. E' uma horrivel parodia; o moribundo faz-se passar systematicamente por um santo, com insolencia e cynismo diabolicos. Diz que veio á casa daquelles malditos usurarios sómente com a intenção de corrigil-os daquelle vicio abominavel. Interrogado sobre este ou aquelle peccado, responde sempre com um acto de santidade capaz de metter inveja não só a S. Thomaz de Aquino como ao proprio Jesus Christo. E quando o confessor, certo de que está diante da mais

virginal das consciências, prepara-se para o acto de absolvição, o peccador pede-lhe que se detenha: Acaba de descobrir um grande peccado de que se havia esquecido, peccado monstruoso de que nem o proprio Deus poderá absolver-o. Quando era pequenino, sem saber o mal que fazia, cuspira uma vez sobre os ladrilhos do templo. O bondoso monge tranquillisa-o, affirmando que isso não constitue peccado, tanto que os proprios sacerdotes o fazem, sem offensa para com Deus nem para com a Igreja. É quanto basta para que se invertam os papeis. Chapelletto revolta-se e desanda tremenda descompostura não só no confessor como em todos os sacerdotes que praticam essa feia acção, a pretexto de que o templo é um lugar sagrado e de que ninguém tem o direito de conspurcar a casa de Deus, onde se offerece o sacrificio divino!

Esta apostrophe, mixto de cynismo e de audacia, é a ultima prova da santidade do velho sacripante, cuja transfiguração começa em vida. Chapelletto será d'ora avante São Chapelletto. Pelos modos parece que o sr. Nilo Peçanha tambem quer ser canonisado, á maneira do usurario florentino (*Riso*). Pois quando a Nação inteira está convencida de que além de assassino e corruptor elle é um concussionario e um gatuno; quando toda a gente sabe que na presidencia do Estado do Rio elle abafou até as esmolas destinadas a matar a fome aos flagellados das inundações de Campos; quando todos estão fartos de saber que elle, socio de argentarios sem entranhas, saiu muitas vezes millionario da presidencia da Republica onde praticou todos os crimes previstos no Codice Penal, é que nos vem espontaneamente dizer que está pobre, que precisa vender o gado para poder passear a carcassa pelas cidades do velho mundo? Isso prova que se a historia está cheia de monstros, nenhum se exhibiu ainda com

mais desfaçatez e mais hypocrisia do que o sr. Nilo Peçanha (*Apoiados*). E é esse incorrigivel capadocio, esse consumado tratante que, de mãos dadas com aventureiros sem escrupulos, apoiado no escorrallho da humanidade, pretende fazer do Estado do Rio uma propriedade sua com sacrificio da propria ordem juridica da Republica! Não se diga que as considerações que venho fazendo são estranhas á materia em debate.

A Assembléa conhece de sobra os motivos que determinaram a transferencia da sua séde para a cidade de Petropolis. A discussão agora do projecto revertendo a sede das funcções legislativas para a Capital do Estado limita-se portanto á questão de saber se persistem ou não os motivos que determinavam a mudança para Petropolis.

O SR. BRAZILINO DE FREITAS — A prova de que já não existem taes motivos está no proprio decreto do poder executivo. (*Ha outros apartes*).

O SR. SILVA MARQUES — Sim, o decreto é logico: *Sublata causa tollitur effectus*. O sr. Nilo Peçanha era o maior interessado em anarchisar o Estado, mas só podia chegar a esse resultado por abuso de poder, emquanto no exercicio do cargo de presidente da Republica. É facto porém que os seus comparsas apregoam por toda parte que até o dia 30 do corrente o Dr. Alfredo Backer não será mais presidente do Estado. Estou informado tambem de que em Rezende tem circulado um telegramma no mesmo sentido, dizem que transmittido pelo proprio Dr. Oliveira Botelho.

O SR. FONSECA PORTELLA — Nesse caso teremos a deposição do presidente do Estado.

O SR. SILVA MARQUES — E em taes condições será um caso virgem na historia do regimen; mas si não é esse o plano, não vejo de que modo o Dr. Alfredo Backer deixará de ser presidente antes do dia 30,

quando o seu mandato vae até ao dia 31. Entretanto, por mais absurdo que isso pareça, não devemos perder de vista o aspecto da politica nacional. Os proceres da situação, os que se julgam investidos do privilegio de apoiar o marechal Hermes, são capazes de tudo.

Para elles, a vida normal do regimen, o respeito á constituição, a integridade do territorio nacional, são cousas secundárias, valem menos do que a satisfação dum capricho ou uma hora de gozo. (*Muito bem; apoiados*). São justamente elles os corruptores da justiça, os falseadores da representação, os delapidadores da fortuna publica, os perseguidores systemáticos da honestidade e do patriotismo (*apoiados*); ao tempo preferem o quarto de hora, á eternidade o minuto que se escôa; são como aquelles selvagens da Luziania de que falava Montesquieu, que para colherem os fructos cortavam as velhas arvores em cujos troncos magestosos se reflectia o labor dos antepassados. (*Apoiados; applausos*).

Com taes servidores a Republica teria fatalmente de chegar á deploravel situação em que se acha e cuja miseria seria loucura procurar esconder. Eu sei que o pudor é uma das virtudes do patriotismo, virtude tão grande que nos faz esquecer a dor da ferida que sangra, quando não nos obriga a negar as mazellas que nos envergonham (*muito bem*), mas desde que não podemos guardar silencio, o nosso dever é dizer a verdade embora correndo o risco de provocar contra nós a colera dos poderosos. (*Apoiados*).

Isso que ali está, essa força que nos ameaça, ameaçando a estabilidade das instituições, não é felizmente o expoente algebrico da nacionalidade, é a summa de todos os artificios substituidos ás normas republicanas. Estamos no regimen dos antichristos da moral. (*Muito bem*).

Só esses monstros sociaes seriam capazes de exigir

do Marechal Hermes a pratica de semelhante attentado, cuja gravidade é de tal ordem que o sr. Nilo Peçanha, synthese de todas as podridões humanas e o mais interessado na violencia, não teve coragem de lhe assumir a responsabilidade quando no exercicio da presidencia da Republica. (*Apoiados; muito bem*) Ninguém ignora que enquanto o famoso trapaceiro esteve de posse do Cattete, os srs. Pinheiro Machado e Quintino Bocayuva eram os senhores supremos da politica nacional. Porque razão o patriarcha avariado, cuja apostasia é patente pela desenvoltura com que abandonou o programma contido no manifesto de 70 e cuja maior gloria é ter-se feito no ultimo quartel da vida o cúmplice dum tropeiro no acanalhamento do regimen, não obteve do capadocio da Loanda que se consumasse o impatriotico attentado?

O SR. THIERS CARDOSO — Tanto o capadocio como os seus cúmplices querem os proventos sem a responsabilidade.

O SR. SILVA MARQUES — É isso justamente. São amigos ursos do marechal, exigem d'elle aquillo que elles, os mais interessados, não tiveram coragem de fazer, porque pouco se lhes dá que o marechal sacrifique a sua popularidade, se divorcie da opinião e seja tido pela Nação como um inimigo da lei, como o responsavel pelas consequencias dum acto revolucionario (*Apoiados*).

E a intervenção armada no Estado do Rio, para que o sr. Pinheiro Machado tenha mais uma feitoria, não será só um golpe profundo na Constituição, será tambem um flagello para a familia fluminense. O sr. Nilo Peçanha nunca teve partido no Estado; quando lhe presidiu os destinos, como successor do sr. Quintino Bocayuva, deu-nos um periodo de verdadeiros attentados á vida e á propriedade.

Os seus delegados prendiam os adversarios como ladrões de cavallos, e em caminho, a pretexto de resistencia, fuzilavam-n'os covardemente (*Apoiados*). A que horribéis espectaculos, no caso de intervenção, não teriamos de assistir nos diversos municipios onde o sr. Nilo não conta com outros partidarios senão os aventureiros e transfugas, arrebanhados dentro e fóra do Estado, e mantidos em cohesão apparente com o dinheiro extorquido ao thesouro nacional, para o effeito duma duplicata? Não tenho a menor duvida que se o Estado cahir novamente nas mãos do trampolineiro da Loanda, seremos testemunhas das scenas mais depri- mentes de ataques á honra, á vida e á propriedade. Nada escapará á sanha dos aventureiros, nem mesmo o pudor das mulheres!

UM SR. DEPUTADO — Sim, mas viria a reacção.

O SR. SILVA MARQUES — Não duvido, porque se tal cousa se dêsse a reacção seria um dever para todos os fluminenses (*Apoiados; muito bem*).

Estou convencido, porém, de que a intervenção, justamente porque seria um acto de summa gravidade, morrerá em estado de sonho nos cerebros prostituidos dos interessados, e porque assim penso é que voto pelo projecto em discussão. O presidente do Estado transferiu a séde da Assembléa para Petropolis, porque era preciso evitar, fosse como fosse, as violencias do sr. Nilo Peçanha, então na presidencia da Republica.

Fazendo-a reverter agora para Nictheroy, declarou em um dos considerandos do respectivo decreto que já não subsistiam os motivos que determinaram a mudança.

Effectivamente, o grande trampolineiro da Loanda já não occupa o palacio do Cattete, já não dispõe do thesouro nacional para o suborno das consciencias nem da força publica para desviál-a da sua missão, e si

elle, que é capaz de todos os crimes, si elle, que é o maior interesseiro nessa perversão do regimen republicano, não lhe quiz assumir a responsabilidade, seria fazer injuria ao honrado Marechal Hermes julgál-o capaz dum acto impolitico e de tamanha gravidade, tanto mais que a intervenção como a querem os srs. Pinheiro Machado e Quintino Bocayuva, é muito mais perigosa do que todas as revoltas armadas (*Muito bem; apoiados*).

Uma sedição militar é um desrespeito á autoridade constituida, mas a intervenção armada na economia interna dum Estado federado, fóra das hypotheses previstas no artigo 6.º da Constituição, não seria só uma violencia, seria uma traição á Republica (*Apoiados; applausos geraes*).

Não creio que o Marechal Hermes, cuja honestidade proclamo e cujo patriotismo ainda não foi desmentido, queira iniciar o seu governo implantando pela força no Estado do Rio a mais caricata, a mais desprezível de todas as oligarchias. Não creio porque acima dos interesses de corrilho está o sentimento de Justiça, a nota dominante no concerto dos povos que preferem a harmonia da ordem á anarchia perturbadora do facto (*Muito bem; applausos no recinto, palmas prolongadas nas galerias*).

O SR. PRESIDENTE — Devo advertir mais uma vez ás galerias que o regimento não permite estas manifestações de approvação ou reprovação.

O SR. SILVA MARQUES — Não creio, porque além de tratar-se dum acto que repugna á Constituição e ao espirito do regimen, seria agir em sentido contrario ao que reclama o interesse immediato da Republica, cuja maior aspiração neste momento é entrar de novo na orbita delimitada pelo direito e pela moral, da qual systematicamente a desviaram os que della fizeram um simples objecto de exploração.

Mas não é só o regimen que se procura ferir no que elle tem de mais intangivel, com o attentado planejado pelos srs. Pinheiro Machado e Quintino Bocayuva, é a propria nacionalidade, é a propria existencia do Brazil como paiz soberano (*Apoiados*).

Depois desses patriotas só o diluvio. Já somos um paiz *sui-generis*, onde no regimen nominal da democracia e da egualdade perante a lei, nove decimos da população trabalham para que tenha vida folgada e milagrosa um decimo de privilegiados que se arrogaram o direito de grandes senhores, mas cujo grau de capacidade e cujos exemplos de ordem moral nem sempre estão de accordo com as posições que occupam. (*Muito bem; apoiados*).

E qual tem sido o resultado de tudo isto, nestes vinte annos de Republica? Uma dolorosa situação que se agrava dia a dia e que nos ameaça de todos os males com que têm sido flagellados os povos incapazes de se governarem honestamente.

Para que estes sejam despojados dos foros de soberania basta que se invoque o pretexto da anarchia ou da bancarrota moral em que de ha muito já nos debatemos á espera da bancarrota de outra especie com que nos ameaça a nossa situação economica (*Apoiados geraes*). Temos, como elemento de peso na balança do commercio, dois unicos productos cujo resultado não dá para enriquecer os productores, sobrecarregados de impostos, e só aproveitam aos intermediarios aqui e no estrangeiro.

Convem não esquecer ainda que esses dous generos de exportação, o café e a borracha, unicas bases da nossa riqueza, estão sendo desvalorizados pela concorrência, que acabará por eliminál-os dos mercados onde têm collocação. Quanto ao mais, o melhor é fazer

silencio para não sermos forçados a confessar que importamos até o milho que damos ás galinhas (*Riso*).

O alto commercio de importação e exportação, as grandes empresas de viação e transporte, por mar e por terra, a exploração de productos mineraes, o commercio bancario, tudo emfim que póde deixar lucros mais ou menos consideraveis, está quasi exclusivamente nas mãos de estrangeiros. Por outro lado, não cessamos de contrahir empréstimos onerosos para a União, para os Estados e até para os municipios, empréstimos que seriam de grande vantagem se fossem applicados ao desenvolvimento das nossas fontes economicas, mas que infelizmente são gastos em futilidades, quando não desaparecem das arcas do thesouro, transformados em «avisos reservados»:

Dia virá em que teremos de ajustar contas com os credores, e poderemos avaliar então a obra perigosa dos que nos têm governado, ficaremos sabendo por experiencia propria que Shylock perdôa a quem lhe mata o pai, mas não perdôa a quem lhe rouba a herança. (*Muito bem*).

Nem ha mister de invocarem-se no nosso caso as creações de Shakspeare ou de Molière; Harpagão é sempre Harpagão em todas as épocas da historia e só se corrige com medo aos phantasmas, quando se chama Scroodge nos contos môraes de Carlos Dickens.

Não nos fornecesse a historia contemporanea, justamente nesta parte do Continente, materia de sobra para illustrar este debate e poderíamos justificar com a historia antiga o perigo que correm os devedores fracos quando são chamados a pagar o que devem aos credores fortes.

Pompeu e Bruto, que os historiadores nos apontam como varões modelos, especie de arvores frondosas carregadas de todas as virtudes romanas, não des-

denharam, a despeito de tudo, o officio de usurarios, e porque o fumo é sempre indício de fogo, tambem não se eximem da pecha de crueldade de que são accusados os Shylocks modernos.

O primeiro, nobre e grande rival de Cezar, emprestára ao rei da Cappadocia certa somma que o pobre principe asiatico não poudé pagar no prazo convencionado.

O futuro vencido da Pharsalia, forte então, no meio das suas legiões, não teve meias-medidas: mandou logo que os seus agentes percebessem directamente os impostos do reino, pouco faltando para que vendesse tambem o rei como escravo.

Bruto, o virtuoso Bruto, tendo emprestado egualmente á cidade de Salamina, na ilha de Chypre, cem talentos, dispensou todas as fórmás judicarias para a cobrança da divida.

Como se passassem alguns annos sem que lhe viesse ter ás mãos um drachma de interesse, o futuro suicida de Filippos fez cercar o senado de Salamina por um esquadrão de cavallaria, e tão apertado foi o cêrco, segundo narram os historiadores, que cinco senadores morreram de fome!

Esta circumstancia é realmente aterradora, mas não ha motivo para apprehensões, porque quando formos intimados pelos canhões inimigos, já os senadores desta grande Salamina estarão commodamente instalados a bordo dum transatlântico, e bom será que algum dos muitos Nilos que nos envergonham, não se lembre de vender as nossas peles com abatimento ao chefe dos invasores (*Hilaridade*).

Não ha duvida que vamos caminhando para a situação em que uma vez se encontraram Cappadocia e Salamina, mas tenho para mim que a situação de bancarrota moral em que de ha muito estamos mergu-

lhados é infinitamente mais perigosa do que aquella (*Apoiados*).

Um povo financeiramente fallido ainda se pôde salvar, mas um povo que perdêu o respeito de si mesmo está irremediavelmente condemnado (*Muito bem*). E nesse terreno, forçoso é confessar, não ha talvez nação alguma no mundo que tenha descido tanto quanto nós.

A representação nacional é uma verdadeira mystificação, e justamente porque não é o reflexo da soberania popular não precisa de ter opinião, age por conta de outrem. Nos corredores toma ás vezes attitudes catonicas, mas uma vez no recinto desdiz o que disse nos corredores, defende e vota os maiores attentados á Constituição e ao bom senso, como aconteceu com o projecto de intervenção no Estado do Rio, que, approvado no Senado, obteve parecer favoravel na Camara, tendo até um membro da Commissão de Justiça, o sr. Frederico Borges, votado duas vezes para derimir uma questão de prazo. (*Muito bem; apoiados geraes*). A Justiça é a que todos nós sabemos; já não offerece, salvo honrosas excepções, as necessarias garantias á vida normal dum povo culto, porque na sua organização, a começar pelo mais alto tribunal, que é o poder moderador, a cupula do regimen, o que tem prevalecido não é a capacidade intellectual, unida á idoneidade moral, é a preocupação dos serviçaes sem escrupulo, e só a estes se confere a mais alta investidura judiciaria (*Apoiados*).

O que se passa no departamento do ensino é simplesmente vergonhoso; delle desapareceu o ultimo vislumbre de seriedade para dar lugar a um franco regimen de traficancia. (*Apoiados geraes*). Diante de tudo isso só os cegos podem ser optimistas, só os visionarios poderão esperar alguma cousa duma nacio-

nalidade cujos expoentes assignalam a mais vergonhosa corrupção.

Si as lições da historia podem aproveitar á conducta dos povos, é o caso de tê-las bem de memoria todas as nações sul-americanas, especialmente o Brazil, que não é presa para ser desdenhada pelas aves de rapina. (*Muito bem*).

A annexação do Texas á União Americana dáta de meio seculo ou pouco mais, e não teve como causa ou pretexto senão os mesmos males de que estamos soffrendo. A conquista das Filippinas é obra de hontem, e se pelos antecedentes se podem prever acontecimentos futuros, não fazemos jus ao epitheto de phantasistas, affirmando que as republicas estagiarias de Cuba e Panamá terão em breve a mesma sorte.

Quanto a nós, o desvirtuamento do regimen, a falta de justiça, as violencias provocadas pelas ambições politicas trarão em breve as luctas armadas, e como consequencia a intervenção e o jugo estrangeiro, senão tambem a partilha do territorio. (*Apoiados; muito bem*).

Ninguém se illuda: Ou mudamos de orientação ou seremos engulidos. E para chegarmos á desejada transformação, aquella que nos pôde forrar ao perigo a que alludimos, poucos, embora vastos, são os problemas que nos devem preoccupar, problemas para cuja realisação não é preciso esperar a vinda, pouco provável, do grande homem segundo a concepção imperialista de Carlyle; basta o homem commum, dotado de honestidade e de patriotismo.

Esperar pelo homem providencial seria o mesmo que appellar para o maná celeste: elle não virá tão cedo a este inhospito deserto. (*Muito bem*).

O seu apparecimento depende de multiplas circumstancias, heranças de raça e de familia, e sobre-

tudo de meio social apropriado, que é sempre a resultante da cultura nas suas variadas manifestações, a menos que não se queira conferir aos Attilas e Jugurthas o título de grandes homens.

Mas, se por uma aberração, por uma transgressão das leis historicas, pudéssemos dar ao mundo esse glorioso escandalo, que viria fazer aqui o homem excepcional, sem objecto nem meios de agir? A não ser que viesse constatar o nosso estado de somnambulismo, não sei qual poderia ser a sua missão.

Não ha nada mais conhecido, mais explorado do que seja a historia dos grandes homens, e o que ella nos ensina é que nenhum delles triumphou ainda por si só, como se viesse munido dum talisman: todos elles, quer na antiguidade quer nos tempos modernos, tiveram como elemento de victoria, mais do que o proprio genio, as forças accumuladas pelas respectivas nacionalidades. Tambem não é desse genero de heroismo que nós precisamos agora, mas dum heroismo mais simples e mais humano, dum heroismo que nos conduza á posse de nós mesmos. (*Muito bem; apoiados*).

Heróe será aquelle que tiver iniciado e desenvolvido a colonisação e a cultura das nossas terras, fazendo da lavoura a base da vida nacional e a nossa principal fonte economica, porque ou seremos antes de tudo um povo de agricultores ou nunca passaremos duma nação de mendigos e funcionarios publicos sem independencia nem civismo (*apoiados*); heróe será aquelle que houver diffundido por todo o paiz a instrucção popular, completamente abandonada na quasi totalidade dos Estados, preparando homens aptos a viverem por si mesmos, e portanto capazes de iniciativa propria; heróe será aquelle que tiver transformado a funcção de autoridade de elemento de perseguição que é em funcção protectora como é da sua essencia,

72

capaz de garantir a effectividade de todos os direitos individuaes, dentro dos limites da lei e da justiça. (*Muito bem; apoiados*). Ou isso, que é condição indispensavel á nossa estabilidade, á nossa evolução de povo autonomo, ou a importação de frades estrangeiros para cantarem o *de profundis* na hora maldita em que os nossos suppostos amigos, mascarados de protectores, vierem tripudiar para sempre sobre os escombros das nossas liberdades. (*Bravos; muito bem; palmas prolongadas no recinto e nas galerias*).

Discurso pronunciado na Commemoração de 21 de Abril de 1901
como orador official do CLUB TIRADENTES

73

**Discurso pronunciado como orador official
do Club Tiradentes,
na commemoração de 21 de Abril de 1901**

Ao aceitar o convite do Club Tiradentes para falar em seu nome nesta solemnidade, o orador não ignorava a difficuldade da missão que ia desempenhar, receiava mesmo não poder corresponder de modo satisfactorio á confiança dos que o honravam com essa distincção. Simples soldado da democracia, sem talento, nem dotes oratorios (*não apoiados*), sente, ao enfrentar a brilhante assembléa que o escuta, ao lembrar-se dos gloriosos precedentes desta tribuna que esse receio, longe de desaparecer, vai cada vez se accentuando, como para tornar mais patente o contraste entre a opulencia dos que aqui se fizeram ouvir nas commemorações anteriores e a pobreza do interprete do club neste momento.

Convencido, embora, dessa fraqueza, não procurou escondel-a nos clarões de uma luz ficticia; ao penetrar neste recinto sabia apenas que tinha uma missão á cumprir; invocar mais uma vez a imagem de Tiradentes em nome da Republica, e que encontraria os velhos legionarios da liberdade, reunidos aqui como dentro de um templo, para celebrarem o seu triumpho

mais dum seculo depois do seu martyrio, com a mesma abnegação e o mesmo enthusiasmo com que antes da victoria, quando o imperio ainda se impunha a todos pelo resplendor e pela força, reivindicavam o sangue do heróe mineiro, como semente beindita da democracia destinada a germinar num solo propicio á liberdade. (*Apoiados*).

Naquelle tempo, exclama o orador, a nossa presença aqui lembrava a condição dos primeiros adeptos de um culto perseguido, procurando o silencio da solidão para entoarem o hymno da fé, sem outra garantia que a justiça da causa que defendiam, sem outra ambição que a satisfação da propria consciencia; mas hoje, que já não corremos atrás de uma illusão, que já podemos tanger o sonho crystalizado, que não invocamos uma chimera, porque apontamos um realidade, ella significa que somos no presente o que fomos no passado, quaesquer que sejam as previsões do futuro. Ella quer dizer que para aquelles que fizeram desse idéal o seu viatico para a vida e para a morte, não ha quêda que os convença da sua fraqueza, não ha dor que lhes arranque a apostasia que deshonra, não ha desgosto que os detenha na hora do perigo, porque o que elles defendem não é uma herança usurpada que se abandona com a chegada do legitimo dono (*muito bem; apoiados*), mas a convicção assenta na consciencia como uma inscrição gravada na superficie do bronze. (*Applausos*).

Ella quer dizer ainda que, não obstante esse confuso rumor de vozes despeitadas, procurando justificar a doutrina pelos milagres, attribuindo á fôrma de governo, a erros politicos, o que é em grande parte o effeito de uma lei natural, o nosso dever, o dever de todos os patriotas, é amar a Republica, confiar nos seus destinos com aquella firme esperança com que os pri-

meiros christãos aceitaram a escuridão das criptas em vista do Paraíso, com que o povo de Israel, confiado na palavra divina, aceitara as urzes do deserto em vista da terra da Promissão. (*Apoiados*).

E ainda, quando essa crise que se manifesta no primeiro decennio da organização republicana, fosse simplesmente o resultado de uma falsa orientação, de uma erronea comprehensão dos principios que regem as sociedades, ser-nos-hia licito perguntar — que tem a Republica, a Republica como supremo idéal politico dos povos, com os erros dos homens, com os erros dos governos, com a imprudencia dos partidos? Queriam talvez os adversarios do novo regimen que a Republica surgisse na manhã de 15 de novembro, não como um organismo imperfecto, sujeito ás leis da evolução, mas obra acabada, completa e deslumbrante, no ultimo gráu de perfeição, como Minerva saindo da cabeça de Jupiter! (*Muito bem; applausos*).

Não foi isso, no entanto, o que nos deu a monarchia, o regimen providencial dos que ainda sonham com a possibilidade de um throno na America livre.

Para responder aos que argumentam com a excellencia do segundo reinado, esse pretendido seio de Abrahão, mixto de paz e prosperidade, precisamos de ir ao fundo da historia e mostrar primeiro, rapidamente, o que foi na sua origem o regimen do direito divino nesta parte do Novo Mundo.

Duas phases teve a monarchia entre nós, duas phases distinctas na fôrma, mas identicas no fundo (*apoiados*), o periodo colonial, em que predominou o feudalismo desnaturado pela compressão, e o que a elle se seguiu, depois que os representantes da metropole resolveram explorar por conta própria as riquezas do paiz. A primeira celebrizou-se pela tendencia ao que havia de mais deshumano, de mais pequenino, de mais

immoral — a gáñancia de ouro e a escravidão do colono. (*Apoiados*).

Para levar a effeito esse programma, que era então o programma dos corsarios de alto-mar, a monarchia contava com o banditismo dos seus agentes e com a influencia nefasta do jesuita. Este matara a razão, anniquilara a consciencia, formara escravos em vez de homens; tinha a promessa do céu para os humildes, para os que não se revoltavam, e as torturas do inferno para os que já haviam comprehendido que obedecer não é annullar-se, servir não é degradar-se; aquelles tinham tudo, porque tinham a confiança do rei, matavam em nome da ordem e opprimiam em nome da justiça, mas de uma justiça que dir-se-hia-symbolisada pela gasúa e pela corda do carrasco, porque outra não podia ser a justiça de um regimen de latrocínios, de massacres e de escravidão. (*Muito bem; applausos*).

O orador nega que a obra do jesuita tivesse produzido o resultado que se pretende, e a prova é que é raro o brasileiro que não seja descendente do africano ou do portuguez.

O jesuitismo e a monarchia eram irmãos gêmeos na obra de destruição; (*apoiados*). Uma das concessões feitas por D. João III aos donatarios de capitánias era o poderem elles captivar os indios que quizessem para o seu serviço, ou vendel-os na metropole como producto colonial. Os que fugiam ao captiveiro eram perseguidos e exterminados, ou abandonavam as suas tabas fugindo aos horrores de uma pretensa civilização, que tinha por principio a pilhagem ou o assassinato.

Não agiram melhor os governadores geraes e os vice-reis que, preoccupados em retirar do solo as riquezas naturaes para entreter a ambição insaciavel da Europa, seguiram o mesmo processo dos antigos dona-

tarios, colhendo tudo quanto podiam e deixando a terra sem cultura e quasi despovoada pelas horriveis carnificinas que faziam entre os naturaes do paiz. Chamem a isto colonização scientifica, chamem a isto eliminação biologica, o orador não vê nesse processo senão o que a baixeza e o crime têm de mais revoltante. (*Muito bem; apoiados*).

O que é mais extraordinario é que durante os periodos mais agitados da phase colonial, quando Portugal era forçado a defender com energia a posse do territorio contra os seus poderosos rivaes, não houve um homem entre os delegados da monarchia, um homem capaz de uma acção heroica, um homem que soubesse honrar a dynastia, cujos interesses representava. Eram ferozes com os fracos que elles escravizavam, vendiam ou massacravam, mas fugiam diante da coragem, como sombras da monarchia, como sombras de um corpo que não era mais do que um phantasma. (*Muito bem!*)

Foi assim que se viu o governador Furtado de Mendonça capitular indignamente diante de Ceballos, entregando Santa Catharina, quasi sem resistencia aos aventureiros hespanhoes; foi assim que se viu o governador Vicente da Silva abandonar covardemente a colonia do Sacramento ao vice-rei do Prata, do mesmo modo que Francisco de Castro Moraes, outra sombra da monarchia, no Rio de Janeiro, já havia em 1711 abandonado a cidade á sanha dos corsarios de Luiz XIV. (*Apoiados; applausos*).

Dirão talvez que esse periodo da nossa historia não passou sem os bellos clarões de heroismo, sem os feitos brilhantes que affirmam a existencia de uma nacionalidade... Sim, tivemos tudo isso como uma solemne affirmação da nossa vitalidade, mas não foi uma conquista dos representantes da corôa, em nada podia

aproveitar á dymnastia que nos explorava ; todos esses clarões que illuminaram as primeiras paginas da nossa historia surgiram no meio do povo, vieram da alma heroica do brasileiro e do portuguez, do glorioso Bento Gurgel, á frente de um punhado de estudantes, resistindo á audacia dos piratas francezes, dos lendarios chefes da insurreição pernambucana, esse trio de bravura em que se ouve tambem a voz da raça africana ensinando o amor da patria aos dois jesuitas emissarios de João IV. (*Applausos*).

Tudo isso é nobreza, tudo é luz, tudo isso é gloria, mas tudo isso é do povo ; não desceu das torres illuminadas dos palacios, subiu num vôo de aguia, da alma luminosa do povo á grande montanha da historia. (*Applausos prolongados*).

Entre os representantes da monarchia era outro o processo para escapar ao esquecimento ; não podendo ser heroes, tambem não quizeram ser martyres, fizeram-se algozes, réos no tribunal da posteridade. (*Muito bem*).

Agindo em nome da tyrannia do direito divino, elles só podiam praticar a injustiça, a oppressão e o monopolio, e para aquelles que se levantavam em nome da dignidade humana contra esse regimen odioso só havia um castigo, era a forza, porque a forza era então o apanagio da realza. Nella pereceram, entre outros, Beckman e Jorge Sampaio, por haverem abraçado a causa do povo contra a força e a astucia, contra o rei e o jesuita. (*Muito bem ; apoiados*).

Emquanto esses gritos eram apenas uma revolta contra os effeitos, não visavam directamente a causa, o sangue dos rebeldes não ia além da forza e das mãos do carrasco ; mais tarde, quando a indignação chegou até ás raizes da árvore maldita (*applausos*), então a vingança foi completa, o sangue não ficou circumscri-

pto ao espaço do pelourinho, correu em ondas, de povoação em povoação, de cidade em cidade, de capitania em capitania, num formidavel rumor de coleras supremas. (*Applausos prolongados*).

Eis o que foi, em synthese, a monarchia entre nós, durante o abominavel periodo colonial. Veiu depois a segunda phase, a chamada da independencia, limitada á creação do imperio, que continuou regido até á hora do desmoronamento pelas mesmas leis e costumes coloniaes.

Essa phase da independencia não merece sequer as honras da critica historica, porque, estando então preparados todos os elementos para a formação de uma grande nacionalidade, só conseguimos de facto a separação politica da metropole, como um negocio de familia, um meio de garantir melhor os interesses da dynastia de Bragança.

E tanto a independencia era uma aspiração nacional, tanto é verdade que a nacionalidade se affirmava, a despeito de um regimen de tyrannia e de rapacidade, que o primeiro imperador foi obrigado a abdicar, não podendo conservar pela força aquillo que pela força havia conquistado. (*Muito bem*).

Esse exemplo do primeiro reinado fez com que o segundo mudasse de tactica, trocasse os meios violentos pela astucia, pelo machiavelismo, pela acção combinada do suborno e da corrupção. Mas se os meios eram outros, o fim continuava a ser o mesmo—manter o povo na estagnação de um despotismo disfarçado, para dar apparencias de vida a um regimen de usurpação, nobre e solemnemente condemnado em todos os movimentos em que esteve empenhado o brio nacional. (*Apoiados*).

Ninguém contestará que a supposta grandeza da ultima phase da monarchia entre nós teve por funda-

mento duas monstruosas mentiras — a mentira politica e a mentira economica.

Sabem todos em que consistiu a acção dos partidos monarchicos na formação do nosso character, no preparo dos elementos que deviam servir á defesa da nossa soberania e á resistencia eventual contra as forças dissolventes accumuladas no paiz desde os tempos coloniaes. Ella não podia ser mais nulla, mais ingloria, mais fatal ao desenvolvimento das forças vivas da Nação.

A sua actividade não se exercia como centro de uma tendencia collectiva, representando uma aspiração geral, mas como trabalho systematico de dois grupos, que só visavam o poder e que tinham no governo os mesmos vicios que lhes serviam de armas de opposição. (*Apoiados*). Póde-se comparar, sem exagero, a politica do segundo reinado, a um theatro de bonifrates, em que os homens mais eminentes eram tratados menos como estadistas do que como titeres da corôa, servos da vontade imperial. Não eram elles que agiam em nome de um programma, ou da decantada soberania do povo, era uma força invisivel, como nos scenarios de operetas; puxava-se o cordão moderador e tudo estava feito, descia o boneco branco, subia o boneco preto. (*Hilaridade; applausos*).

Querem ver nisto a politica idéal da paz e do progresso, pois seja; fique o velhaco com a sua velhacaria e o ingenuo com a sua ingenuidade; o tumulto tambem é a parodia da paz.

É desnecessario insistir sobre a esterilidade dessa politica que apparentava vida e movimento e que na realidade não era mais do que a estagnação do pantano, porque neste ponto, salvo a innocencia dos simples, todos estão de accordo, até os adversarios da Republica. Mas não se dá o mesmo com a outra men-

tira, a mentira economica, que é o argumento predilecto dos inimigos do novo regimen.

É preciso ser demente, ou de má fé, para não ver que nesse terreno a situação da monarchia era uma situação especial, a exploração dum elemento ficticio, o aproveitamento duma força que tinha fatalmente de cessar, como de facto cessou no dia em que a sociedade brasileira comprehendeu que as exalações desse charco não podiam ser a vida do seu organismo. (*Muito bem!*)

Agarrada á muralha sinistra da escravidão, identificada com a pirataria negreira que havia confiscado a liberdade duma raça, a monarchia conseguiu mostrar na phase de agonia, esse brilho de pedra falsa, esse clarão illusorio que só podia durar o tempo que dura o fogo fatuo no cemiterio.

Mas, si ella poude viver até a reforma de 13 de Maio dessa dupla exploração do crime e da miseria, a Republica, ao sahir do dominio da theoria para o dominio da pratica, viu-se na contingencia de esperar que se formassem os dous grandes factores da riqueza publica — a lavoura e a industria, uma abandonada do braço escravo, a outra dos estadistas do imperio. (*Apoiados*).

A escravidão no Brazil era como o senhorio territorial na Europa, sob o regimen feudal: resumia tudo, dominava tudo, possuia tudo; era a seiva do organismo social; a garantia do throno e o fundamento do nosso credito.

Como força productora marcava a relação entre a miseria dos explorados e o luxo dos exploradores, impedia o desenvolvimento do trabalho livre que devia substitui-la e que, não podendo compêtir com ella, teve que retrahir-se, deixando-a senhora absoluta do solo, e por isso mesmo o verdadeiro arbitro dos nossos des-

tinós; como força politica foi o centro de todas as reacções, manteve a permanencia na estagnação por intermedio dos seus mandatarios no parlamento, no governo e na magistratura; resistiu, em nome dos seus interesses olygarchicos, a todas as tentativas de reforma, conseguindo mesmo annullar nos seus effeitos a reforma liberal de 1834, e restabelecer o trafico africano, essa fonte secular da nossa degradação. (*Muito bem*).

Os que hoje declamam contra as novas instituições, ou não guardam memoria do passado, ou são victimas, releve-se a expressão, da nostalgia da lama. (*Apoiados*).

Um dos grandes males da escravidão foi ainda esse poder que ella teve de attrahir para o seu meio uma das forças que sempre estiveram ao serviço das boas causas. Grande parte da mocidade, ao sair das escolas superiores, ia vegetar á sua sombra, arrastada pelo desejo de uma commodidade passageira; em vez da luta, que é a primeira victoria da energia, ella preferiu o repouso dos vencidos, o somno da morte sob os ramos da mancenilha. (*Muito bem, apoiados*).

Podendo confiar na propria força, fazel-a vibrar em beneficio da patria, nobilitar-se pelo proprio esforço, deixou-se anniquillar pelos miasmas desse pantano, como um corpo sem alma, um organismo insensivel aos esplendores da luz.

A quêda de uma instituição como essa, que, sendo um mixto de torpezas e abjecções, era o elemento fundamental da nossa organização politica e economica, não podia ser indifferente aos nossos destinos, não podia deixar de causar abalo sensivel no seio da communnidade. (*Apoiados*). E a prova disso é que quando ella desapareceu, deixou atrás de si, como base da nossa riqueza, uma longa nomenclatura de titulos sem valor,

de que era justamente portadora uma geração de desanimados, de velhos prematuros, e, mais do que isso, a ruína definitiva do proprio regimen imperial.

É um erro acreditar que a monarchia era ainda uma força depois de 13 de Maio; a escravidão era o corpo, ella era a sombra, tinham que seguir o mesmo destino, em virtude de uma lei que não pôde ser sophismada. (*Muito bem*).

Quando chegou o 15 de Novembro, esse glorioso epilogo de todos os dramas da nossa vida politica, o imperio já era uma ficção, um organismo sem voz entregue á insensibilidade estúpida das causas mortas. (*Applausos geraes*).

A Republica não teve, como elle, de se impor pela força, veio apenas preencher o vacuo que elle deixava; mas, ao surgir do fundo da historia, já podia sacrificar aos seus deuses tutelares, já tinha ao nascer o que a monarchia não teve na hora extrema — um altar erguido pela acção do valor, a cuja luz podia, confiada no futuro, fazer a evocação do passado em nome dos seus heróes. (*Muito bem; applausos*).

Esse altar existiu hontem, existe hoje e existirá amanhã; é aquelle diante do qual se ajoelham neste momento os crentes da democracia, para prestar homenagem aos martyres da liberdade, resumidos no patriarcha da Republica, no grande e immortal Tiradentes. (*Applausos prolongados*).

Ha cento e nove annos, no dia de hoje, a cidade do Rio de Janeiro, séde do vice-reinado, offerecia aos olhos da multidão o mais sombrio espectaculo de que ha talvez exemplo na historia da humanidade. Pelas ruas apinhadas de curiosos, almas embrutecidas na opacidade do despotismo, passava um estranho prestito, estranho e mysterioso como a sphynge, porque ninguem sabia, ao vel-o desfilar, se era a ficção da

79

vida que, matando, se preparava para a morte, para o somno eterno na infinita noite do esquecimento, ou se era a morte, a morte apparente da idéa vencida, annunciando o crepusculo de uma agonia fecunda. (*Muito bem ; applausos estrepitosos*).

O tempo mostrou que tudo isso estava comprehendido nessa scena pavorosa, e os proprios satelites do throno sentiam que aquelle que marchava para o supplicio com a tranquillidade de um stoico, com a serenidade de um santo, bem podia, ao descer da força, como Christo da cruz, transformar-se num grande pharol, denunciando os horrores da tyrannia e apontando ás gerações futuras o caminho da liberdade. (*Muito bem*).

Para evitar esse testemunho da luz attestando no plenario da historia os crimes da realeza, era preciso que a alva do condemnado não conservasse a côr branca do lyrio que trahe a innocencia, e fosse embebida no sangue do martyr para que a nobre rebeldia se confundisse com o crime dos scelerados. (*Applausos*). E ao sair das mãos do carrasco, o corpo de Tiradentes já não era o cadaver de um homem reclamando o repouso na terra, a páz da sepultura, mas a fusão de todos os crimes, o alvo de todas as crueldades, paralyzando todas as consciencias, adormecendo todos os sentimentos, negando a justiça e a piedade, o cerebro e o coração, porque só assim se pôde explicar essa vertigem de odios que abriu a pagina mais sinistra que se conhece nos annaes do despotismo. (*Applausos geraes*).

Parecia que o grande rebelde, entregando a vida ao carrasco de Maria I já havia pago com usura o crime de sonhar com a liberdade da patria; mas assim não o quiz o espectro da loucura que pairava sobre o throno dos Braganças; era preciso que a vingança

estivesse na altura da audacia, que o castigo tivesse de escuro o que o sonho tinha de luminoso (*muito bem*); e o nobre inconfidente, depois de estrangulado, foi esquartejado e salgado, como rez de consumo, e as suas carnes sangrentas expostas ao tempo, para escarmento dos povos e pasto ás aves de rapina.

E como se tudo isso não bastasse a saciar a sêde de vingança, mandou a justiça da rainha, essa justiça cujo pallio se transformára em aza de vampiro, que a casa de Tiradentes, cúmplice tambem do sonho do inconfidente (*apoiados e applausos*), fosse destruida até os fundamentos e salgado o espaço que ella occupava, que os seus bens fossem incorporados aos da corôa e, ainda, para que tudo quanto elle havia amado na terra recebesse o seu quinhão de lama, fossem declarados infames todos os seus descendentes.

Julgou a monarchia que dessa fôrma estava destruida a semente da Republica e garantidos para sempre os privilegios da realleza, que, fazendo correr o sangue de Tiradentes, em 1792, como fizera correr o de Philippe dos Santos em 1720, não haveria mais luz no espaço nem lyrio nos campos, e que do seio da terra só brotariam anões, para a guarda sinistra das gehennas. (*Muito bem*).

Tinha-se enganado mais uma vez a justiça estrabica dos tyrannos. Esse sangue derrâmado era, no Brazil, o prologo da velha luta entre a idéa e a fórmula, entre esses dois antagonismos de cujo choque brota a luz da verdade, o pharol permanente, a estrella biblica dos Magos, conduzindo os povos aos seus destinos.

Não são outros os personagens dos dramas da historia antiga que, como disse Hello, aquelle que mediu as alturas das montanhas e as profundezas dos abysmos, foi a arena onde agiram duas forças — a li-

berdade e a tyrannia, uma para a florescência, a outra para a decomposição. (*Apoiados geraes.*)

Era, como dizia aquelle moderno poeta do christianismo, o inicio da velha luta entre o ideal grego e a ficção romana, o imperio da Loba e de Jupiter Stator. A Grecia representava a sciencia, Roma representava a formula; como o Oriente é especulativo, como a Grecia é scientifica, Roma é formularia. Suas leis são copiadas em Athenas; ella escreve a lei das doze taboas por uma dicção estrangeira; seus generaes arrebatam á Grecia suas obras de arte, mas obrigam aos encarregados de conduzi-las a fornecerem outras, no caso de perda ou avaria.

Essa Roma acreditava na força das receitas, agia sempre do mesmo modo, esmagando entre os braços de ferro as aspirações dos vencidos e legislando a seu modo sobre o que havia conquistado. Vêde a sua arte, ella imita, copia, reduz a formula. Sua litteratura é um periodo da litteratura grega, e esse periodo é o periodo das formulas. Era necessario tambem que o mundo conquistado servisse para alguma cousa; elle fornecerá a formula, mas só a formula.

Roma, conquistando a Grecia, acreditava ter conquistado o mundo, mas havia ainda no Occidente alguns amigos do velho mysterio; as florestas druidicas ainda estavam de pé, como um ultimo protesto dos vencidos. Mas Roma era a mais forte; tendo vencido a sciencia e a astucia, a Grecia e Carthago, ella comprehendeu que as florestas da Gaulia abririam caminho ás suas legiões victoriosas, que as arvores sagradas cairiam sob o machado dos seus soldados, e que a formula teria razão da humanidade.

A religião do romano era Roma, sua sciencia era Roma, sua litteratura era Roma, sua arte era Roma. Os templos e as casas estavam invadidos por esse

diluvio de lama. Roma se impunha ao Universo, ao pensamento, á alma, como uma formula immensa, dura como a formula, calma como ella, como ella inflexivel e inexoravel ! Mas um dia a grande machina explodiu, o mundo foi despertado ao ruido dessa explosão.

O Oriente dormia apenas, porque não tinha sido aniquilado; somente o Homero da *Odisséa* não era mais o Homero da Italia. No estylo da *Illiada* descobre-se um descendente dos pastores chaldeus; o estylo da *Odisséa* tráhe um antepassado de Periclès.

Reconduzindo Ulysses a Ithaca, dir-se-hia que Homero se reconcilia com as coisas do Occidente. Mais tarde o rei da Macedônia doma a Asia, a India recua espavorida, a terra faz silencio diante d'elle, a civilização grega se impõe ás extremidades do mundo. Os mares da Asia, se elles tivessem conservado alguma coisa do perfume dos antigos dias, quando sentiam no dorso os navios de Alexandre, os mares da Asia ficariam surpresos ao ver passar o ideal. Poucos dias depois desse dia esse ideal tão nobre e tão grande foi amarrado ao carro de um soldado romano, e poucos dias depois desse novo dia Roma, a victoriosa, cahia em putrefacção. Mas acreditaes por acaso que o ideal tambem apodreceu sobre a carcassa desse gigante?

Não ! Não, porque o ideal era a vida, e a vida quando desaparece é para apparecer de novo, como o sol que se esconde no poente para resurgir depois mais quente e mais luminoso. (*Muito bem*)

Nessa pagina de historia antiga está traçada a marcha da Republica no Brazil.

Christo, com a intuição divina da verdade, pôde dizer aos que seriam mais tarde os seus apostolos, que Deus estava nelle e elle estava em Deus; Tiradentes, ao beijar as mãos ao carrasco, tambem podia ter dito

—eu estou na democracia e a democracia está em mim; levai este corpo que é tudo quanto pertence á realeza e ás aves de rapina. (*Applausos prolongados*). E assim foi; a idéa que o levou ao cadafalso não desapareceu, como a sua carne mutilada nas entranhas dos corvos; pairou como um immenso clarão, desafiando todas as forças, todos os carrascos, todos os thronos e todas as realezas (*apoiados e applausos*), e veio animar pouco depois os bravos pernambucanos na revolução de 1817, esse outro grito republicano que a monarchia abafou em sangue, prendendo, fuzilando e enforcando dezenas de patriotas, sem comtudo destruir a scentelha deixada pelo glorioso inconfidente que resurgiu então no imperio, pela primeira vez, em 1824, acordando de novo o patriotismo dos pernambucanos na Confederação do Equador, suffocada tambem no generoso sangue dos patriotas. (*Muito bem.*)

Mas era em vão que a monarchia lutava contra a sombra do martyr infamado; ella tinha ainda que perturbar-lhe o somno, antes que as aves de rapina, que lhe haviam devorado as carnes, pudessem esvoaçar tambem em torno do cadaver do seu algoz.

E deu-se a terceira apparição, a mais formidavel de todas, e para mostrar que a aureola do martyrio não brilha só na cabeça do santo, mas em toda a parte onde ha fé, que é como a estrella suspensa no alto do firmamento, ella deixou que descansassem as aguias do norte, e veio mostrar-se entre os leões do sul, nos gloriosos pampas, onde em cada folha de arbusto, em cada lasca de pedra agita-se e fala o heroismo de um povo predestinado. (*Apoiados e applausos.*) Foi a revolução de 1835, a guerra dos Farrapos, a Republica de Piratinim, a terceira e grande explosão de patriotismo que durante o espaço de quasi dez annos illuminou a alma nacional, que procurava fugir á esphera

acanhada e egoista da monarchia ascendendo á região serena do amor e da fraternidade. (*Applausos estrepitosos*). Depois dessa formidavel luta de titães, o imperio comprehendeu que já não podia mais dominar pela força o espirito democratico e, em vez da força, dos fuzilamentos em massa, com que mostrava até então que era amado e respeitado, que tinha raizes no coração dos brasileiros, confessava-se fraco e vencido e offerecia garantias em troca da paz. (*Muito bem*).

Era a attitúde estranha do algoz pedindo á victima o perdão dos seus crimes. Dir-se-hia que a sombra do inconfidente, o genio tutelar da Republica, esgotava aos poucos a força do inimigo, para que na hora do triumpho não se lhe pudesse imputar outro sangue senão o vertido pelos seus apostolos. (*Muito bem; apoiados*). E quando ella viu na penultima appareição, entre os spartanos do norte, por occasião da revolta praieira de 1848, que a morte de Nunes Machado era uma obra do acaso, e que o throno já não tinha força para executar Pedro. Ivo, á luz do sol, aos olhos do povo, deixou que a monarchia caisse pelas leis da decomposição, e que a obra republicana se completasse pelo apostolado da palavra, pudesse surgir definitivamente entre bençãos e flores, como antithese da chimera imperial, que nascera da traição e tinha de morrer no meio da indifferença e do abandono.

Essa longa propaganda da fé, guiada pelas maiores cerebrações da nossa Patria, espalhada como na cruzada do christianismo, pela coragem e dedicação dos Paulos da democracia, foi a victoria da razão completando a victoria da força; a Republica, que já era uma verdade, e verdade escripta com o sangue dos seus heróes, tornava-se agora uma aspiração nacional, vivia e palpitava em todas as consciencias, esperando o momento da explosão, o *fiat lux*, o sopro divino

que faz brotar do vacuo os mundos e as constelações. (*Apoiados e applausos geraes.*)

Esse momento chegou emfim nessa estupenda manhã de 15 de novembro, em que as duas forças que se completam, Deodoro e Benjamin, a bravura e a dedicação (*applausos*) resgataram cem annos de lutas, consagrando a victoria definitiva da democracia, no unico paiz da America, onde, por uma cruel ironia, ainda se arrastava a purpura da realza. (*Muito bem; apoiados*).

Era a ultima appareição da sombra de Tiradentes, era a justiça da historia, vingando mais uma vez o sangue das victimas, mostrando aos abutres do despotismo que elles eram impotentes para impedir a marcha das idéas generosas; que assim como o velho obscurantismo não pôde impedir que se representassem os dois primeiros actos do drama da humanidade, a Reforma e o Puritanismo, a acção de Luther contra as tyrannias espirituaes, e de Cromwell contra as tyrannias terrestres, que a fortaleza de Luiz XIV, construida para impedir o vôo do povo para a liberdade, não pôde obstar o terceiro acto, a acção da revolução franceza contra todas as tyrannias, terrestres e espirituaes, tambem o exilio e a corda do carrasco não impediriam entre nós a victoria da Republica como a suprema aspiração de um povo que corria para os seus destinos, como as aguas do Amazonas para a immensidade do Oceano. (*Apoiados e applausos estrepitosos.*)

Mas o glorioso alvorecer de 15 de novembro não era ainda o fim da obra da democracia, porque todas as conquistas do homem, na esphera social, obedecem pelo menos aos tres primeiros periodos da ordem biologica, a confusão, a organização e o desenvolvimento.

O primeiro periodo, no nosso caso, completou-se pela acção de Tiradentes, o sonho dentro do cahos (*muito bem*); o segundo, pela acção dos seus heróes e dos seus apostolos. terminada na manhã de 15 de novembro com o impulso formidavel de Deodoro; faltava o terceiro periodo, o desenvolvimento, a consciência do eu colectivo, unindo numa grande força todas as forças esparsas para a phase final da florescencia e do esplendôr.

Essa obra, que devia representar os primeiros louros da Republica, o coroamento da propaganda victoriosa, não era trabalho do homem vulgar, mas da estatura gigantesca daquelle que, synthetizando todas as energias, resumindo todo o apostolado democratico, operou o milagre de Prometheu, ateou o fogo sagrado do patriotismo, despertou no povo a consciencia da nacionalidade, a maior de todas as forças, o grande e immortal Floriano Peixoto. (*Bravos; applausos estrepitosos*). Citando esse nome, que é a encarnação da Patria e da Republica (*continúam os applausos*), lembrando aquelle que em vida despertava a dedicação dos bravos, e morto acorda a paixão dos fanaticos, eu devia dar por terminada a minha missão, porque na festa de hoje, a festa da resurreição, elle representa o último clarão dominando todos os clarões, a ultima energia dominando todas as energias. (*Apoiados; applausos*).

Mas, por amor do grande patriota, e prestando mais uma homenagem á sua memoria, que ha de durar emquanto durar a nossa raça (*apoiados*), devo ainda dizer algumas palavras para protestar contra a perfidia dos que nos attribuem sentimentos que não temos, nem podíamos ter como republicanos de principios e partidarios da orientação politica do glóriooso marechal.

O Club Tiradentes, que foi, desde a sua fundação, o templo da fé republicana, o pregoeiro das grandes virtudes civicas, e que depois de 15 de novembro tornou-se tambem a sentinela da ordem constitucional, tem sido nestes ultimos tempos objecto de lamentavel confusão, que seria uma clamorosa injustiça, se não fosse a mais torpe das calumnias (*apoiados*).

A reacção operada num certo momento da nossa vida politica contra a norma florianista, o amor da patria e o sentimento republicano (*apoiados*) conseguiu espalhar, para justificar a sua obra de retrocesso, que os membros do club e os que aceitam o seu programma como a fiel expressão do pensamento democratico, eram partidarios da desordem, exclusivistas e sanguinarios.

Se essa calumnia tivesse durado o tempo que durou a escuridão que a produziu (*muito bem*) desnecessario seria qualquer protesto, mas já que ella subsiste como a negação do que fomos hontem e do que somos hoje, é preciso que se saiba, de uma vez para sempre, que somos pela ordem, contra a desordem e a anarchia, que somos uma força conservadora dentro da Republica (*apoiados*) e que não temos outra preocupação senão o culto do civismo, a grandeza da patria e a igualdade republicana. (*Muito bem*).

Foi isso que inspirou os grandes abnegados, cujos nomes invocamos neste momento, como a expressão das nobres dedicações que fazem do homem um heróe e do heróe um semi-deus; é isso tambem o que nos inspira nesta festa, em que o supplicio infamado desaparece na apôtheose á virtude, em que o passado vem se unir ao presente para a suprema victoria da suprema justiça. (*Muito bem; applausos*).

Nos bancos das velhas cathedraes, esculpidos nas épocas de fé, a mesma madeira representa sobre uma das faces a vida de um santo, sobre a outra uma série

de folhas e de flores, de tal modo que cada gesto do santo figurado de um lado, torna-se do outro uma petala ou uma corola; suas dedicações ou seu martyrio transformam-se assim num lyrio ou numa rosa.

Agir e florescer, soffrer desabrochando, unir em si a realidade do bom e a grandeza do ideal, tal é, diz Guyau, o fim da vida humana.

EsSES cujas sombras invocamos, invocando a sombra de Tiradentes, tambem tiveram a vida dos santos, agiram e cresceram, soffreram dentro do odio e desabrocharam no amor da Pátria e da Republica. (*Muito bem; applausos prolongados*). Que elles, presentes aqui, neste novo Josaphat, onde os mortos são o alento dos vivos e os vivos a glorificação dos mortos, continuem a illuminar a cruzada republicana, para que o sonho do inconfidente seja no Brazil e no Novo Mundo a realidade do bem e da justiça e a confusão eterna do obscurantismo. (*Muito bem; apoiados e applausos entusiasticos*). 84

Resumo do discurso pronunciado, como orador do Partido
Republicano Fluminense, na commemoração civica promo-
vida pelo mesmo partido a 5 de Julho de 1912, em
homenagem ao saudoso tribuno fluminense Dr. Belisario
Augusto Soares de Souza

Resumo do discurso pronunciado na commemoração civica em homenagem ao saudoso tribuno flumi- nense Dr. Belisario Augusto Soares de Souza

Si bem me lembro, falando de Belisario de Souza á beira do tumulo que devia guardar-lhe os ultimos despojos, disse Brício Filho que o elogio do grande morto podia ser feito numa unica palavra — bondade.

Não sei que mais luminosa invocação, que mais consoladora apologia, que mais completo panegyrico podem merecer aquelles que, chegados ao termo da romaria, têm, por uma suprema ventura, quem lhes accenda o pharol da posteridade contra o silencio do olvido, contra a escuridão do mysterio, contra o pavor do desconhecido.

Sim, porque a bondade resume todas as virtudes humanas; porque ser bom é cumprir a sua missão na terra, é collocar a idéa acima dos homens, o dever acima do soffrimento, o tempo acima do quarto de hora; é viver pela sympathia, pelo amor, pelo pensamento, pela meditação; é saber distinguir o finito do infinito, é preparar um clarão immorredouro do outro lado do sol poente. (*Applausos.*)

Não sei si ha ainda quem possa negar em absoluto a nossa immortalidade, mas a esses eu diria que

não é necessario ir procurar em outra parte a prova da sua existencia; nós a trazemos em nós mesmos em cada verdade e em cada virtude, esses clarões internos que constituem a alluvião da essencia divina, depositada em nossa alma para ser a fôrma immutavel dos nossos destinos.

Em vão procurareis o desanimo, essa victoria passiva do desespero, na afflicção epica dos prophetas hebreus; quanto mais forte é a procella que lhes rugem em torno, tanto mais serena é a confiança na justiça que os experimenta, porque a consciencia do justo é a muralha invencivel que resiste incolume a todas as tempestades.

Pouco importa a injustiça dos homens, pouco importa a furia dos elementos, o que é preciso é que quando tivermos de enfrentar o mensageiro da eternidade, elle nos encontre de pé; não como um sepulcro caiado, não como um phantasma de nós mesmos, não como um espectro, não desfigurado pelas condescendências da fraqueza ou da covardia, mas como a arvore da vida, como a apothese muda de todas as victorias moraes. (*Apoiados, applausos.*)

O tempo passa, os minutos se escoam, nós morremos a cada instante empolgados pela dôr ou pela alegria, mas aquellas forças que nos fôram confiadas como um talisman contra a morte e o esquecimento, essas permanecem sempre, assignalando a nossa passagem, não acompanham na quêda a areia da ampulheta, porque são a nossa reserva de luz para a ultima jornada através do mysterio, na hora em que houver de cair sobre nós a maldição ou a benção do futuro.

Si essa verdade pudesse ser contestada, si ella não subsistisse a despeito de todos os protestos do materialismo commodista, seria difficil explicar o movel desta reunião, a que estão presentes todas as classes sociaes,

desde a mocidade; que é a esperança da patria, a reserva do futuro, até a velhice, que é a experiencia e a recordação do passado.

Não foi de certo o interesse pessoal, não foi de certo o simples sentimento de gratidão que nos trouxe até aqui porque Belisario de Souza, morto injustamente na penumbra do ostracismo, não deixou no círculo dos seus amigos nenhuma ambição satisfeita, nem descendentes em posição de destaque que possam levar alguém pela mão aos postos cubiçados. (*Muito bem.*) Deixou apenas os vestigios de uma vida honesta, votada ao amor da patria, á obra consoladora da justiça e da fraternidade (*Applausos*) que são as verdadeiras idéas redemptoras do genero humano.

Em baixo ou em cima, glorificados raras vezes no poder, ou perdidos quasi sempre no anonymato das multidões, são esses ideaes que consagram o homem, são elles que tingem a historia do sangue fecundo dos martyres ou põem a corôa da immortalidade na cabeça dos herôes.

Onde ha um cerebro e um coração capazes de dar corpo a uma idéa, e fazel-a transitar, como um archote, de geração em geração, ha tambem uma dupla personalidade, um obreiro invisivel que se desdobra ao mesmo tempo no conspirador do progresso e no cumplice generoso da fraternidade humana.

E assim como o viajante sequioso bebe a agua crystallina, abençoando a fonte desconhecida de onde ella jorra, assim tambem os homens duma época, portadores da mais justa das ambições, a ambição da verdade e da justiça, voltam-se para os representantes desse idealismo puro e, num ruidoso convivio de afinidades bemditas, entoam juntos a oração do futuro, que é sempre o hymno antecipado das grandes redempções. (*Applausos geraes*). 87

Acompanhae a marcha do homem através da historia, revolvei o pó millenario das civilizações, e não encontrareis uma só conquista do presente sobre o passado que não seja um dom do pensamento, um effluvio do coração, communicado ao futuro na palavra do apostolo ou nas paginas dum livro.

É dahi que nasce essa intensa corrente de sympathia entre a multidão sacudida da ancia do ideal, e os prégadores da fé na redempção humana, desde os mais acclamados até os mais obscuros, desde os mais festejados até os mais perseguidos. E a prova de que existe essa especie de communhão á distancia entre as multidões e o solitario da idéa, é que muitos dos que aqui se acham prestando ao grande tribuno fluminense o culto da sua admiração quando elle já não figura no numero dos vivos, nunca tiveram talvez occasião de lhe ouvir o verbo inflammado, nunca lhe apertaram provavelmente a mão, nem mesmo após um rapido convivio do acaso.

Si assim é, porque vieram partir com elle, em espirito, o pão da fraternidade, porque vieram então attestar com a sua presença que a passagem de Belisario de Souza pela terra não lhes foi desconhecida?

Naturalmente porque o sabiam servidor das boas causas, apostolo convencido da democracia, porque nunca o viram sacrificar o culto da idéa ao culto do interesse, trocar o baptismo do tempo pelos afagos transitorios do quarto de hora feliz, porque não trouxe do contacto com o poder o desejo de continuar no poder a troco da mais grave das renunciias, a renuncia da sua personalidade; a renuncia de si mesmo (*Apoiados*).

Belisario de Souza foi com effeito uma das mais nobres figuras que têm logrado apparecer no scenario da politica nacional. Orador empolgante, capaz dos mais altos vôos de eloquencia, nunca poz a sua pala-

vra privilegiada ao serviço da violencia ou da injustiça, mas fiel-a a ser sempre como um reflexo luminoso da sua consciencia na defesa dos direitos e das liberdades publicas.

Servidor fiel dos interesses da communhão, nunca esperou que lhe annunciassem a hora do combate; quando era preciso falar, falava, quando era preciso agir, agia.

Para elle a democracia era tambem uma religião que, ou subsistiria no seu conjunto harmonioso e logico, ou desapareceria envergonhada de si mesma, amaldiçoando aquelles que lhe houvessem tocado na arca santa.

Assim como os homens, folhas esparsas da grande arvore da Humanidade, não transigem impunemente com os fundamentos da vida espirital sem descer a condição de suinó, sem correr o risco de se afundarem na esterilidade do atheismo, assim tambem os cidadãos duma patria livre não podem transigir com a moral e o direito, fundamentos da vida temporal, sem ouvir o tropel do imprevisto, e muitas vezes tambem o ruido das proprias cadeias.

Negar um dogma em religião é provocar o desmoronamento de todo o edificio da fé, sacrificar na democracia um dos seus principios fundamentaes, é retrogradar ao passado e, mais do que isso, é hypothecar a propria liberdade á surpresa do desconhecido. (*Applausos*).

Os povos não vivem só do ouro arrancado ás entranhas da terra, nem é pela profundidade dos seus rios ou pela altitude das suas montanhas, que elles se fazem credores da admiração dos outros povos, mas, como disse Pelletan, o inspirado doutrinador da democracia franceza, pela luz que delles se irradia sob a

triplice fôrma do pensamento, o pensamento lyrico, o pensamento prophético, o pensamento sympathico.

A vida de Belisario de Souza foi um longo apostolado dessa doutrina espirituálista que annuncia por si mesma a superioridade do homem e explica em todos os tempos o progresso moral dos povos.

Astro de primeira grandeza pelo esplendor da imaginação, pelo colorido da linguagem, postos, sem esforço nem affectação, nas pugnas tribunicias, foi sempre um defensor da ordem social, um apostolo convencido dos ideaes collectivos que elle, por uma generosa preferencia, fazia sobrepujar aos interesses partidarios com tanto desprendimento, com tanta abnegação como aos seus proprios interesses. (*Applausos*).

Dotado de uma larga noção de solidariedade humana, affectivo até o extremo, justo e bom para os amigos, como para os adversarios, si elle dominava pelo vigor e o brilho da dialectica, empolgava e vencia mais facilmente pelos dotes do coração. (*Muito bem*). Foi essa a maior virtude de Belisario de Souza, aquella que eu mais preso no homem, porque della se irradiam naturalmente todas as outras.

Não ha cerebro capaz de grandes descortinos, de concepções redemptoras, si não tem a inspirar-lhe taes movimentos aquelle centro luminoso de affeições, que refreia todos os odios, domina todos os egoismos, para reflectir com piedade e sympathia a grande dor da humanidade e realizar com sacrificio e abnegação os ideaes de amor e de justiça que a torturam.

Ha na obra de Maximo Gorcki uma pagina que resume todos os apostolados libertarios, momentaneamente paralyzados na chamma das fogueiras ou na agonia dos calvarios.

Era uma tribu infeliz: de um lado o mar, profundo e raivoso, do outro a montanha, muralha inac-

cessivel de granito, impediam-lhe os movimentos, por detraz o inimigo impiedoso, constituido em legião formidavel, perseguia-a com odio de morte. Era preciso fugir, rompendo a floresta tenebrosa, mas a floresta resistia, negra, emmaranhada, povoada de serpes venenosas, semeada de pantanos mephyticos. A cada passo que faziam os miseros perseguidos tinham o sangue envenenado pelos dentes dos reptis, as carnes dilaceradas pelas urzes do deserto.

E já o desanimo se havia apoderado da tribu esfaimada quando um moço, erguendo-se no meio della, grande como a fé, consolador como a esperanza, sereno como um deus, disse aos companheiros abatidos: Confiae nos vossos destinos, porque eu descobri para vós outros o meio de salvação e, pondo-se á frente da tribu, rasgou o proprio peito, tirou d'elle o coração que, transformado logo numa grande chamma, illuminou subitamente toda a floresta. Auxiliado por essa claridade, que era a essencia divina do devotamento, conduziu os perseguidos á clareira da promessa onde, desaparecendo do meio delles, deixou cair a massa ardente e luminosa cujos ultimos clarões deviam ser as arrhas bemditas de um novo pacto de amor.

Applico a Belisario de Souza a allegoria feliz do grande libertario.

O tribuno fluminense, podendo escravizar-se ao quarto de hora para viver exclusivamente do cerebro, como penhor da sympathia de alguns, preferiu ser escravo da idéa para ser o senhor de si mesmo e viver tambem do coração, como garantia do tempo e da eternidade, porque as idéas redemptoras não têm outro trajecto, não conhecem outros extremos: ou descem ao coração para a eucharistia do amor, ou sóbem ao cerebro para ver de mais alto a extensão dos destinos humanos. (*Applausos prolongados*). É que Belisario de

Souza sabia por intuição que a ninguém é permitido praticar um acto suspeito sem que haja de comparecer em pessoa ou em effigie perante o tribunal da opinião, para cuja justiça debalde se hão de invocar circumstancias attenuantes.

É esse mesmo tribunal que o julga neste momento, proclamando as suas duplas virtudes, de homem e de cidadão.

Como cidadão e homem representativo, podemos dizer de Belisario de Souza aquillo que Emerson disse uma vez de lord Chatham, que havia nesse homem, victima da injustiça e da ingratidão, predicaos de mais valor, qualidades moraes de maior realce do que era lícito deduzir dos seus discursos.

Sua probidade natural, seu grande amor pela ordem como fundamento da vida collectiva e elemento essencial á perfeição humana, não a ordem ficticia, imposta pelo terror, constituida de mentiras e hypocrisias, especie de tocha lutuosa, accesa para a vigilia macabra ao cadaver da liberdade, mas a ordem como expoente da lei e do sentimento de justiça, faziam com que elle collocasse o bem publico acima das preoccupações pessoaes, a patria e a Republica acima dos homens e dos partidos. (*Apoiados; applausos*).

Como homem foi um exemplo de bondade, de tolerancia, de amor e de fraternidade que illuminava todas as almas, aquecia todos os corações, confundindo assim os adoradores dos sentidos, esses velhos calumniadores da humanidade, e provocando novas exaltações intellectuaes, glorificando a sympathia e o altruismo, as unicas forças capazes de todos os milagres, porque transformam em mundos de affeições os mais modestos tugurios, como a maldade e o egoismo convertem os palacios illuminados em mostruarios sinistros de fantasmas e remorsos. (*Muito bem*).

Bem ditos sejam, pois, os homens que, nesta hora maldita de epicurismo e de incredulidade, podem viver como viveu Belisario de Souza, da chamma viva do espiritalismo que foi e será sempre, enquanto houver um vestigio de vida sobre a terra, o evangelho redemptor do genero humano; bemdito seja Belisario de Souza, bemdito seja o homem que ao descer ao seio silencioso do sepulchro deixou uma benção em cada labio, um hymno de amor em cada coração. (*Palmas; applausos prolongados*). 80

Indice das materias

	Pag.
DEDICATORIA	5
Introducção	7
Discurso proferido na sessão de 27 de agosto de 1910. .	25
Discurso proferido na sessão de 12 de setembro de 1910 .	35
Discurso proferido na sessão de 27 de setembro de 1910 .	43
Discurso proferido na sessão de 4 de outubro de 1910: .	61
Discurso proferido na sessão de 31 de outubro de 1910 .	79
Discurso proferido na sessão de 1 de dezembro de 1910 .	107
Discurso pronunciado na sessão extraordinaria de 27 de dezembro de 1910	115
Discurso pronunciado como orador official do « Club Tira- dentes » na comemoração de 21 de abril de 1901. .	145
Resumo do discurso pronunciado na comemoração ci- vica em homenagem ao saudoso tribuno fluminense Dr. Belisario Augusto Soares de Souza	169
